CENTRO DE ESTUDOS LIBERTÁRIOS
C. R. L.

Camaradas!

Bastante ganhareis em lêr, de **hoje em diante,** neste jornal, o seu novo folhetim.

Trata-se duma fantasia comunista da autoria de

JEAN GRAVE

intitulada

TERRA LIVRE

e em que se descreve a vida comunista organisada pela tripulação dum navio de guerra e por uma leva de operários deportados, que a tempestade arremessara para uma ilha deserta.

gem foi de 500.000 exemplares durante a greve ferroviária, e que é normalmente superior a trezentos mil.

No seu número de 1 do corrente, ocupa-se precisamente dum vasto plano de desenvolvimento do *Daily Herald* e da imprensa operária, de modo a torná-la uma arma aperfeiçoada, adequada às circunstâncias.

Com o concurso dos sindicatos, conselhos operários, partidos socialistas, comissões regionais, delegados de fábrica e simpatizantes, esperam os iniciadores, mediante uma campanha activíssima, obter os fundos necessários para a aquisição de material moderno capaz de fazer face ás necessidades duma enorme tiragem, em Londres e Manchester pelo menos. A tiragem actual, superior a 300.000 exemplares, tem-se mostrado com efeito insuficiente em face da procura.

E se durante a greve subiu muito, foi com o auxílio de Manchester e num esfôrço supremo, que não poderia prolongar-se, dados os meios existentes.

A nova empresa ficará sob a dependência directa do movimento operário.

O actual director do *Daily Herald* é Jorge Lansbury, ancião de 70 anos, — velho dec orpo, mas sempre jovem de coração.

Desejamos completo êxito à iniciativa, conhecendo a imprescindível necessidade da imprensa cotidiana operária nesta época.

MADRID, 16.—Dizem de Barcelona que as greves e os *lock-out* acabaram

jornais «de grande informação» fundiram-se, saindo com um só cotidiano, intitulado *La Presse de Paris*, aproveitando-se para isso dos serviços de alguns amarelos. Como resposta, a imprensa avançada, que dentro dêsse bloco da imprensa capitalista não podia ter entrada, formou um grupo oposto, constituido pelos jornais *La Bataille*, *La France Libre*, *Le Journal du Peuple*, *Bonsoir*, *L'Heure*, *L'Humanité*, *L'Oeuvre*, *Le Pays*, *Le Populaire* e *La Vérité*, saindo, com autorização do *comité* de greve, com um jornal único intitulado *La Feuille Commune*. E' o cabeçalho dum número dêsse jornal que hoje reproduzimos, pois não deixa de constituir um documento curioso.

EM ESPANHA

Toca a carregar no contribuinte

MADRID, 14.—Como as câmaras foram abertas o govêrno apresentará hoje mesmo alguns projectos de reforma tributária entre êles o impôsto de rendimento, o imposto de transporte marítimo, suprimindo todas as actuais excepções, e elevando o imposto sôbre o alcool e a cerveja. Aumentam as taxas postais, telegráficas e telefónicas; finalmente é criado o imposto sôbre o aumento das fortunas desde Janeiro de 1916 até 31 de Dezembro do ano cor-

N.º 263 de A BATALHA — Folhetim N.º 1

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

I

O ceu estava negro e com extensas manchas pardacentas que faziam mais obscura ainda a sombra dos seus contornos; a chuva caia com fôrça e densidade; as ondas elevavam-se furiosas e caíam estrepitosamente; o vento soprava com raiva; o mar oferecia a visão terrível do conflito dos elementos desencadeados.

E sôbre essa imensidade em rebeldia, semelhante a uma palha movida pelos remoinhos dum arroio, o navio de guerra *La Aretusa*, aspirado, pode dizer-se, pela tromba que o continha no seu seio, deslizava, fendendo as ondas e assaltado por elas, avançando em linha recta, arrastado pelo ciclone. Devido a uma avaria, as máquinas imobilisaram-se; tinham tentado içar as velas, mas o furacão levou-as; destruido o leme, toda a manobra era impossivel. Para cúmulo da angústia, descobriu-se uma rotura no casco por onde entrava a água, e a tripulação, a tropa e os deportados revesavam-se no serviço das bombas, sem que a conseguissem esgotar.

Tendo saido de Brest havía quinze dias, transportando uma leva de deportados, *La Aretusa* acabava de ser surpreendida por um ciclone, ao qual se tratou de escapar fugindo a todo o vapor; porêm a avaria ocorrida nas pás do hélice, entregou o navio à violência do meteoro, convertendo o comandante, do alto da sua cabine, em espectador impotente da carreira desenfreada que o arrastava.

Havia a bordo uma centena de homens de tripulação, uma companhia de infantaria de marinha, uns tresentos deportados e mais uma centena de mulheres que haviam obtido permissão de seguir os seus maridos, levando consigo os filhos, em número também de uma centena.

Aos primeiros sinais de tempestade, o comandante mandou fechar uma espécie de jaulas destinadas a encerrar os deportados e que se dobrassem as sentinelas, com ordem de atirar para o monte ao primeiro sintoma de insurreição. No que respeitava às mulheres e às crianças, houve um pouco mais de humanidade, deixando-os permanecer numa parte da entre-ponte. Por medida preventiva, o comandante proíbiu que se divulgasse quão perigosa era a situação e algumas sentinelas tinham por missão impedir as relações com os tripulantes.

A água continuava a inundar o navio e foi necessário recorrer à ajuda dos deportados para substituirem a tripulação, exgotada, cheia de cansaço, formando-se entre êles grupos de serviço. Mas, apesar de todos os esforços, a água ia aumentando insensivelmente e o navio, cuja perda se avisinhava rapidamente, deslisava debaixo do furacão com uma velocidade espantosa, desamparado, sem direcção, rodeado de ondas ameaçadoras que se elevavam muito alto e caiam com um estrondo atordoador. No entanto, tripulantes e deportados rivalisavam em actividade e zelo. Perante a calma com que os deportados receberam a notícia do perigo que se corria e a prontidão com que se dedicaram às manobras, o comandante julgou prudente revogar as suas primitivas ordens. As jaulas foram abertas e os deportados que aguardavam a sua vez de ir trabalhar com as bombas, podiam circular de uma jaula para a outra, debaixo da vigilância das sentinelas que, apesar de tudo, se julgára prudente conservar.

Os oficiais tinham discutido a conveniência de se construir uma jangada; mas em face da impossibilidade de embarcar nela tanta gente, ainda contando com as lanchas, desistiu-se da idea. Para não ser engulido pelo abismo, cada qual pensava que era preciso oporse com todas as suas fôrças à invasão da água; ou perecerjam todos ou se salvariam todos. O pequêno número de oficiais, mudos e sombrios, rodeava o comandante; a cada momento interrogavam o ceu com um olhar, esperando ver uma claridade que permitisse formar um juiso, porque já não havia mais que uma esperança: ser arrojados contra uma costa onde pudessem encontrar refúgio.

E o navio continuava deslisando, como que aspirado pelo meteoro, que o arrastava na sua carreira desenfreada.

* * *

A chuva cessara; o vento parecia abrandar.

—Comandante—veiu dizer um oficial — o contra-mestre Jeannic anuncia que a água aumentou um centímetro.

—Está bem. Diga-lhe que não comuque a triste notícia aos homens, para que não desanimem. Que se limite a declarar que o nivel da água continua à mesma altura e que é necessário redobrar de esforços.

O oficial saúdou e deu meia volta. O comandante dirigiu-se aos oficiais que o rodeavam:

—¡Se ao menos soubessemos onde nos encontramos! ¡Em que direcção nos arrasta a tempestade! Porêm a bússola enlouquecida não nos dá indicação que nos sirva. Ignoro aonde vamos. A única coisa que sei é que, desde que rebentou a tempestade, devemos ter feito um trajecto enorme...

Não pôde terminar a frase. De repente perdeu o equilíbrio, conseguindo evitar a queda, agarrando-se à *passerele*, enquanto que os oficiais rolavam todos no solo. Acabava de dar-se um choque violento; o navio, sacudido em todo o seu arcaboiço, teve como que uma espécie de estremecimento; depois ficou imóvel, como se uma mão gigantesca o tivesse agarrado. Todos, deportados, marinheiros e soldados foram projectados uns contra outros e rodaram pelo solo; olharam-se anciosos, ignorando o que ocorrera.

—Certamente que encalhamos sôbre algum recife—murmurou o comandante quando recobrou a serenidade.—¡Se ao menos estivessemos próximos de terra! Veja o senhor se descobre o que ocorre, disse, dirigindo-se ao imediato e dedicando-se a examinar com redobrada anciedade o horisonte.

Umas nuvens negras obscureciam ainda a parte da atmosfera que ficava atraz dos náufragos; porêm, à frente, lá ao longe, via-se resplandecer o mar debaixo do ceu azul. Cessara o vento; as ondas eram cada vez menos altas; a tempestade tocava o seu fim.

—Meu comandante, a água diminue no porão—veiu dizer um oficial que vigiava o trabalho das bombas.

—¡Perfeitamente!—disse o comandante, alegremente surpreendido.— Que se distribua vinho aos homens e que redobrem de energia.

—O navio está colhido entre duas rochas—disse o imediato, que esperara que o oficia se retirasse, para fazer a sua comunicação.

—Poder-se há pô-lo o flutuar?—interrogou o comandante.

O imediato fez um gesto de dúvida.

—Só isso nos faltava—disse o comandante—Felizmente, agora que as bombas vencem a água, podemos ocupar-nos do salvamento. ¡Se não estivessemos longe de terra!—E interrogou o horisonte.

As nuvens deslizavam deixando a descoberto a formosa luz do dia; porêm, quando a vista podia estender-se, via-se o mar tranqüilo, sereno e brilhante em toda a sua extensão, sem mais limites que o horisonte. O comandante rondava-o, mas por todos os lados só via brilhar as ondas debaixo dos raios do sol, que se ostentava resplandecente. Não pôde evitar um gesto de desalento e voltou-se para a outra parte do horisonte, obscurecida pelas nuvens que se afastavam e cuja sombra se projectava sôbre as ondas.

—Terra!— exclamou de repente o vigia, que permaneceu no seu posto.

Com efeito, a alguma distância do barco, as nuvens que a cubriam iam-se dissipando e surgia uma linha parda que, com efeito, não podia ser senão terra. ¿Ilha ou continente? Pouco importava! Confirmava a esperança de salvamento, representava a vida para todos.

—Livramo-nos de boa!—murmurou o comandante, que acrescentou, dirigindo-se ao imediato:

—Senhor de Mortcerf, mande lançar uma lancha ao mar e vá reconhecer o país, enquanto nos inteiramos do estado do navio e estudamos a possibilidade de o pôr a flutuar.

II

Antes de continuar êste relato, é indispensável dar a conhecer ao leitor que espécie de homens eram êsses deportados e a que acontecimentos deviam estar entregues daquele modo aos rigores do Estado.

Havia muito tempo que os pobres, os miseráveis, os que suportam todo o pêso da organização social, produzindo a abundância e o luxo, recebendo em troca, como parte nessa produção, misérias e privações, sofriam a sua sorte mais ou menos pacientemente, julgando natural que entre homens houvesse quem mandasse e que os que mandavam fôssem mais bem pagos pelos seus serviços que os que obedecem, tendo de contentar-se êstes com o que deixassem aqueles. Depois, tinham aparecido os sacerdotes, explicando que, sendo o trabalho o castigo da raça humana, era necessária a submissão a êle afim de se ganhar o ceu.

Tudo isto, porêm, não impediu que pouco a pouco surgisse a dúvida, até que apareceu quem perguntasse como era que os que levavam toda a carga passassem fome e os que nada faziam disfrutassem a abundância do necessário e do supérfluo.

Mas como não se tinha chegado, todavia, a perguntar porque havia quem mandasse e quem obedecesse, tinham-se atribuido as causas da miséria à maneira de governar dos que exerciam o poder e tinha-se imaginado que, depondo os que governavam e substituindo-os por outros que prometiam fazer todos ditosos, se veria enfim florescer a justiça entre os homens.

Continua.

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

II

Sobrevieram revoluções. Mudou-se por várias vezes de forma de govêrno: da Monarquia passou-se à República, da República ao Império, para voltar à Monarquia e depois duma dúzia destas mudanças tornou-se uma vez à República; porêm, se durante essas revoluções se logrou mudar de monopolizadores do poder, se os operários tinham obtido algumas liberdades políticas, para a maioria dêles de nada serviam tais liberdades, porque a sua situação continuava sendo miseravel e não é livre aquele a quem um trabalho exgotante retem na ignorância e na miséria, pois que para se exercer a liberdade é necessário dispor de tempo e dinheiro, do que carece sempre o trabalhador. Tais decepções, tam freqüentemente repetidos, acabaram por inspirar aos proletários a convicção de que o govêrno não é mais que a argola que os sujeita à servidão económica, e que qualquer que seja a mão que a segura, oprime sempre com dureza quando os oprimidos tentam reclamar o que de direito lhes pertence.

Compreenderam que o importante não era a forma de govêrno nem o inscrever-se nos códigos leis concedendo muitos direitos que a falta de meios de exercê-los faziam absolutamente inúteis; que a sua miséria resultava de que a sociedade estava dividida em ricos e pobres e dos pobres, obrigados, para comer, a vender as suas fôrças de trabalho aos ricos, serem por êstes obrigados a trabalhar em seu lugar, tendo cuidadoso empenho em retê-los na miséria, para que estivessem sempre debaixo da sua dependência. Então, a luta mudou de aspecto: converteu-se numa luta dos pobres contra os ricos, dos esfomeados contra os fartos.

Porêm, o homem que trabalha doze horas diárias, escassamente pode desenvolver a sua inteligência, sobretudo quando seus pais, devido à miséria, se viram obrigados a tirá-los da escola antes de tempo para levá-los para a fábrica e também quando nessa escola se teve o cuidado de lhe ensinar que o existente não é susceptível de melhoria, que não pode ser de outro modo, e que se deve respeitar o aguazil, o guarda, o juíz, o deputado, o governador e todo o govêrno, assim como o banqueiro, o patrão e a quantos sejam mais ricos do que êle.

Assim se explica que os trabalhadores tenham adquirido consciência da sua situação e das verdadeiras causas da sua miséria com tanta lentidão. Só numa pequena minoria se desenvolveram as ideas de emancipação, a necessidade de participar dos gozos da vida, de ser homens e não máquinas de produção.

E assim, debaixo da influência desta minoria, as reivindicações tomaram um carácter económico, quer dizer: pediram-se mudanças na propriedade. Mas o êrro político estava demasiadamente arreigado nos cérebros para desaparecer por completo e isto contribuia para dificultar os esforços dos que haviam compreendido.

No entanto, a educação ia avançando e as reivindicações acentuavam-se num sentido económico, tendo-se encontrado meio de ensaiar as fôrças operárias com o que se chamava greve geral, e que consistia em paralisar, num dado momento, o trabalho em todas as partes e em todos os ramos da indústria, para demonstrar aos burgueses que a vida social depende toda da actividade dos que trabalham. Em diversas ocasiões se tentou a greve geral, mas fracassou sempre por falta de acôrdo entre os trabalhadores, devido á ignorância da grande maioria. Porêm essas tentativas, ainda que com êxito tam desgraçado, chamaram a atenção dum certo número, ensinando-lhes o que podia a união, conseguindo-se, por fim, um dia, quando menos se esperava, deter toda a vida social, cessar todo o trabalho, prolongando-se durante três dias a paralisação em várias povoações.

A maior parte das linhas do caminho de ferro viram o seu serviço desorganisado, não circularam os correios, apesár de se ter tentado fazer o serviço por meio de soldados; nalgumas cidades ficaram bairros inteiros sem pão nem carne. Unicamente os grevistas que tinham feito provisão antecipada, poderam socorrer os grevistas de ultima hora, arrastados pelo movimento. Por desgraça, este só se generalisou num pequeno número de localidades. Algumas cidades, que se julgava dariam o exemplo, iludiram todas as esperanças. Além disso, justo é reconhecer, entre os próprios grevistas havia poucos plenamente conscientes os resultado a alcançar e viram-se sem saber que fazer com a vitória alcançada. Muitos voltaram ao trabalho contentando-se com as falazes promessas dos seus exploradores, enquanto que o govêrno fazia prisões em massa. O movimento foi detido e acabou-se por dominar os seus iniciadores.

Porêm, a burguesia sentiu um mêdo terrível e, querendo impedir a repetição do perigo, iniciou uma campanha jornalística. Demais, como nalguns pontos tinha havido conflitos com a tropa, com mortos e feridos de ambas as partes, a campanha foi muito facil, tendo a burguesia feito jogo com todos os seus jornais. Por toda a parte se reclamaram medidas de rigôr: dissolução de sociedades operárias, suspensão de orgãos corporativos, deportação dos agitadores e de todos aquêles que podiam inspirar ódio e mêdo aos lacaios da pêna.

O govêrno, que não desejava senão isso, tomou autorização dêsse conjunto unânime — unânime porque se tinha amordaçado quantos podiam lançar uma nota discordante — para se lançar na arbitrariedade. Compreendia que não havia tempo a perder, que as leis repressivas só teem fôrça emquanto as apoia a opinião pública e que não conseguiria calar indefinidamente a verdadeira opinião e deliberou proceder, sem inquietar-se com as fórmas legais nem perder tempo em discussões ociosas no parlamento para a obtenção de novas leis; era mais rápido e cómodo desempoeirar alguma das antigas e aplicá-la com mais ou menos oportunidade ao caso presente.

Todos os indivíduos que o movimento avançado e associativo contava pela sua inteligência e actividade, fôram encarcerados. Organisaram-se tribunais especiais que começaram a funcionar imediatamente e, como tinham sido bem escolhidos os componentes dêsses tribunais, todos os que a êles fôram submetidos sofreram a condenação de deportação para a Guyenna ou para as paragens mais insalubres da costa de Gabão.

La Aretusa era um dos navios destinados para levar à morte pela febre e pelo esgotamento, em cumprimento das sentenças pronunciadas, uma parte dos que, desejando a maior liberdade e felicidade para todos, tinham feito tremer de medo os que vivem à custa da miséria e da escravidão dos produtores. Por um favor imprevisto, era o primeiro que tinha sido destinado a uma colónia salubre; dirigia-se à Nova Caledonia.

III

Quando o imediato voltou a dar conta do seu reconhecimento, começava a anoitecer. Emquanto examinava a costa próxima e visitava parte do território, tinha-se reconhecido o estado do navio. A tempestade tinha-o arremessado entre dois rochedos à flor da água, onde se achava retido, estreitado como numa prensa gigantesca. A abertura por onde entrava a água, por achar-se encostada ao rochedo, encontrava-se quási tapada, e aos calafates foi fácil tapá-la por completo, acabando-se, depois, de esvasiar o porão. Assim, o comandante pôde prestar toda a atenção ao relato do imediato.

Segundo os indícios observados, a terra que se tinha á vista era uma ilha de relativa importância, desabitada, apesar da vegetação parecer muito exuberante. Por falta de tempo, não tinha podido inteirar-se se ali encontrariam meios de subsistência, aparecendo no entanto, um cómodo refúgio, onde se poderia pensar na forma de pôr a flutuar o navio, se isso seria possível com os meios de que se dispunha ou, ao menos, aguardar-se um ensejo para a repatriação.

Já em plena noite, decidiu-se que o desembarque se efectuasse no dia seguinte. O comandante faz formar todo o mundo na ponte; felicitou primeiramente a tripulação pelos seus bons serviços e aos soldados pela sua disciplina; depois, dirigindo-se aos deportados, agradeceu-lhes a sua obediência e o zêlo que tinham desenvolvido para salvar o barco; asseguron-lhes que êsses serviços seriam tidos em conta quando os podesse conduzir ao seu destino. Terminado o discurso, deu ordem para descansar, recomendando que todos se aprontassem para o desembarque do dia imediato.

Os deportados não se manifestaram perante a alocução do comandante. Não obstante, na sua atitude havia alguma coisa que dava a entender que não se consideravam já prisioneiros. Ou porque o comandante disso se não tivesse apercebido, ou porque não ousasse dar a necessária ordem, não os obrigou a voltar ás suas jaulas e poderam acomodar-se a seu gosto na parte da entreponte que lhes estava destinada. Unicamente as sentinelas, que guardavam as saídas com as armas carregadas e dois canhões cheios de metralha, que continuavam mostrando as suas ameaçadoras bocas, lhes recordavam que a autoridade se julgava ainda todo-poderosa. Porêm, antes de entregar-se ao repouso, formaram grupos e celebraram conciliábulos, vendo-se alguns indivíduos saír dos seus grupos, acercarem-se doutros e voltarem ao ponto de partida.

Continua.

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

III

Tudo indicava que as ideas soltas, os pensamentos isolados, os propositos individuas, ainda que submetidos á imposição das circunstâncias se enlaçavam e estreitavam pelo impulso da solidariedade numa aspiração comum, numa determinação da vontade colectiva. Pouco tempo depois, os grupos dispersaram-se e cada um se arranjou o melhor que pôde para passar a noite.

Ao amanhecer do dia seguinte, tocou-se para o desembarque. Primeiramente, embarcaram as mulheres e as creanças a bordo das chalupas, uma das quais era a vapor. O transporte para terra exigiu duas viagens. Tocou depois a vez aos soldados de marinha, seguiram as caixas dos víveres, os instrumentos, oleados para a construção de albergues e tudo quanto se julgava de mais urgente necessidade nos primeiros momentos, deixando para depois o que as circunstâncias fossem determinando e exigindo. Saíram, por fim, os deportados, a tripulação, os oficiais e por último o comandante.

O navio parecia em estado de resistir indefinidamente á destruição no sitio onde se encontrava encaixado.

O acampamento estabeleceu-se interinamente proximo da praia, aguardando-se a que o reconhecimento da ilha permitisse escolher um sitio mais apropriado se houvesse necessidade duma estadia prolongada. O comandante, no uso da sua autoridade soberana, indicou a cada grupo o terreno onde se devia instalar, designando para os deportados um que ficava submetido á vigilância constante dos soldados; porêm, aqueles, inspirados por um pensamento oculto de rebéldia, pretextaram que o sítio não estava bem escolhido, encontrando meio de se transferirem.

Por fim, ficaram formados dois campos: a tripulação, o comandante, os oficiais e a tropa a um lado; os deportados e suas familias a outro lado. O comandante compreendendo que os deportados não suportariam de bom grado um acto de autoridade, deixou-os á vontade, até conhecer a fundo a situação, para então tomar as medidas que as circunstâncias exigissem.

O desembaque, apesar de se ter efectuado sem incidentes desfavoráveis, foi prolongado e trabalhoso, e era já muito tarde quando o último homem poz pé em terra e quando se transportou a última caixa de viveres ou instrumentos. Como a hora não fosse boa para se tomar a orientação e se fazerem os cálculos para se saber a que ponto do globo os tinha arrojado a tempestade, dedicaram-se os náufragos á construção de abrigos provisórios, constituidos pela ramagem arrancada ás arvores e pelos oleados trazidos do barco. Depois, após uma frugal refeição, retiraram-se para os seus improvisados refúgios, deixando para o dia seguinte a descoberta do local onde se encontravam e o estudo dos meios que possuiam para estabelecer comunicações com terras habitadas.

A manhã do segundo dia daquele isolamento passou-se em conversações ácêrca da situação; havia anciedade por se saber o que resultaria da consulta do sol antes de se empreender qualquer trabalho e, próximo do meio dia, quando se viu o comandante dirigir-se para a colina mais próxima, todos os olhares se fixaram nêle, não o abandonando até que, concluidas as suas observações, penetrou na tenda dos oficiais. ¿Qual o resultado das observações do comandante? Soldados, marinheiros e deportados estavam ansiosos por o saber, mas o dia passou sem que lhes fizessem a desejada comunicação. Os oficiais tiveram conciliábulos em que tomaram parte soldados e marinheiros; os semblantes de todos revelavam pensamentos pouco tranquilisadores, mas os deportados não poderam saber qualquer cousa do que tanto lhes interessava. Aquele silêncio e aquele aspecto geral não era tranquilizador; porêm, chegou a noite, e foi forçosa a resignação, recolhendo-se cada qual ao seu albergue sem saber ainda onde se encontrava.

¿Que significava o mutismo dos oficiais e a gravidade das suas fisionomias? ¿Decifrar-se-hia o enigma no dia seguinte? Tais eram as preguntas que os deportados faziam sem encontrar resposta satisfatória e com essa dúvida se entregaram ás horas negras da noite e da insónia.

O comandante, no entanto, tinha feito saber que, apesar de se estar fora do barco, se conservaria a disciplina; que se tocaria a alvorada em terra como se nada tivesse ocorrido e que o tambor e a corneta dariam o sinal dos actos da vida diária, como se fazia abordo.

No dia seguinte, tocou-se a alvorada, como se havia anunciado. Dóceis ao sinal, marinheiros e soldados se levantaram em seguida e dedicaram-se ás diferentes manobras que lhes ordenavam. Porem, os deportados não fizeram caso e já o sol ia muito alto no horisonte e ainda muitos dêles dormiam á vontade, refazendo-se das fadigas sofridas durante o naufrágio e o desembarque, não restando pouco trabalho aos vigilantes despertar e reúnir o numero suficiente para obedecer ás ordens do comandante e executar os serviços que lhes haviam ordenado.

Tratava-se de abrir uma cova deante da tenda do comandanté para meter um mastro que outro grupo de deportados, debaixo do comando dum contramestre, iria buscar a bordo do *La Aretusa*, que continuava estreitado entre as duas rochas. A elevação dum mastro naquele lugar despertou a atenção dos náufragos, que rodearam os trabalhadores, inquirindo das causas daquela ordem; mas ninguêm pôde responder porque ninguém sabia nada e o proprio contra-mestre que dirigia o trabalho não sabia mais que os outros, Tinham-lhe dado ordens para içar um mastro; cumpria a ordem e nada mais sabia.

O comandante mandou tocar a reúnir e enviou alguns oficiais avisar os deportados de que se tratava duma comunicação importante. A reúnião realizou-se ao pé do mastro. Era ali que se encontrava o comandante rodeado dos seus oficiais; todos tinham aspecto grave e preocupado. Detraz deles estava um piquete de soldados. Quando toda a gente se formou em fileiras defronte do mastro, o comandante falou.

Começou por agradecer a todos a boa vontade desenvolvida, acrescentando que não esperava menos da sua boa disciplina, confiando em que continuariam na mesma elogiavel atitude perante as dificuldades com que de futuro se teria de lutar. Porque não o queria ocultar: as circunstâncias eram graves; mais graves do que se poderia pensar. Se não se conseguisse pôr a flutuar *La Aretusa*, talvez que nunca mais terminaria a forçada estação naquela ilha...

Um estremecimento percorreu as fileiras, olharam-se uns aos outros, e todos fixaram os seus interrogadores olhares no grupo dos oficiais, que permaneciam imóveis e graves.

—As minhas observações de ontem—continuou o comandante—revelaram que a tempestade nos lançou fora da rota seguida pelos barcos que sulcam os mares pondo em relações contínuas as diversas regiões habitadas. A ilha em que nos encontramos está situada entre o 17.º e o 18.º de latitude e até o 185.º de longitude. Deve fazer parte dum arquipélago conhecido, mas cuja situação geográfica, fora de qualquer rota, e de pouca importância, faz com que nenhuma nação se inquiete com êle, não sendo visitado senão por casualidade; de maneira que não podemos alimentar nenhuma esperança no exterior para a nossa repatriação. Tanto podemos ser visitados por um barco do mundo civilizado dentro de breves dias, como podem passar anos e anos sem recebermos notícias de fora. E' preciso, pois, organizarmos a nossa vida com o objectivo de encontrarmos aqui os recursos para empreendermos novamente a viagem ou então criarmos os meios de viver enquanto não chegarem auxílios possíveis mas incertos. No entanto, se estamos longe da mãe pátria, devemos-lhe sempre respeito e obediência. Eu, e os oficiais aqui presentes, onde quer que nos encontremos, representamos o govêrno da República; temos a missão de assegurar o respeito das suas leis, assim como a segurança e bem-estar dos cidadãos; somos, pois, os únicos depositários da autoridade. Podeis contar, portanto, com a nossa solicitude para assegurar a regularidade e boa marcha da pequena pátria, imagem da grande, que vamos formar aqui. Em tróca, espero de vós obediência completa ás medidas que as necessidades ditarem.

Depois, dirigindo-se aos deportados, cujas fileiras se estendiam á esquerda das tropas, acrescentou:

(Continua).

N.º 267 de A BATALHA Folhetim N.º 4

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

III

—Quanto a vós, deportados, não olvidarei o zêlo com que contribuísteis para o salvamento comum. Não quero saber até que ponto eram justas as medidas que a sociedade tomou contra vós; não quero ver em vós mais que cidadãos arrependidos dos seus desvarios e dispostos a sacrificarem-se a todas as necessidades do bem comum. Pela minha parte, dulcificarei em vosso benefício todos os rigores da disciplina e usarei da mais ampla benevolência. As condições excepcionais em que nos encontramos, permite-me proceder assim; no entanto, espero de vós uma obediência passiva às ordens daqueles que os hão de comandar. Fora das horas de trabalho, sereis livres; ser-vos hão designados terrenos para estabelecerdes o vosso acampamento e dos que vieram acompanhados de família, podendo instalar-vos neles como melhor vos convenha. Formar-se hão grupos para o trabalho; vós mesmos, em cada um, nomeareis o vosso director e intermediário com os chefes da administração. Se, como é de esperar, conseguirmos ser repatriados, o govêrno recompensará cada um segundo o zêlo com que tenha cumprido os seus deveres e usará para vós duma clemência amplíssima. Contai comigo para vos recomendar à sua benevolência.

Chegado a êste ponto da sua peroração fez um sinal; um grupo de artilheiros dirigiu-se ao sítio reservado detraz das tendas e voltou arrastando uma das peças ligeiras que faziam parte do armamento do *La Aretusa*, peças que tinham sido desembarcadas de madrugada.

O comandante continuou:

—Agora, como esta ilha não tem designação especial nos mapas, não pertencendo, por conseguinte, a ninguém, e considerando que para nós será o solo da pátria, vou tomar posse dela em nome do povo francês.

Quando a peça foi posta em bateria ao pé do mastro, o comandante, descobrindo-se, pronunciou com entonação solene estas palavras:

—Em nome do povo francês, eu, Ivo Kerguen, conde de Kerguennec, comandante do couraçado *La Aretusa*, declaro tomar posse desta ilha, à qual dou o nome do meu barco: Aretusa.

Fez outro sinal, içando-se, então, a bandeira tricolor no alto do mastro, sendo saùdada com vinte e um tiros, emquanto que os oficiais, soldados e marinheiros gritavam por três vezes: Viva a França!

Os deportados não se moveram nem gritaram, demonstrando uma glacial indiferença. O comandante, que os observava, franziu o sobrancelho; porêm, como se nada tivesse notado, continuou:

—Como eu já disse, ignoro se com os meios de que dispomos conseguiremos pôr a flutuar *La Aretusa*, e empreender novamente a nossa derrota. Os nossos primeiros esforços dirigir-se-hão para esse objectivo. Segundo o primeiro reconhecimento efectuado, esta ilha parece pobre em meios de subsistência, a não ser que um reconhecimento mais minucioso revele nas partes ainda inexploradas recursos superiores aos encontrados.

Por outro lado, os viveres que contem o barco, supondo que a inundação não os tenha avariado, durarão quanto muito um ano, sendo necessário consumí-los com grande parcimónia. Porêm, repito: ignoro quanto tempo estaremos aqui aprisionados. Felizmente, a bordo há sementes e raízes, para serem postas à disposição dos deportados quando chegassem ao seu destino e que, em caso de necessidade, poderemos cultivar.

Os oficiais que não se ocupem no trabalho de salvamento do navio, explorarão a ilha e determinarão o ponto mais favorável para o estabelecimento das nossas cultivações, no caso de ser impossível a saída. O govêrno—disse, dirigindo-se aos deportados—destina-va-os para a valorização da nossa colónia da Nova Caledónia; não os pode conduzir a êsse país, mas neste cumprireis a vossa missão. Neste momento, o trabalho mais urgente consiste no esvasiamento do barco, a fim de o aligeirar, salvar os viveres e tudo quanto nos possa ser útil; a essa tarefa dedicaremos os nossos esforços. Hoje mesmo serão organizados os diversos grupos; podeis descansar durante o tempo que ficar livre. O trabalho começará amanhã à uma hora. Tenho dito. Rompam fileiras.

V

Quando o comandante terminou, soldados, marinheiros e oficiais ficaram no campo oficial; os deportados, formando animados grupos, retiraram-se para o seu acampamento, comunicando as suas impressões e trocando reflexões. Uma vez no seu território, em lugar de se dispersarem formaram um só grupo onde durante algum tempo dominaram as discussões particulares. Ao cabo de uns instantes, um dos deportados levantou a voz, dirigindo-se à assembleia. Era um homem de uns trinta e cinco anos. Dois olhos grandes e ardentes animavam a sua fisionomia, suavisada por uns lábios um pouco fortes que dulcificavam o olhar. Era alto, direito e de ombros largos. Pelo que permitiam ajuizar a sua cabeça rapada um rosto glabro de presidiário, em tempo normal devia ostentar abundante cabeleira e barbas negras.

— Companheiros — começou, depois de ter olhado em redor—¿estamos em família? ¿Há algum delator entre nós?

—Fala, Berthaut; os vigilantes ficaram lá em baixo com os oficiais, a receber ordens—disse um deportado, mocetão de uns vinte e cinco anos, de fisionomia alegre.

—Então—tornou Berthaut—que alguns vigiem para que não nos surpreendam estudando o que agora devemos fazer.

—¿Quem vem comigo?— exclamou um terceiro—Tu, Forgeot—disse, dirigindo-se ao que havia respondido a Berthaut—vens?

—Não há inconveniente, mas temos de ser, pelo menos, cinco ou seis, a fim de se circundar o terreno.

Outros cinco deportados se destacaram do grupo, afastando-se para o campo.

Berthaut continuou:—O comandante arranjou bem êste negócio para que marche bem a seu gôsto. Distribuiu os papéis: êle será o govêrno, a sua força armada está organizada; o nosso papel é bem conhecido; continuaremos sendo o bom povo que trabalha para eles. Não esqueceu senão uma coisa: consultar-nos. A França! A Sociedade! A Pátria! A Autoridade! Coisas admiráveis pelas quais se nos arranca ao mundo e se nos arroja ao desespero e à morte. E êle ainda olvidou outra coisa: sabes que influência exerce isso tudo sôbre nós.

—De que te queixas?— disse uma voz,—Se formos bons rapazes recomendar-nos há à benevolência do govêrno; mas se nos poder reter debaixo do seu domínio...

—Oh! Não duvido dos bons sentimentos de D. Ivo de Kerguen de Kerguenne, mas uma vez que se nos apresenta ensejo de recobrar a liberdade, loucos seríamos se não a aproveitássemos. Pela minha parte não estou disposto a fazer mais do que queira, a não aceitar a autoridade de ninguêm. E se todos somos aqui realmente dó que nos acusaram para nos deportarem, quer dizer homens livres e independentes, demonstraremos a esse senhor que não se faz de nós o que se quere.

—Pois caiamos sôbre eles—interrompeu um.

—Não custaria muito desarmar os *magalas*—acrescentou outro.

—Sem contar que há entre eles muitos que não desejam mais que desembaraçar-se dos seus oficiais. Que esperamos?

As reflexões afluiam de todos os lados. Berthaut, que para falar tinha subido para uma pequena eminência, com os braços cruzados, deixava passar as interrupções; acalmada a efervescência prosseguiu:

—Quando de nós necessitava e nos permitiu circular fora das jaulas e comunicar, combinámos não deixar nada ao acaso e que esperaríamos uma ocasião verdadeiramente favorável. No momento da tempestade o mais urgente era salvar-nos do perigo; mas, agora, chegou o momento. Não devemos esperar que restabeleça entre os seus homens disciplina, essa disciplina que os acontecimentos prejudicaram gravemente. E' tempo de nos decidirmos...

—¡Eh! companheiros—disse Forgeot que chegava correndo—creio que no campo oficial causa inquietação o nosso conciliábulo. O comandante agita-se e tem o olhar constantemente fito aqui. Ordenou aos vigilantes que venham ver do que se trata e o grupo dirige-se para nós.—E com o olhar indicou uma dezena de homens que se dirigiam para a meseta onde estavam os deportados.

—Deixem-nos vir—disse um jovem ruivo, a quem começava a apontar a barba—despachá-los hemos em seguida.

—Sim, que nos paguem uma vez por todas as amarguras que nos fizeram tragar.

E um estremecimento de cólera sacudiu o grupo dos deportados.

—Lartigues não foi mau para nós e muitas vezes passou comunicações dos companheiros.

—Pior para êle.—replicou um—Não se metesse a carcereiro.

—Uma palavra, companheiros—interrompeu Berthaut—Nada de violências precipitadas se não queremos advertir o comandante, fracassando a nossa rebelião. Deixemos por agora tranquilos os carcereiros e ocupemo-nos do estabelecer os detalhes da nossa empresa.

E, como muitos ouvintes aprovassem, acrescentou:

(Continua)

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

V

Deixemos vir os os espiões; cedamos-lhe a praça e, apesar de estarmos debaixo dos olhares do comandante, propo-nho que, com aspecto indiferente e fingindo que passeamos, nos dirijamos em pequenos grupos ou individualmente para o bosquesinho que se vê ali em baixo — e com o dedo indicou, na parte oposta ao campo oficial, uma pequena colina que ocupava a meseta em que se encontravam os deportados.

— Para que os vigilantes de nada suspeitem — continuou — convêm-nos não ir directamente, mas sim por rodeios; alguns até atravessarão o campo oficial. Os que tomarem em caminho levarão as mulheres e as creanças com êles; isso distrairá mais as atenções. Será bom que fiquem alguns aqui, para entreter os espiões e impedir que nos sigam.

— Boa ideia — disse Forgeot — se alguns companheiros me querem acompanhar eu me encarregarei de os entreter.

A reünião dispersou-se lentamente. Quando chegou o grupo de vigilantes, apenas estavam sobre a meseta duas dezenas de deportados, homens e mulheres, ocupados num jogo de agilidade e destreza que os parecia divertir grandemente.

— ¿ Como é isto? — disse o chefe dos vigilantes dirigindo-se a Forgeot, que acabava de passar a correr deante dêle — ¿Onde estão os vossos companheiros, que há poucos minutos estavam aqui todos?

— Sei lá! — disse Forgeot, saltando para o lado, para não ser colhido pela sua companheira de jogo que corria atraz dele — Aproveitam o bom tempo; passeiam!

E afastou-se rapidamente naquele momento!

Chegou correndo a jogadora, dando um tal encontrão no vigilante que por um pouco não o derrubava. Era uma linda morena, de uns trinta anos, chamada Melania, sendo mulher de um deportado chamado Barthoment.

—Vamos!—disse o vigilante—não estamos para jogos. Melhor seria que os vossos companheiros e vós mesmos se dispuzessem a obedecer ao comandante.

Os deportados agruparam-se em volta dos vigilantes.

—Já estamos dispostos — disse um dos deportados com o acento e a pronúncia própria dos bairros populares de Paris—Hoje temos o dia livre e queremo-nos divertir, para mais que a situação não é muito alegre.

—Precisamente porque é pouco alegre é necessário trabalhar para sairmos dela.

—Bah! Aí está o comandante para nos salvar a todos!—disse Melania.

—Quanto a isso tem razão esta moça —disse com galanteria o vigilante em chefe — o comandante parece-me um homem de grande cabeça, capaz de nos tirar dêste mau pano. Eu estou persuadido de que encontrará meio de pôr *La Aretusa* em estado de servir e voltarmos à Europa sem ser necessário auxílio de outro barco. Tenho-o por um daqueles que ouvem crescer a herva.

E a conversação travou-se amistosamente entre vigilantes e deportados.

Quando os conspiradores voltaram ao seu acampamento, os vigilantes, olhando para o campo militar durante muito tempo, de nada de suspeito deram conta, encarregando Forgeot e os seus companheiros de a todos participarem que voltariam antes de anoitecer, afim de se formarem os grupos ordenados pelo comandante.

VI

Quando, antes de anoitecer, voltaram os vigilantes para formar os grupos, os deportados deixaram-nos à vontade, fingindo prestar-se àquela divisão; aceitaram também a designação de alguns dos seus como chefe de cada grupo e, chegada a hora do repouso, cada qual se retirou para os albergues provisórios que se tinham construido e o acampamento parecia entregue à mais perfeita calma. Porêm, à meia noite, apareceram sombras que deslisavam cautelosamente. Saíram da cabana maior, que albergava um grupo grande e foram-se acercando-se das choças mais próximas, despertando os dorminhocos. Pouco a pouco, sem ruído e sem luz, a multidão dos deportados estava reünida. Entre êles havia umas vinte mulheres.

— Companheiros — murmurou Berthaut em voz baixa, mas insinuante — antes de nos pormos em marcha, asseguremo-nos de que cada um sabe o que tem a fazer. Vejamos: Sanduy. ¿estás seguro do teu sargento?

—Sim—respondeu o interrogado — êle é que comanda a guarda situada à entrada do acampamento e conto com dois dos seus soldados. Como lhe cabia a guarda desta noite, arranjou a cousa de forma a levá-los consigo, tencionando pô-los de sentinela nos depósitos de armas, o que nos permitirá apoderar-nos deles sem dificuldade.

—Bem; teremos as espingardas, mas as munições? temos que nos apoderar delas antes que a nossa invasão seja conhecida.

—Com alguns companheiros, dissimuladamente, inspeccionamos o alojamento dos marinheiros—disse Forgeot —Nada mais fácil que uma dezena dos nossos deslizar por diferentes sítios e deitar mão às cartucheiras mais próximas. Já sabemos aonde as teem.

—Perfeitamente. Só falta dar sinal ao sargento de Landey. ¿Onde é que o encontrarás?

—Perto das árvores que há adeante do acampamento.

—¿Quantos soldados tem a guarda?

—Uns vinte.

—¿Serão suficientes trinta dos nossos?

—Sim.

—Pois adeante. Já sabeis o que nos espera se formos surpreendidos em vez de surpreender os outros. O comandante mandará fusilar alguns, para ensinamento, e ordenará que apertem os grilhões aos restantes. Por conseguinte, é uma questão de vida ou de morte. Ao que resistir, pior para êle, mas se podermos lançar mão das armas sem violências e sem vítimas, será melhor.

Um murmúrio apagado de aprovação percorreu o grupo.

—Adeante! Desçamos em pequenos grupos, ocultando-nos o mais possivel e que cada um se dirija rapidamente para o sitio que se lhe tenha designado, para estar disposto a trabalhar quando veja elevar-se o archote que Semaire acenderá oportunamente. E' preciso observar que não há mais que um archote, de que me apoderei quando abandonamos o barco, sem saber para que serviria, e, como é preciso prever tudo, se êle falhar, Lemaire acenderá um grande fogo que será visivel em todas as partes. Em todo o caso, sempre se produzirá algum ruido que servirá de aviso aos que não virem o sinal e quando isto suceda, os que se encontrem nêsse caso irão adeante. Agora, em marcha!

E deslisando entre os matagais, amortecendo as passadas, os deportados dirigiram-se por vários caminhos, para o acampamento, onde tudo parecia dormir.

Por fim, às duas da madrugada, um archote se elevou lentamente da meseta ocupada pelos deportados. A êste sinal, saíram todos dos seus esconderijos e precipitaram-se para os depósitos, apoderando-se das espingardas e recuando para se agruparem. Ao mesmo tempo, Forgeot e os seus amigos apoderaram-se de quantas cartucheiras encontraram à mão, correndo a ajuntar-se aos seus companheiros. Mas êstes movimentos não se operaram com tanta rapidez que não suscitassem alarme. Com efeito, uma sentinela, vendo movimentos suspeitos, disparou a sua espingarda.

Rapidamente se levantou um grande rumor: os homens, surpreendidos no sôno, chocavam uns com os outros na sombra, trocavam-se preguntas, iam e vinham atordoados sem se explicar o que ocorria. Apareceram algumas luzes e prontamente as vozes dos oficiais dominaram o tumulto.

—Que sucede?—preguntavam.

—Roubaram-nos as espingardas!—exclamaram algumas vozes.

—E os nossos cinturões!—ajuntaram outras.

Naquele momento o grupo dos oficiais estava completamente iluminado pelos que traziam archotes. Estavam agitados, sacudindo os homens que lhes vinham às mãos, enquanto que os deportados permaneciam na obscuridade.

—Como! tiraram-vos as espingardas?—exclamou o comandante.—Como foi isso? ¿Não se tomaram as medidas de vigilância que tinha determinado?

—Sim, meu comandante—respondeu um oficial.—Eu mesmo dispus a marcha.

—Amanhã veremos—disse o comandante, cuja voz tremia de cólera.—Agora urge recuperar as armas perdidas. Os deportados deram o golpe. A êles!...

—E' inútil, meu comandante!—disse a voz chocarreira de Berthaut, que apareceu no círculo de luz que projectavam os archotes em volta do comandante—e previno-o que se o senhor e os seus homens dão um passo uma descarga das nossas espingardas os fará cair por terra.

—Apoderem-se dêsse homem!—gritou vivamente o comandante.

Ninguêm se moveu. Um grupo de deportados rodeava Berthaut com as espingardas preparadas. Detrás, envoltos na penumbra da madrugada, via-se a massa dos deportados destacar-se lentamente da obscuridade em que se encontrava envolta, pondo em bateria o único canhão que se havia desembarcado e que estava em seu poder.

O comandante puxou do revólver e elevou o braço na direcção de Berthaut.

—Deite fora êsse revólver, senhor—disse êste—ou os meus companheiros disparam.

(*Continua*).

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

VI

Os deportados que o rodeavam apontavam para o grupo de oficiais. O comandante vacilou; baixou e levantou a sua arma várias vezes; porêm, olhou em volta e vendo os seus homens sem armas, excepto uma dezena de vigilantes armados sómente de revólveres, arrojou furioso a arma e cruzou os braços.

—Está bêm—disse Berthaut—que os oficiais e os vigilantes façam o mesmo.

Todas as armas foram deitadas ao chão. Dois deportados se acercaram para as recolher.

Berthaut disse então com certa ironia:

—Senhor comandante, decidiu ontem da nossa sorte sem nos consultar, o que lhe pareceu natural, dadas as suas ideas e funções. Quando estávamos a bordo, sofriamos a lei do mais forte; a rebeldia era impossivel. Quando na fúria da tempestade necessitou de nós e nos deu alguma liberdade, como se tratava da salvação comum, trabalhámos quanto podemos. Mas hoje, que a desorganização da fôrça e da disciplina que o senhor representa, nos oferece a possibilidade de recobrar a nossa liberdade, adquirimos a nossa qualidade de homens livres. Arrojados a uma terra aonde não existe sociedade nem poder estabelecido, repelimos a sua autoridade e não aceitamos os seus regulamentos...

—Já vejo que o senhor é bom orador —disse irónicamenre o comandante.—Porêm, peço-lhe que seja breve. ¿Quais são as vossas intenções? Porque é preciso notar que, apesar das ameaças, previno-os que não aceitaremos as vossas ordens da mesma forma que vós não aceitais as nossas. Ainda que desarmados, podemos resistir. Foi necessário que procedesseis de surpreza...

—¿Julgava o senhor que lhe iriamos pedir cortezmente as armas?—interrompeu Berthaut com ironia apropriada às circunstâncias.

Quanto ao resto, tranquilise-se, não o obrigaremos a obedecer-nos: salvo no caso de nos querer hostilisar. Não foi em vão que lutámos por ideas de liberdade e independência. Se não queremos obedecer, não é para nos erigirmos em amos em logar dos amos derribados. Contentamo-nos com desarmá-los. Os que queiram viver connosco como companheiros, como iguaes, felizes por dar a sua parte de esfôrço para a obra comum satisfeitos de ter uma parte igual ou equivalente em jiberdade e em subsistências, podem unir-se a nós.

No que respeita áqueles que julgam que uma sociedade necessita de amos e escravos, que pensam não poder viver ditosos se não tiverem uma autoridade tutelar que lhes ponha embaraços á sua evolução, ou se julgam no direito de opor embaraços aos companheiros, êsses podem formar a sua sociedade continuando com o senhor; não os contrariaremos. A ilha è bastante grande para conter dois grupos de aspirações diferentes. Os víveres e os instrumentos serão repartidos à pro-rata dos participantes. Unicamente nos reservaremos as espingardas e os canhões. Cada um participará, na medida das suas forças, no desembarque do que se encontra no navio e a distribuição se fará em seguida equitativamente...

— Em tudo isso—disse o comandante —fala o senhor como se prescindisse do *La Aretusa*, como se se tratasse de estabelecer-se nesta ilha, ignorando se será possivel pôr a flutuar o barco. Suponho que não teem a intenção de reter-nos aqui contra a nossa vontade, se fôr possivel pôl-o em estado de servir.

— Isso veremos depois — replicon Bérthaut — Não tereis mais que dizer-nos. Já vem o dia: vamos retirar para o nosso campo e visitaremos o navio. Podeis desde já escolher um terreno para a instalação da vossa colónia, porque suponho que sereis da nossa opinião ácêrca da conveniência de que os acampamentos estejam distantes um do outro...

Enquanto se desenrolava esta scena, marinheiros e soldados haviam escutado sem nada compreenderem, na sua maioria, senão que a situação se modificava e que os deportados eram naquêle momento os mais fortes. No entanto, alguns que durante a desordem não tinham feito o menor esfôrço para recobrar as suas armas, saíram do seu grupo e dirigiram-se para o dos deportados, que se dispunham a voltar ao campo.

— Eh! companheiros! Não vos ides embora sem os amigos — disse um dêles.

O comandante, vendo-os abandonar as fileiras, deu um passo para êles.

— A deserção perante o inimigo castiga-se com a morte — gritou, rangendo os dentes com raiva.

—Se nos pudesses apanhar—disse um dos desertores, fazendo um gesto agaiatado.

— Sem contar— acrescentou outro— que te vinha aturando há muito tempo e não esperava mais que uma ocasião para te abandonar.

E os desertores misturaram-se entre os grupos de deportados que os receberam amistosamente. O comandante, com os braços cruzados e pálido de raiva, olhou-os. Depois, voltando-se para a tropa, disse:

— Soldados e marinheiros, permanecesteis fieis ao vosso dever; depois regularemos contas e a Pátria recompensará os que permaneceram fieis à bandeira e castigará os maus soldados. Já que nos deixámos surpreender e que temos de sofrer o que não pudemos impedir, não pactuaremos com os rebeldes. Deixemo-los com a sua rebeldia e vamos procurar um sítio apropriado para nos instalarmos.

Debaixo dos raios do sol, que naquele momento se elevava no horisonte, afastou-se com a sua tropa, cabisbaixo e corrido, sentindo os olhares irónicos dos deportados, que o viam ir-se embora sem levar a bandeira tricolor que ondeava ao vento, indiferente aos acontecimentos que se tinham passado.

De repente, um dos soldados que se unira aos deportados, correu para o mastro:

— Companheiros! — disse—ontem, o comandante fazendo içar a bandeira que em tam lastimoso abandono deixa hoje, declarou tomar posse desta ilha em nome do povo francês, dando-lhe o nome de Aretusa. Pois eu, Hugo Samiac, em nome dos homens livres aqui presentes, declaro esta ilha livre de toda a servidão, acessivel a todos os homens sem distinção de nacionalidade e proponho que se denomine Terra Livre. Não içamos bandeira porque não necessitamos dêsse símbolo; porêm, proponho um tríplice aplauso pela Terra Livre.

E os deportados, rindo às gargalhadas, aplaudiram gritando:

— ¡Viva Samiac! ¡Viva a Terra Livre!

VII

São transcorridas algumas semanas desde que os náufragos do *La Aretusa* desembarcaram na ilha, triunfou a rebelião e se fez a divisão.

Os deportados permaneceram na colina que ocuparam desde o princípio, próximo da praia, acolhendo-se nas instalações provisórias que se tinham construido. O clima era suave e belo, e permitia-lhes contentar-se com aquêles ligeiros resguardos, adiando para depois, quando tivessem posto em segurança os víveres e os instrumentos desembarcados, o cuidado de mais firmes instalações.

No que respeitava ao pobre barco, tinha-se adquirido a certeza de que era impossível, com os escassos meios de que se dispunha, pô-lo em estado de navegar.

Colhido entre duas rochas como entre um tôrno gigantesco, seriam necessários pontões com poderosos cabrestantes e formidáveis máquinas para levantá-lo, porque se encontrava como que embutido nos rochedos, por ter cedido a querêna á fôrça do choque. O comandante quiz assegurar-se por si próprio do estado do barco, não querendo acreditar na sua irreparável perda, indo com os seus oficiais ao acampamento dos deportados pedir-lhes licença para visitar o navio, ao que estes acederam sem dificuldade, e depois da inspecção teve de reconhecer que devia renunciar a toda a esperança.

Tinha-se, pois, procedido com actividade ao desembarque de tudo que existia no *La Aretusa*. Marinheiros e soldados haviam subministrado o seu contigente para a faina. A' cautela, tomaram-se as precauções necessárias contra um possível atentado. Nos primeiros dias desembarcaram-se a meia dúzia de peças ligeiras que tinha o breque, sendo colocadas em bateria á volta da vila, protegendo as suas imediações pelo lado do campo militar da mesma fôrma que do da praia.

Além disso, um destacamento de deportados armados vigiava constantemente as operações. Os mais radicais da colónia riam-se da anomalia de existir uma milícia, quando no campo militar, se existia a divisão por castas e chefes, funcionários e governador, não havia já exército. Verdade é que havia razão para isso: ninguêm tinha armas, excepto os oficiais que conservavam as espadas porque os deportados julgaram desnecessário pedi-las. Se o governador desejasse ter uma guarda de honra, o ridículo de ver fazer a parada com paus arrancados ás arvores do bosque próximo, faria com que desistisse da idea. Nenhuma outra necessidade podia fazer-se sentir de uma fôrça armada; nada havia que temer dos deportados, posto que por sua boa vontade é que fôra possível formar-se um segundo campo.

(Continua).

aos colchões quentes, à modorra das

rante o trajecto,—e mesmo assim era

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

VII

Nem contra os simpáticos ao movimento rebelde que ficassem nesse campo, era necessário o armamento, pois que, ou por livre eleição, ignorância ou resto de temor inspirado pela disciplina, os que haviam ficado no acampamento oficial permaneciam por sua própria vontade. Além disso, a proximidade do campo livre teria feito perigoso o emprego da fôrça contra os indivíduos.

A situação era verdadeiramente estranha. Só devido à visinhança é que os deportados se viam obrigados a conservar uma sobrevivência, ainda que muito ligeira, do militarismo e a sociedade autoritária necessitava de contar cóm a boa vontade de todos os seus participantes e de renunciar, pela fôrça das circunstâncias, a algum dos seus meios coercitivos.

—Vós é que tendes à culpa—diziam os deportados aos soldados—de nos vermos obrigados a armar tropas; porêm perdei o cuidado, que isso não é mais que uma tarefa que desempenhamos por turnos, já que a vossa imbecilidade a tal nos obriga e não se converterá em instituição porque temos grande cuidado em não criar chefes e abandonalos-hemos quando entre vós houver mais inteligência.

—Sim, sim—replicavam os Aretusianos, tal era o nome que lhes davam os deportados, emquanto que êstes, ratificando o nome dado à ilha por Samiac, se denominavam Terraliberianos — o tempo o dirá. Vós não quereis chefes, mas ou os mais fortes e astutos vos governarão, ou acabareis por matar-vos uns aos outros.

O desembarque levou bastante tempo, porque se decidira transportar para terra tudo o que de portátil continha *La Aretusa* e não se dispunha de mais que três chalupas, uma delas a vapor; as restantes levara-as o temporal, todavia, tudo se levou a feliz termo sem a menor dificuldade. Resolveu-se destruir o barco, para arrancar todo o ferro e que tam útil seria em terra, assim como as grandes peças de artilharia, mas para isso seria necessário construir plataformas capazes de suportá-las e, por isso, essas operações foram adiadas até que as permitissem os trabalhos de instalação, porque era necessário dedicarem-se com urgência à agricultura e também à construção de habitações definitivas.

Quando tudo que era susceptível de transporte se encontrou em terra, fez-se o inventário dos víveres e, segundo a promessa dos terraliberianos, distribuiu-se lealmente à pró-rata dos indivíduos de cada comunidade. Também se repartiram os instrumentos, utensílios e outros objectos de alguma utilidade, como as sementes e raizes de que falou o comandante. Unicamente as armas foram monopolizadas pelos terraliberianos.

Como aos Aretusianos era mais custoso o transporte por se encontrar o seu acampamento mais longe da praia, os Terraliberianos ajudaram-nos a construir padiolas que facilitaram a tarefa. O transbordo do barco á costa e, para os Aretusianos, da costa para o seu campo, exigiu algumas semanas.

O vai-vem de um campo para o outro, as relações contínuas entre soldados, marinheiros e deportados, produziram naturalmente discussões e troca de impressões e ideas. Os oficiais, não querendo comprometer a sua dignidade, não tinham voltado a pôr os pés no campo dos deportados, desde a sua única visita acompanhando o comandante para o pedido de licença para a visita de *La Aretusa*.

Os grupos de serviço eram comandados por sub-tenentes, que em muitas ocasiões tinham que usar da tolerância, dando extraordinária elasticidade ao rigor da ordenança. Muitas vezes se suspendia o trabalho para se discutir com maior comodidade.

Depois de efectuada a última viagem dos Aretusianos, levando o resto do que lhes tocara, a população terraliberiana via-se aumentada com uma dezena de transfugas de Aretusa.

VIII

Emquanto que uma parte dos deportados trabalhava no desembarque, dedicavam-se outros a construir instalações mais sólidas para abrigarem as provisões e os utensílios, que era o mais urgente, pois que da sua boa conservação dependia o porvir da colónia. No centro do terreno onde se construiram as choças provisórias, que deviam ser substituidas por verdadeiras casas, foi resolvido edificar os armazêns. E emquanto uns cortavam árvores, partiam troncos e renovavam táboas, outros cavavam os alicerces, removiam terras e rasgavam subterrâneos.

Decorreram quinze dias antes que terminasse a construção dessas instalações, pois não possuiam nenhum meio de transportes; as árvores foram arrastadas com cordas desde o sítio onde as tinham cortado até àquele em que iam ser empregadas. Além disso, não possuindo mais que machados e serras de mão em pequeno número, para obter uma só táboa era necessário cortar troncos inteiros. Apesar de empregarem muito as árvores pequenas, sempre se tropeçava com a escassez de ferramentas.. Afortunadamente, a madeira abundava e, naquele momento, mais importância se dava à solidez que à elegância. A oficina de carpintaria de bordo subministrou muita ferramentaria, que facilitou em muito a tarefa.

Por fim, viu-se a obra terminada e em pouco mais de duas semanas depois da divisão do despojo do barco entre os dois grupos, os víveres e as mercadorias desembarcadas de *La Aretusa* encontravam-se armazenadas na Terra Livre e ao abrigo do mau tempo, podendo os colonos passar a outra ordem de trabalhos. Bom era ter víveres; mas, como havia dito o comandante, somente durariam um ano. Ignorava-se que recursos podia subministrar a ilha; alguns colonos tinham feito várias excursões ao interior, mas nenhuma exploração séria se intentára. Resolveu-se convocar uma assemblea para se deliberar sôbre o que era necessário fazer.

O ponto de reunião era uma ampla praça que se traçava no centro da espécie de vila edificada, sendo cercada pelos armazêns e choças provisórias...

Toda a população, homens, mulheres e crianças, estava presente. Quando os colonos estavam reünidos, um dêles subiu a um tronco e tomou a palavra:

—Companheiros; já realizámos uma parte do trabalho necessário, é necessário continuar e para isso reünimos. Agora que pusemos as nossas provisões a coberto, é necessário renová-las antes que se esgotem. Como é um assunto que interessa toda a gente, que cada um dê a sua opinião, que aqueles que teem já uma idea a exponham, para se decidir o que há a fazer.

—Que pensas tu?—perguntaram.

—O que penso em particular é bem simples. E' coisa combinada que, dada a pequena quantidade de sementes e raizes de hortaliça que possuimos, e para evitar perdas e desperdícios, tudo se cultivará em comum.

—De acôrdo — confirmaram várias vozes.

—Pois só falta decidir onde e quando devemos começar a arrotear.

—Lemaire acaba de expôr a situação —disse um que no extremo da praça sobresaia sôbre as cabeças de todos— pela minha parte insisto na minha idea: em primeiro lugar deve-se explorar a ilha, conhecê-la bem, dar-se conta. do que ela contém. Quando a conhecermos, saberemos com que contar e com conhecimento de causa poderemos decidir onde convêm estabelecer-nos e calcular o trabalho necessário.

—Eu—disse Berthaut—repetirei o que já se disse no decurso destas discussões: devemos permanecer próximo da costa, onde fizemos os trabalhos para a instalação provisória. O terreno não falta em redor e parece-me perfeitamente apropriado, sem mais inconveniente que o da escolha. Aproxima-se o tempo das sementeiras; não o desperdicemos. Além disso, nem todos são indispensáveis para êstes trabalhos, podendo nós destacar uma dezena de companheiros para explorarem a ilha.

Então dominaram as conversações particulares, prolongando-se por alguns momentos. Por fim, uma voz reclamou a atenção geral:

—Eu tenho alguns conhecimentos geológicos e creio que não posso empregá-los melhor que ajudando ao reconhecimento da ilha. Se uma dezena de companheiros quere unir-se a mim, amanhã nos poremos a caminho.

—Pois é assunto arranjado — disse Berthaut—os que quizerem acompanhar Thievand, que se entendam com êle e com os armazenistas, para tomar os utensílios e víveres necessários. Agora, no que se prende com a escôlha do terreno a arrotear, julgo necessário, antes de qualquer discussão, que aquêles que teem conhecimentos agrícolas vos dêem o seu parecer. Não há camponêses entre nós?

—¡Eh, Thirion! Tens a palavra — disse uma voz.

Um redemoinho se produziu na multidão e um colono subiu ao tronco que ocupava Berthaut.

—Camponezes? Sim, eu sei de uma dezena que conhece o ofício; eu considero-me om dêles e não há dúvida que seremos de uma grande utilidade para a colónia.

—Magnifico!—disse um—A' agricultura que carecia de braços, brotam aqui cabeças.

—Já estranhava que Forgeot se não saísse com uma maluquice—disse outro.

—Que julgas, pois, que se deve fazer?

—Em primeiro lugar—disse Thirion —convêm fazer um inventário dos instrumentos e ferramentas que possuimos e saber como substituirmos as que nos faltam. Já me informei detalhadamente e parece-me que a falta principal é isso...

—Bom pensamento!—disse uma voz— Eis aqui uma coisa em que se não tinha pensado.

—Como se fez uma lista de tudo que se encontra em armazem, pode saber-se em seguida. Creio que Barthomeny é o armazenista; que nos diga o que guarda.

(*Continua*).

N.º 273 de A BATALHA Folhetim N.º 8

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

VIII

—Eh! Barthomeny, armazenista do diabo—gritou um leitor de Alexandre Dumas—vamos a vêr essa lista e diz-nos como andamos de alfáias agrícolas.

—Aqui está! Aqui está!—disse o aludido, que se apresentou levado em triunfo por dois companheiros de bom humor.—Eu já sabia que seria necessária a lista. Esperai um momento.

E tirando um caderno da bolsa, começou a consultá-lo:

—Quanto a ferramentas... Eis aqui: tenazes, serras, martelos...

—Mas para que queres os martelos? Já vistes eles servirem para plantar couves?

Forgeot continuava demonstrando o seu espírito.

—Fecha a boca—disse um—se não tens alguma coisa importante a dizer. Não estamos aqui para brincadeiras.

—Esperai—continuou Barthomeny—aqui está: pás, picaretas; serve isto?

—Quantas há?

—Quatro picaretas e duas pás.

—Que mais?

—Que mais... que mais...—repetia Barthomeny folheando o caderno.—Não vejo mais instrumentos agrícolas.

—Não há enchadões nem um mau arado?

—Não; se te parece pouco servirá uma segadora de última invenção.

—Sim, presta.

—Façamos uma igual quanto antes...—disse Forgeot.

—Forgeot,—disse Thiron—faz o favor de te calares por agora, que neste assunto não estás no teu meio.

Depois, dirigindo-se para o auditório:

—Quatro picaretas e duas pás é pouca cousa; porêm, ao despejarmos o barco vi um montão de instrumentos que não teem grande utilidade; há além disso a blindagem de *La Aretusa;* tudo isso póde-nos servir para forjar instrumentos. Aqui hão de haver ferreiros; se não há, aprenderemos a forjar e assim poderemos fabricar o que nos falta.

—Eu sou ferreiro—disse uma voz—E eu, e eu, e eu, repetiram outras.

—Então, nada melhor podemos desejar—disse Berthaut.—Está esgotado o assunto?

—Já que estamos nele, preguntarei: póde fabricar-se um arado?

—Nada mais fácil—disse Thirion—Não é preciso um de modêlo complicado; com a ajuda dos ferreiros e dos carpinteiros encarrego-me de pôr um em marcha.

—Com rodas?

—Não são absolutamente necessárias; p ode prescindir-se delas, mas se as tivesse seria muito melhor. Vejamos: há algum carruageiro entre nós?—e interrogou a multidão com o olhar.

Como ninguêm respondesse disse:

—Se não há um carruageiro, é possível que haja algum carpinteiro que possa construir um par de rodas...

—Eu—respondeu um—nunca trabalhei em grande, mas já fiz rodas para carros de criança e julgo poder abalançar-me à construção de outras mais sólidas.

—Bom—disse outro—já há um arado. Mas como será puxado?

—E' verdade!—disseram alguns—não temos bestas de tiro.

—Não importa—disse Thirion—somos bastantes para puxar o arado, o que sempre é mais vantajoso que trabalhar com o enxadão.

—Arre, macho!—interrompeu Forgeot. causando muitas risadas.

—Pois adiante—tornou Thirion—temos picaretas, enxadões, arado e tudo o que necessitamos. Os que se encarregaram da fabricação não teem mais que entender-se e se precisam de ajuda que digam. Resta a questão do terreno. Por onde começaremos? Para mim—continuou, indicando com o dedo uma clareira do bosque—julgo que ali em baixo, próximo do arroio, é um sítio excelente.

—Eu—disse outro dos agricultores—creio que ali—e indicou um ponto do outro lado do acampamento—naquele grupo de árvores e palmeiras, teriamos melhor terreno.

—Sim, o pior é que está menos resguardado—replicou Thirion.

—E porque não há de ser ali em baixo, próximo do ribeiro—disse um terceiro, indicando uma colina noutro ponto do horisonte.

—Parece-me muito pedregoso.

—Próximo do arroio poderiamos regar, se fôsse necessário.

—Sim; porêm, falta saber se o terreno é bom. já examinei o que indico e parece-me excelente.

—Não será melhor o que está próximo às árvores? Chevrier e eu percorremo-lo ontem e parece-nos excelente.

—E' necessário derribar muitas árvores, especialmente para abrir o caminho necessário para o pôr em comunicação com o acampamento.

—Não precisamos de árvores para os instrumentos, para construir vivendas mais sólidas e para as mobilar? Pois com um tiro daremos dois golpes. Ali em baixo, próximo da colina, falta espaço; a colina corta o terreno e tinham que se cultivar os dois lados.

—Que importa isso?

—Importa muito, porque se emprega menos tempo em trabalhar um campo duma só vez, do que sendo necessário atravessar uma colina para se passar dum campo para outro.

—¿E tu, com o teu arroio, quem te assegura que não inundará o terreno quando menos esperarmos?

—Eh! companheiros—disse Forgeot—dêsse modo a discussão faz-se interminável. Se em lugar de perder o tempo elogiando, não os vossos produtos, mas os terrenos da vossa eleição, se visitassem os três, podiam-se apreciar as vantagens e inconvenientes que cada um apresenta, resolvendo-se então com conhecimento de causa.

—Olá!—exclamou uma voz—já vejo que não és tam doido como parecias.

E a proposta, que pareceu racional e prática, ficou adoptada, decidindo-se visitar os terrenos na manhã seguinte para se decidir a qual se devia dar a preferência.

IX

No dia seguinte, de madrugada, os colonos estavam dispostos para a faina: era necessário dedicarem-se todos ao trabalho, desejando cada qual saber como dividir o tempo dedicado à colónia e o que poderia empregar a trabalhar por sua conta para se instalar comodamente.

Thibeand, o geólogo, e Ridoux, o que queria antes de tudo explorar a ilha, organizaram a partida dos exploradores. A fim de acelerar o trabalho e também para se porêm de acôrdo os dois promotores da expedição, decidiram formar dois grupos, dedicando-se cada um a visitar metade da ilha. Cinco ou seis homens para cada grupo seriam suficientes; porêm, à pergunta: ¿quem quere tomar na parte expedição? apresentaram-se vinte homens. Os organizadores viram-se em dificuldades porque não queriam desgostar nenhum, não havendo motivos para escolher um e repelir outros.

—Pensai, companheiros—disse Thieband—que se trata duma viagem fatigosa, que durará uma dezena de dias, durante os quais será forçoso sofrer algumas privações porque, forçados nós próprios a transportarmos as nossas provisões, não tomaremos mais que o indispensável, contando com que o país nos subministrará a bebida. Não sabemos o que se nos reserva; pode suceder que nos extraviemos e que a viagem dure mais que o previsto, o que nos porá numa situação crítica se a ilha não nos abastecer de víveres. Por outra parte, uma dezena de homens é suficiente e uma vez que o trabalho não falta aqui, mais lógico é que fiquem os que não sejam necessários para a expedição.

Expostas estas reflexões, dois ou três voluntários consentiram em se retirar; sobravam três ou quatro, mas a cousa não tinha importância. O grupo foi prontamente armado, equipado e provido de víveres, com facas para cortar arbustos, machados para cortar o mato e bússolas para se dirigir. D'vidiu-se em dois bandos, que deviam explorar o terreno ao largo das costas e voltar para o interior, tomando um a direita e o outro a esquerda, depois de trocados muitos apertões de mão e se despedirem da população.

Por sua parte, os ferreiros e o carruageiro não perdiam o tempo. Este último procurou, encontrando logo em seguida três ou quatro lenhadores para o ajudarem a derribar as árvores que haviam de ministrar a madeira necessária.

A oficina de carpintaria apenas forneceu meia dúzia de machados bastante fortes para trabalhar utilmente no corte das árvores; porêm o depósito de armas do barco, com os seus machados de abordagem, proporcionou-os em abundância para os trabalhos mais ligeiros. Os ferreiros acharam bastante ferro em armazem para os seus primeiros trabalhos, sem necessidade de recorrerem à blindagem de *La Aretusa.* A oficina dos mecânicos da tripulação forneceu uma forja que a chalupa transportou para terra, onde funcionaria interinamente ao ar livre. No armazem encontrou-se o resto da ferramentaria: martelos, pinças, pedras de amolar e bigornas.

Um pequeno grupo de cavadores estavam já dispostos a preparar a casa escolhida para oficina, quando os que se interessavam nos trabalhos da agricultura se puzeram a caminho para visitar os terrenos. Grande número de amadores de agricultura, considerando que se deviam limitar a seguir as indicações dos mais experimentados nas coisas da lavoura, já que não tinham elementos alguns a dar sôbre o assunto, julgaram inútil assistir à inspecção dos terrenos, preferindo fiar-se na opinião dos competentes, ocupando-se noutros trabalhos de utilidade, de melhoria ou de inovação em seu próprio benefício.

(Continua).

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

IX

Só uns cincoenta colonos foram visitar os terrenos. Visitaram primeiro o arroio, designado por Thirion. O terreno foi minuciosamente examinado. A terra estava desbravada, o arroteamento não oferecia grandes dificuldades; não havia necessidade de traçar um caminho, salvo um curto trajecto. Unicamente se houvesse chuvadas fortes, haveria dar-se uma inundação. Em resto, exceptuando êsse perigo, o terreno pareceu bom e a escolha acertada. O sítio era encantador, por todas as partes se viam moitas cobertas de flores que embalsamavam o ambiente. De comum acôrdo, foi denominado o Roseiral.

Aproximando-se a hora do almoço, em vez de continuar a visita à tarde, dirigindo-se, findo voltaram à tarefa, para o terreno dominado por um pequeno bosque designado por um agricultor chamado Ferrand. Achava-se separado da vila por um terreno ondulado e esta foi uma das primeiras dificuldades notada. Era necessário cortar muitas árvores para traçar o caminho.

O terreno não oferecia nada de particular e parecia de arroteamento fácil. Devido ao grupo de palmeiras que o dominavam, o sítio recebeu o nome de Palmeral.

Faltava visitar o terreno próximo da colina. Este, como os anteriormente visitados, parecia excelente, mas tinha o inconveniente de estar cortado por uma série de montículos, o maior de uns trinta metros de altura, que se estendiam nuns cem metros de largura, tendo aproximadamente um quilómetro de comprimento.

Para se ter um terreno de uma só peça, a um lado ou outro dos montículos, teria sido necessário derribar parte dos bosques circunvizinhos e isso complicava o trabalho.

O deportado que o havia proposto, sustentava que não havendo maquinaria a vapor, não havendo mais que o arado, as picaretas e os machadões, não havia interêsse algum em se ter um terreno de uma só peça e que o seu apoio na ribeira, sem impedir uma boa posição, tinha a vantagem de o resguardar alguma coisa dos ventos.

Se o caminho que se traçasse exigisse o corte de muitas árvores, isso não seria trabalho perdido, pois se necessitava de madeira, sendo preferível derrubá-los a queimá-los, como alguêm havia indicado. E a discussão começou de novo, cada um elogiando o terreno da sua preferência e descobrindo novos defeitos e obstáculos nos que outros propunham.

Havia um certo número de indivíduos sem opinião fixa; era-lhes indiferente um ou outro dos terrenos. E a discussão continuava quando chegaram à vila. Mas como os que tinham empenho numa das propostas não cediam e se tinha acordado que se procederia de acôrdo geral e não por maioria, decidiu-se adiar a decisão para o dia seguinte, esperando que a noite fôsse boa conselheira.

Os colossos que tinham ficado na vila entregaram-se a diferentes trabalhos: reparação de utensílios, casas e terraplanagens, mas a maior parte dedicou-se a trabalhos de carpinteria, construção de cadeiras, mesas, outros móveis, etc. Em baixo, no arroio que serpenteava na planície e contornava um dos lados da eminência que contornava a vila, um grupo de mulheres lavava a roupa, estendendo-a outra em cordas atadas às árvores.

Deixando o seu trabalho, os sedentários saíram ao encontro dos que chegavam, para saber o que se resolvera. Formaram-se grupos por todos os lados, comentando-se os incidentes da excursão e expondo-se os propósitos particulares de cada trabalhador e os rasgos de engenho a que cada um tinha recorrido naquele meio em que antes viviam e o rumor das conversações dominava a nota aguda do martelo que golpeava o ferro candente, dando animação e esperança de vida à colónia.

E o sol, que iluminava o quadro com os seus rálos refulgentes, descia lentamente no horisonte, em direcção ao mar.

X

A noite não foi boa conselheira porque a discussão se renovou ao amanhecer com maior energia. A' fôrça de querer demonstrar a solidez das suas objecções, cada um se aferrava com maior tenacidade à sua opinião, transformando a dúvida em verdade demonstrada. Chegaram a travar-se palavras violentas que, sem chegar à hostilidade, impossibilitaram toda a idea de conciliação. A discussão ameaçava eternizar-se, porque se a maioria não tinha opinião fixa e estava disposta a arrotear o terreno que fôsse escolhido pelos que se consideravam competentes no assunto, tinha-se formado, no entanto, em volta de cada contendor, um núcleo de colonos convencidos da excelência do seu território.

Ninguêm queria ceder. Fez-se uma nova visita aos terrenos, sem mais resultado que a primeira; apenas cada um ainda mais se aferrou à escolha do seu campo. Uns provavam que a Costa — nome dado ao território das colinas — oferecia todas as vantagens; os partidários do Palmeral não eram menos afirmativos e os do Roseiral julgaram-se triunfantes ponderando a facilidade de rega que oferecia o arroio, enquanto que os adversários exageravam os perigos.

A discussão começava a pôr em ebulição a colónia, chegando ao ponto de crear partidários. Afortunadamente, os nomes de palmeiristas, costalistas e roseiralistas eram pouco harmoniosos e não havia probabilidades da divisão se arreigar profundamente. Resolveu-se celebrar uma nova reúnião, em busca do melhor meio de proceder naquele caso e a conclusão foi que não havia razão alguma que obrigasse a semear exclusivamente um território. Era mesmo preferível repartir as sementes por terrenos diferentes, porque se uns fôssem suaves, outros dariam bom fruto, não havendo o perigo de se perder tudo. Assim, deliberou-se que se cultivassem os três terrenos.

Depois surgiu a dúvida se seria melhor repartir as sementes por igual entre os três terrenos, ou se cada um se dedicaria a um cultivo especial. Como a terra era, com pequena diferença, da mesma natureza nos campos escolhidos, acordou-se em que os cereais se cultivariam por partes iguais em cada um.

As sementes e raises de hortaliças e flores fôram unânimemente destinadas ao Roseiral, devido à facilidade das regas, devido à proximidade do arroio. Só uma pequena quantidade das plantas mais resistentes foram semeadas noutros terrenos, na previsão de possíveis acidentes. Não faltava mais que pôr mãos à obra e como esta não exigia o concurso de todos e os voluntários não escasseavam, tratou-se doutra ordem de trabalhos.

Os carpinteiros e lenhadores deviam empregar-se em derribar as árvores no traçado dos caminhos projectados. Esse desbaste bastaria para as necessidades de edificação e mobiliário dos colonos, pelo que se decidiu queimar o bosque dos terrenos dedicados à lavoura, o que economizaria trabalho e tempo, ministrando as cinzas excelente adubo.

Os ferreiros estavam em plena actividade; pás, picaretas e machadões começavam já a adquirir forma entre as suas mãos e, cumprindo com as condições dos agricultores, forjava-se a relha de um arado. Além disso, havia meia dúzia de galinhas, que se haviam libertado das violências da tempestade e do apetite dos oficiais e, por feliz casualidade, entre elas encontrava-se um frango que prometia ser um galo magnífico. Para não se perderem e evitar-se que dispersassem, um colono dedicou-se a preparar um galinheiro conveniente, onde podessem gosar duma liberdade relativa e passear à vontade. Para economizar o grão, alimentavam-se com os restos da cozinha e com insectos que as crianças caçavam por diversão.

Toda a colónia estava tarefada porque o trabalho não faltava. Até ao presente conserva-se o tempo bom; as instalações provisórias tinham sido suficientes. ¿Mas não estaria a ilha sujeita a chuvas, furacões e tempestades? Nesse caso já eram necessárias as casas cómodas e resistentes.

Tratava-se, pois, de levar àvante os trabalhos mais urgentes: fabricação de ferramentas, arroteamento, cultivo do campo e construção de casas. Aparte os colonos que por um conhecimento especial do seu ofício deviam dedicar todo o seu tempo ao mesmo género de trabalhos, como os ferreiros na forja, os camponeses no campo e que, em resumo, eram em pequeno número, o resto dos colonos, cuja profissão não havia meios ou precisão de exercer, podiam empregar-se indiferentemente em qualquer outro trabalho debaixo da direcção dos trabalhadores competentes. E como não havia necessidade de empregar todos ao mesmo tempo — o que impediria, àlém disso, a falta de ferramentas — foi resolvido que o tempo que não se empregasse a cultivar terrenos, fôsse dedicado à construção de casas.

Procurou-se dividir o trabalho de forma que se empregassem racionalmente as ferramentas que tanto escasseavam e, uma vez assegurado o trabalho agrícola, resolveu-se consagrar às instalações definitivas os esforços dos disponíveis.

Não faltava a pedra, mas ignorava-se se a ilha possuía gêsso ou cal. Em último caso podia-se fabricar cal queimando as conchas colhidas na práia ou que resultavam da pesca, já que, para economizar as provisões e variar um pouco as comidas, numa das chalupas que restava — uma tinha sido dada aos marinheiros — alguns colonos se dedicavam à pesca em pleno mar ou ao longo das costas. Porêm, na dúvida de se seria preciso fabricar pólvora para a explosão duma pedreira e desejando-se economizar a que havia sido retirada dos paiois de *La Aretusa*, decidiu-se recorrer à madeira, cujo trabalho era, àlém disso, muito mais fácil para a edificação.

(Continua).

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

X

Como não faltava espaço, cada um tomava o que queria para construir a sua casa e até um suplemento para jardim, se o desejava. A escolha das habitações produziu alguma discussão, mas, graças ao espaço ilimitado e á boa camaradagem que até então não tinha deixado de existir entre os terraliberianos, faziam-se concessões recíprocas e as discussões resolviam-se amistosamente, ficando todos satisfeitos.

Os colonos que estavam acompanhados de suas famílias, todos, sem excepção, resolveram fazer a casa e o jardim com um plano traçado por êles mesmos, arranjando a seu gôsto a distribuição interior.

Durante a detenção e a travessia, principalmente depois do desembarque o trato e certas afinidades de caracter produziram grupos de simpatia e amisade; entre os que reciprocamente a sentiam, a escolha das casas foi inspirado no desejo de seus visinhos.

Entre os celibatários, os mais numerosos, também se formaram grupos de afinidades. Já muitos faziam a comida em comum por amisade e por economia de tempo, pois com o trabalho de preparação culinária de um se serviam muitos. Estes decidiram edificar casas grandes, comuns, onde cada um teria o seu alojamento particular, sendo comuns compartimentos como a cosinha, casa de jantar e salas de reunião e de recreio.

Como nem todos podiam ficar satisfeitos, ao mesmo tempo, apesar de sentirem todos a necessidade, o pessoal disponível não podia começar a construção dum grande numero de casas ao mesmo tempo, devido ao que, ainda que não teria sido difícil um entendimento para que cada um tivesse a sua vez, atendendo-se de preferência aos mais necessitados, foi deliberado após aturada discussão, para se evitar recriminações, fazer um sorteio para a ordem de edificação das casas.

O nome de cada colono, ou do grupo de colonos que haviam de viver em comum, foi escrito num papel, lançando-se todos num saco; tirararam-se seis nomes—o numero de casas que se podiam começar a construir ao mesmo tempo—e quando estas estivessem terminadas sortear-se-hiam outros seis ou mais, segundo os braços disponíveis.

Assim ficou solucionado o problema da habitação.

XI

Eram já decorridos doze dias após a partida dos exploradores da ilha e não havia notícias dêles. Não parecia que para percorrer a sua pequena extensão fosse necessário mais tempo e começava sentir-se alguma inquietação, chegando a pensar-se numa batida se, passados dois ou três dias, não aparecessem.

Porêm, quando se completava o décimo-quarto dia apresentou-se no campo o grupo de Ridoux; os exploradores estavam muito fatigados mas de perfeita saúde. Traziam comsigo uma cabra selvagem com dois cabritos que tinham caçado vivos. Surpreenderam os cabritos dormindo e, no desejo de se unir aos filhos deixou-se apanhar a mãe.

A exploração do lado da ilha que tinham percorrido não oferecia nada de notável. Bosques, planícies e alguns ribeiros; não havia montanhas; as colinas mais elevadas apenas alcançariam uns tresentos metros.

Como recursos, tinham encontrado algumas frutas, de que traziam amostras e tinham provado, achando-as de bom gosto, podendo-se dela fazer larga colheita. Durante a excursão caçaram algumas gazelas e diferentes espécies de mamíferos mais pequenos, que pareciam muito numerosos nalgumas partes, cuja caça podia também aumentar e variar a alimentação dos colonos. Tal era em resumo o resultado da expedição.

Como se lhes assegurasse que a outra coluna não tinha regressado ainda, asseguraram que não havia motivo para inquietações. Uma semana antes, alguns dias antes de empreenderem a volta ao acampamento, tinha encontrado Thiebaud e os seus companheiros: estavam bons haviam feito boa caçada e boa colheita, tinham ainda viveres de reserva e propunham-se explorar a sua viagem explorando uma ponta estreita e larga da ilha que penetrava no mar.

Os viajantes foram felicitados pelo êxito da sua expedição, a cabra e os cabritos recolheram-se na capoeira das galinhas, emquanto se construía melhor vivenda e. depois duma comída reparadora, durante a qual tiveram de responder ás preguntas de toda a especie que lhes dirigiam, retiraram-se para descançar, extenuados como estavam por terem dilatado as *etapes* dos últimos dias devido á escassez dos viveres.

O trabalho da colonia, depois de muitas dificuldades, começava a seguir um curso regular. Conseguira-se, depois de vários ensaios, pôr em marcha um arado que funcionava perfeitamente sobre as rodas e começara-se a construção de outro. Deu-se princípio também á fabricação de outras ferramentas que escasseavam ou que não havia para diferentes o fícios.

Começara-se, apesar de tudo, a edificação das casas projectadas e isso deu lugar a uma descoberta que introduziu um grande melhoramento na vida corrente que se ia praticar na colonia.

Até então comera-se nas gamelas que serviam para o rancho em *La Bretusa*, porque a louça dos oficiais, repartida entre dois campos era insuficiente.

Porêm ao cavar-se o terreno para os alicerces das casas, os cavadores descobriram uma argila que um dêles, oleiro de Simoges, reconheceu como útil para a louçaria. A areia da praia era bastante rica em silício, a cinza da madeira queimada ministrava potassa em quantidade suficiente, podendo-se obter sôda pelo aproveitamento das algas. Tratou-se com esses elementos de fabricar cristal, mas como os objectos com ele modelados eram muito frágeis, o descobrimento da argila prometeu remediar um dos inconvenientes de que se queixavam as mulheres.

Louvet, tal era o nome do oleiro, largou a picareta de cavador e correu a encarregar um carpinteiro, debaixo das suas indicações, da construção dum torno para louça. Os pedreiros, entretanto, construíram um forno, enquanto o nosso homem, acompanhado de alguns companheiros, fazia larga colheita de materiais para a fabricação.

As mulheres estavam contentíssimas com a idea de que teriam louça verdadeira, o que as consolou um pouco de se verem perdidas num pedaço de terra perdida no meio do mar, longe de toda a relação com o mundo habitado.

Quanto ao colono que havia escolhido para construir a sua casa o pedaço de terra onde estava o jazigo de argila, escolheu outro e ficou satisfeito com haver contríbuido, ainda que indirectamente, para um descobrimento tam importante e por vêr que as condições de existência naquela ilha podiam melhorar á medida que se fossem conhecendo os recursos que encerrava.

Porque a imaginação dos colonos não se detinha ali: desejosos de estabelecer a sua vila em boas condições de salubridade, o descobrimento da argila fez surgir a idea de se fabricar canos e de se criar um sistem de esgotos que levasse ao mar as aguas sujas, creando assim higiene, limpeza e suprimindo um trabalho desagradavel.

Além disso, a água era abundante e tinha a pressão suficiente para ser distribuida pelas casas. O oleiro pediu e obteve imediatamente meia duzia de voluntários para ensinar o ofício, dedicando-se com entusiasmo ao trabalho.

Por fim, alguns dias depois da chegada de Ridoux, assinalou-se numa tarde a chegada da coluna de Thiebaud. Os exploradores chegaram com boa saude e não pareciam molestados com o largo passeio.

Tinham explorado a parte da ilha que lhes competia, em todos os sentidos, encontrando raros obstaculos facilmente transportos. O maior foi um rio profundo que impedia a passsagem, mas como era muito largo, um dos exploradores, bom nadador, levou á outra margem o extremo duma corda que, ficando muito direita atravez o rio, serviu de apoio para os que não sabiam nadar, permitindo-lhes passar o rio facilmente e sem perigo.

Outras vezes sendo detidos por uma altura inacessível ou por algum precípio, tinham sido obrigados a perder horas em busca dum caminho; todavia, como eomo encontravam facilmente meio de renovar as suas posições, haviam feito tranquilamente a sua viagem, sem precipitações, repousando quando se sentiam fatigados e acampando para explorarem o terreno quando o julgavam conveniente.

Ihieband fizera utilíssimas observações que de futuro permitiriam tirar grande partido dos recursos da ilha. Indescutivelmente, ela devia a sua origem a alguma exploração interna nos primeiros tempos geológicos, o que lhe valia estar coberta dum riquíssimo manto de humus, causa da sua saudosa vegetação.

Os animais que a habitavam teriam sido provavelmente importadas, porque não havia probabilidades da ilha ter feito parte dum continente, earecendo, por si mesma, de importancia para que nela se desenrolasse a vida.

Thiebaud encontrara vestigios de enxofre; certamente que fazendo-se excavações, se encontrariam alguns jazigos e como, àlêm disso, nalgumas grutas tinha visto montões de salítre, pensou que os Tenaliberianos poderiam renovar a sua provisão de pólvora, não com a idea de empreenderem uma guerra mas sim para se defendere se fosse necessário, para a caça e para os futuros trabalhos domésticos.

Alguns conhecimentos botânicos permitiram-lhe também reconhecer algumas plantas cujos talos, sementes ou raízes poderiam servir para a alimentação e ser cultivadas. Em resumo, a expedição foi verdadeiramente útil.

Continua)

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XI

Para festejar o feliz regresso das expedições e os seus resultados, os terraliberianos improvisaram um banquete, servido no solo, por falta de mesas e cadeiras, mas pleno de verdadeira alegria.

XII

A colónia ia-se organizando pouco a pouco. A' medida que a sua situação melhorava, os colonos tornavam-se mais exigentes, procurando coisas novas para realizar.

O banquete dado em honra dos exploradores fez sentir a falta de mesas e cadeiras.

Alguns colonos mais engenhosos, fora das horas de trabalho da colónia, empregaram o seu tempo a fabricar dêsses móveis; mas a falta de ferramentas, especialmente para fazer tábuas, que os obrigava a trabalhar um tronco com o machado, por falta de serras que o cortassem convenientemente, a operação tornou-se pesada e aborrecida.

Entre as árvores abatidas para rotear os campos, encontraram-se algumas de qualidades esplêndidas para mobiliário, que foram cortadas em pedaços e separadas a fim de secarem e serem empregadas depois proveitosamente, para quando, terminados os trabalhos mais urgentes, poderem os colonos pensar em satisfazer necessidades de segunda ordem, que se delas tratassem primeiramente pareceria um luxo no meio da escassez em que se vivia.

Acabadas as seis primeiras casas e depois de nelas se instalarem os colonos a quem pertenciam, os terraliberianos resolveram celebrar uma festa.

Não muito longe da vila, mas num sítio de difícil acesso, por causa da frondosidade e espessura do arvoredo e trepadeiras que o rodeavam, existia uma cascata que alguns colonos descobriram quando passeavam por um caminho que tinham aberto com os machados e espadas.

A' noite, à mesa, falaram da beleza daquele pedaço de paisagem. Um dos colonos, engenheiro que tinha dirigido algumas fábricas e que em virtude do seu radicalismo fôra incluído na expulsão de trabalhadores feita pela burguesia, propôs que se estabelecesse ali uma turbina para obter uma fôrça motriz que permitisse acelerar o trabalho.

E como a grande questão de saber como se poderiam arranjar as pranchas necessárias para a construção das casas e a fabricação de diversos acessórios que se julgavam precisos, se apresentava todos os dias, porque os colonos não se contentavam já com os primitivos planos e acariciavam projectos de embelezamento para edificação das vivendas futuras, a idea foi calorosamente acolhida pelos terraliberianos.

Conforme o tempo passava, o trabalho aumentava. Todas as fôrças da colónia se empregavam então numa diversidade de trabalhos que seguiam o seu curso.

Sem contar com a agricultura e a edificação, que ocupava a maior parte das fôrças disponíveis, como resultado da expedição de Thiebaud, tinha-se destacado um grupo de seis homens para extrair o enxofre e o salitre recentemente descobertos.

Projectavam-se trabalhos mais sólidos onde seria preciso o emprêgo de pedra, e tratava-se de fabricar a pólvora necessária para a exploração de uma pedreira.

Como medida preventiva para se obter a cal para a alvenaria, guardavam-se as conchas procedentes dos restos da cozinha, e ao mesmo tempo utilizava-se o trabalho das crianças, enviando-as à praia, a fim de colhêr as conchas que a maré baixa deixava a descoberto, o que também proporcionava um suplemento de alimento para as galinhas.

A fabricação da olaria e da loja de ferreiro ocupava também grande parte do tempo; por isso a idea da criação de uma fôrça motriz foi acolhida com entusiasmo, porque além de se empregar na fabricação de tábua, encontrava-se meio de adaptá-la a outros trabalhos.

No dia seguinte o engenheiro foi visitar a cascata e declarou que a turbina podia instalar-se sem dificuldade.

Ferreiros e carpinteiro puzeram imediatamente mãos à obra para estabelecer a serra mecânica, enquanto as oficinas não acabavam de instalar-se.

O engenheiro, quando dirigia os trabalhos, deixára escapar algumas palavras que, como dizia Forgeot, não caíram em ouvido de surdo.

Explicando que a disposição da cascata se prestava para a instalação de duas turbinas, pelo menos, e que cada uma poderia desenvolver fôrça suficiente para pôr muitas máquinas em movimento, preguntou se haveria electricistas e mecânicos entre os companheiros, e, recebendo uma resposta afirmativa, prometeu que, se os mecânicos pudessem construir um dinamo, êle se empenhava em fornecer fôrça e luz eléctrica.

Por acaso, passava naquele momento um grupo de colonos puxando um carro, há pouco construido para facilitar os transportes, e manifestaram o desejo de que se construisse um motor eléctrico para mover os carros.

—Não é impossível—respondeu o engenheiro.

E todas essas palavras, transmitidas pelos colonos, foram o objecto de todas as conversas durante o dia. Decididamente, em breve nada haveria que invejar do mundo antigo.

A' noite, quando depois da refeição os colonos se reüniram passando pelo largo que tinham feito ao centro da vila, para manifestar as suas impressões e discutir os assuntos comuns, chegou-se à conclusão de que se estava realizando o ideal da nova sociedade.

—¡Com que falsidade os burgueses afirmavam que uma sociedade livre era impossível, que sem autoridade ninguem quereria trabalhar, que os mais astutos e os mais fortes subjugariam os mais débeis e os menos inteligentes!

—Até agora todas as nossas opiniões foram fácilmente aceites, e se entre nós tem havido alguns companheiros com tendências para a preguiça, procurando ocultar-se à hora do trabalho, o medo de sofrer os olhares desdenhosos e irónicos conteve-os, e por fim considerou-se mais vantajoso deixá-los entregues a si próprios do que imobilizar outros que os vigiassem, o que seria dupla perda de fôrça. Em resumo, êsse facto não dificultou a boa marcha dos nossos trabalhos.

—Sem contar—disse outro—que arremessados para uma região desprovida de tudo, as dificuldades teem sido muito maiores do que seriam, se a evolução tivesse podido realizar-se de maneira que não fôsse preciso adaptarmo-nos a condições novas, onde cada um tivesse seguido o desenvolvimento das suas aptidões; ao passo que aqui não só foi necessário adaptarmo-nos a ofícios que não conhecíamos, como também fomos obrigados a dedicar uma parte do nosso tempo a um trabalho de necessidade comum, não por livre eleição, por tendência ou por afinidade, mas porque era urgente, o que não aconteceria na antiga sociedade, onde tomariamos tudo o que existia e não tinhamos de criar tudo.

—Temos que reconhecer também—expôs outro—que aqui não tivemos adversários que se apresentassem no dia seguinte ao de uma revolução; pode dizer-se que todos estávamos preparados pelas nossas ideas, o que representa uma vantagem enorme.

—Apesar de tudo—observou outro—se, por efeito das circunstâncias em que nos encontramos, não pudemos ainda organizar por completo o trabalho, segundo as nossas concepções teóricas, para elas nos vamos encaminhando à medida que os trabalhos urgentes vão terminando.

Logo que se acabe de rotear os terrenos, depressa os que a êsse trabalho se dedicam poderão entregar-se a outros trabalhos da sua eleição. Thirion, Chevrier e seus companheiros bastaram para os trabalhos agrícolas. E se os nossos ensaios de jardinagem obtiverem bom resultado, a abundância de plantas e de sementes permitirá aos apaixonados combinar os seus trabalhos com o cultivo das flôres.

E a discussão seguiu o seu curso até que, impondo-se a necessidade de descanso, cada um recolheu a sua casa; mas como ainda se estava longe de chegar ao cabo dos trabalhos urgentes, e muito esfôrço se gastava durante o dia, estas discussões tinham o carácter de recreio e nunca se prolongavam em excesso.

XIII

Como indicava a alusão feita na discussão anterior, os colonos tinham notado que no meio da actividade geral se produziam algumas manifestações de indolência. Notara-se mesmo que um pequeno número de terraliberianos se furtavam demasiado ao esfôrço comum, apresentando-se sempre à distribuição dos víveres e eclipsando-se às horas de trabalho.

O caso passou por muito tempo despercebido, porque na Terra Livre não havia vigilância e como cada um podia trocar o trabalho a seu gôsto e as pedreiras estavam separadas e distantes, não se podia saber com precisão em que ponto estava êste ou aquele colono. De resto, os que a tal abuso se dedicavam tinham tido a astúcia de se agregar como moços dos grupos de ofício, e o seu trabalho era, portanto, o menos necessário.

Mas um dia, um dos colonos que acabava de levar vários objectos pedidos peios trabalhadores do salitre, passando por um bosque bastante afastado da vila e das pedreiras, encontrou alguns colonos jogando as cartas.

—Que tranquilidade!—disse, detendo-se para contemplar os jogadores, sem dar grande importância ao caso, julgando ser apenas questão de um momento de descanso.

(*Continua*).

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XII

No entanto, em conversa com os companheiros, deu conta do seu achado e essa revelação deu motivo a que outros relacionassem certos indícios e suspeitas e pela noite, depois da ceia, nas conversações da praça, alguns colonos de carácter susceptível entretiveram-se a preguntar aos das pedreiros, para averiguar os que tinham trabalhado, acabando por se demonstrar à evidência que os jogadores não eram vistos onde se trabalhava.

O descontentamento traduziu-se primeiramente por algumas frases de duplo sentido dirigidas aos delinquentes, depois por ataques mais directos, mas êles responderam que eram livres e não queriam trabalhar senão quando lhes agradasse. Alguns terraliberianos, irritados, propuzeram que se lhes suprimisse a ração se não cortassem os víveres, porêm, a grande maioria opôs-se a essa medida, reconhecendo que no dia em que se negassem os víveres a alguns seria necessário vigiá-los, o que criaria uma classe de golgarões e enquanto se adoptavam medidas coercitivas contra alguns membros da colónia, dava-se à maioria o poder de oprimir a minoria.

Tendo-se rebelado contra a autoridade, não se devia introduzir esta na Terra Livre, considerando que era mais prudente sofrer um mal pequeno que criar outro maior. Melhor seria, quando os golgarões necessitassem de algum serviços, fazer-lhes compreender que teriam que ser para os outros o que quizessem que os outros fossem para si.

E assim se deixaram passar as cousas. Ficaram um tanto envergonhados; no entanto, em meio da actividade geral, os Rígidos, porque, como dizia Forgeot, tinham ossos na barriga e não podiam dobrar-se para trabalhar e ainda que ninguêm tratasse de comprovar essa heresia anatómica, ficou o nome de tribu dos Rígidos. De quando em quando, apareciam nas pedreiras, agitando-se muito e fazendo pouco, o suficiente para que se não pudesse dizer que se não negavam em absoluto ao trabalho. A verdade é que êsses ataques de actividade não duravam muito e eram seguidos de freqüentes e mais prolongados eclipses; mas isso não afectava na mínima cousa o bom humor dos colonos, que acabaram por se divertir à sua custa, dirigindo-lhes chufas, às vezes algo pesadas, que os golgarões aceitavam rindo e replicando.

Os deportados contribuiram com um contingente de quatro ou cinco homens para a tribu dos rígidos; os restantes procediam do grupo de soldados e marinheiros desertores. No entanto, a sua vadiagem não foi absolutamente improdutiva. Um deles, que tinha sido aluno duma escola agrícola e estudara especialmente as plantas têxtis, apareceu um dia, de volta dum dos seus passeios, com um braçado de herva,

—Onde vais com isso?—disse-lhe um colono — dedicaste-te a procurar comida para a cabra?

— Isso — respondeu o rígido — servirá para te vestir.

— Boa idea; tem razão. Quando se romperem os vestidos, usaremos cinturões de folhas; vais mudar a moda?

— Não sejas louco. Esta planta serve para fazer tela.

— E tomando um talo entre as mãos, triturou-o, mostrando os filamentos que dêle se desprendiam.

Para que se desprenda melhor tem de sofrer uma preparação.

A renovação dos vestidos tinha sido tratada mais duma vez pelos colonos; assim, quando circulou a notícia, a colónia sentiu-se cheia de alegria, comovida e todos felicitaram o seu autor, carregando-o com preguntas. A planta parecia abundante na ilha e podia-se tentar o seu cultivo. Randon, assim se chamava o folgazão que acabava de prestar serviço tam importante, estava contentíssimo e não desejava mais que

Madeiras serradas em todas as

guiar homens de boa vontade para se colher a planta e dar conselhos para o seu cultivo. Devido a isso, resolveu-se arrotear mais um bocado de terreno, próximo a um dos já aproveitados, para o cultivo de plantas têxtis.

Outro rígido, chamado Flochard, era um dos desertores que, antes de ser soldado, fôra caçador furtivo. Este declarou sinceramente que aborrecia o trabalho e que não se subtraíra à autoridade do comandante e dos seus subalternos, para aceitar a dos colonos. Flochard queria vaguear pelos bosques em procura de caça ese lhe dessem uma espingarda e as munições correspondentes, comprometia-se a prover a colónia de carne fresca.

Os colonos discutiam a proposta. Se devido às descobertas de Thiebaud havia a certesa de se poder fabricar pólvora, restava a questão dos projecteis. Ter carne fresca era coisa secundária, pois que já se tinha a pesca e se esperava a multiplicação dos pombos e dos cabritos e os metais que possuíam tinham um emprego mais útil que o de projecteis para matar animais.

Verdade é que a carne fresca para variar de vez em quando a alimentação não era coisa para ser desdenhada. Um propôs que se usasse armadilhas e laços.

Flochard declarou que não o satisfazia a caça dêsse género.

— Pois faz-se um arco e flechas— disse um.

A idea foi uma revelação e, ajudado dum companheiro mecânico, Flochard construiu uma arma que se podia encostar ao hombro para apontar, o que dava a impressão duma espingarda e tinha mais precisão que um arco.

Providos das suas novas armas, iniciaram a campanha e a sua caça, ajudada dos laços que Flochard, apesar de todo o seu desdem, sabia pôr admiravelmente, exalava quasi diariamente na cosinha dos deportados apetitosos odores a carne fresca.

Mas como não abundava na quantidade suficiente para ser servida a todos no mesmo dia, não havendo enfermos que requeressem cuidados particulares, repeliu-se a idea de a sortear, acordando-se que cada qual comeria a carne por escala, segundo a fortuna dos caçadores.

As peles, salgadas e guardadas cuidadosamente, para ser curtidas quando se encontrasse um sucedâneo da cortiça de azinho, deviam fornecer como cuja utilisação seria regulada pelas necessidades.

XIV

Devido ao seu título de caçadores da colónia, os nossos dois rígidos dedicaram-se à caça com exclusão de todo o outro trabalho, e, umas vezes juntos e outras separados, percorriam os bosques da ilha.

Se em companhia de outros rígidos se esqueciam da sua obrigação para jogar uma partida, ou prolongavam demasiadamente uma sesta nalgum retiro frondoso e pitoresco, os colonos de escala adiavam para o outro dia o seu direito à ração de carne, desforrando-se nas provisões de *La Aretusa*, pensando que nem sempre se é afortunado na caça e que muitas vezes, depois de se calcurriar leguas e leguas, não se descobre nem a pista duma ratazana.

Num dos seus dias de indolência, encontramos Flochard em busca dum sítio agradável onde pudesse estender-se á sombra e divertir-se á vontade. Tinha-se internado com esse fim num arvoredo quando, a uns trinta metros, viu, pela primeira vez na ilha, uma lindíssima gazela. Os seus instinctos de caçador despertaram rápidamente; armou uma flecha no arco e procurou aproximar-se do animal.

Este, que devia ter sentido o rumor das fôlhas pisadas pelo caçador, levantou a cabeça e pôs-se em observação. Flochard permaneceu imóvel. Não vendo confirmada a sua suspeita, a gazela deu alguns saltos, afastou-se e começou a roer na folhagem que estava ao seu alcance.

Flochard seguiu-a com a cautela possível e quando se julgou ao alcance, apontou; mas o alegre animalsinho correu a submergir-se de novo na espessura do bosque.

—Bicho maldito!—grunhiu o caçador —tinha-o tam seguro!—E continuou avançando com precaução.

O gracioso animal deixava-se ver mas não parava um momento, fugindo duma árvore para a outra, correndo e saltando como um escolar folgazão.

Flochard persistia naquela perseguição, seguia o animal e corria em sua procura quando o perdia de vista. Em diferentes ocasiões tinha apontado a sua arma, vendo a gazela ao alcance do tiro, porêm, como esta tivesse consciência do momento decisivo, com um salto gracioso se ocultava à vista do seu perseguidor atraz duma cortina de folhagem, transformando-se a cada passo o scenário da perseguição.

—¡Ah! galdéria—rugia—Não me escaparás! Não brincarás indefinidamente comigo, porque hei de perseguir-te até ao extremo oposto da ilha. E tendo-se detido a gazela para roer os tenros rebentos dum arbusto, o caçador levou outra vez o arco à cara; porêm, uma nova fuga, que aumentou a impotente cólera de Flochard, interpôs grande distância entre ambos, decidindo-se este a correr sem cuidar do ruído, para a não perder de vista.

Felizmente para o caçador, o terreno era pouco ondulado, de modo que entre as clareiras do bosque entrevia o animal de quando em quando, que parava comendo algumas hervas ou corria saltando alegremente.

—Este animalito está a brincar comigo—disse furioso Hochard—já veremos quem brinca mais!

Apesar disso, a gazela, fugindo tranquilamente, continuava sempre na mesma direcção, dando tempo ao caçador de apontar a arma e fugindo imediatamente, numa fuga oportuna e brincalhona.

(Continua.)

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XIV

Por fim, chegaram a um aglomerado de rochas, perante o qual se deteve a gazela. Ali pareceu vacilar, levantou a cabeça, alargou o peito e olhou em todos os sentidos.

Flochard, oculto detrás de uma árvore e com a arma apoiada ao tronco, julgando a presa segura desta vez, apontava lentamente para não errar o golpe; porém, no momento em que premia o gatilho, o animal desapareceu de um salto detrás de uma rocha, perdendo-se a flecha entre o matagal.

O caçador, furioso, quis renovar a sua perseguição, mas era tam espesso o bosque naquela parte, que perdeu totalmente de vista a gazela.

Seguiu durante algum tempo por veredas, guiando-se pelo ruído dos ramos partidos e da queda dos galhos, mas depressa perdeu totalmente a pista e, desanimado e colérico, abandonou a perseguição, declarando-se vencido.

A caçada tinha sido penosa, e como o caçador se sentia cansado, dirigiu o olhar em redor, procurando um lugar propício para descanso, quando o surpreendeu um confuso murmúrio de vozes.

Como havia caminhado muito e devia estar bastante afastado do sítio ocupado pelos terraliberianos, deteve-se, um pouco inquieto, preguntando a si próprio quem poderia encontrar-se na ilha, posto que o reconhecimento feito não tivesse notado vestígios de habitantes que não fôssem procedentes dos dois campos em que os náufragos de *La Aretusa* se tinham dividido.

—¿Teria caído, por acaso, junto do campo dos meus ex-companheiros?—pensou, tranquilisando-se.

No entanto, na sua qualidade de desertor, embora pensando que os seus companheiros da Terra Livre saberiam exigir a sua restituição, preferia não deixar-se ver nem cair nas mãos dos seus ex-chefes.

Com esta idea fixa e tendo o máximo cuidado em não fazer ruído algum, dirigiu-se lentamente para o sítio donde vinham as vozes.

Depressa se deteve ante o vácuo que se lhe deparou em frente; encontrava-se à beira de uma rocha cortada verticalmente que dominava uma extensa planície que se estendia a seus pés.

Estendido no solo e assomando um pouco a cabeça olhou com precaução.

A altura onde se encontrava teria uns trinta metros e dali podia ver distintamente o que se passava e ouvir claramente o que se dizia

A' primeira vista o campo militar, se assim se podia chamar, estendia-se longe da rocha em que se encontrava Flochard: compunha-se de grandes barracas, construidas pelos soldados e que lhes serviam de habitação. Formavam um quadrado aberto pela frente.

Outra construção, mais pequena, mas muito mais bem arranjada, erguia-se fora do quadrado, ao pé do mastro em que flutuava ao vento a bandeira tricolor, reconhecendo Flochard o alojamento dos oficiais.

No acampamento, soldados e marinheiros ocupavam-se em diversos trabalhos. Um pouco distante, via-se um grande pedaço lavrado que começava a cobrir-se de verdura. Era o terreno destinado à cultivação.

Por último, ao pé da rocha e semi-oculto por um grupo de árvores, via-se um grupo de cinco homens que interrogavam um sexto que permanecia perante êles de cabeça descoberta, atraindo as atenções de Flochard, que julgou ver nele uma pessoa conhecida.

Examinou-o atentamente e chegou a distinguir as suas feições: era um dos marinheiros que desertaram ao mesmo tempo que êle e que se fazia notar pelo seu zêlo e actividade no trabalho.

—Olá!—exclamou Flochard—parece que a minha caça é melhor do que tinha pensado. ¿Que vem aqui fazer Le Mahoudec?

E aguçando o ouvido procurou ouvir as palavras que subiam do grupo.

—Dêsse modo—dizia um homem em que Flochard reconheceu o comandante de *La Aretusa*—¿você está seguro de que os deportados não se guardam já? ¿Julga que nos poderemos aproximar do seu campo sem ser vistos e apoderar-nos das armas?

—Estou seguro disso, meu comandante. Essa é também a opinião do Rossignol, que deve dar os mesmos informes.

Rossignol era um soldado de infantaria de marinha que fingira também passar-se aos deportados. Flochard tomou nota dêsse nome.

—¿Está seguro de que os deportados não desconfiam de vocês?

—Absolutamente certo. Tam ocupados estão nos seus trabalhos e tam confiados em que aqui se está desarmado, que quási olvidaram os senhores. Apenas um ou outro pregunta notícias do acampamento e de como se arranja aqui a vida, sendo os informadores os desertores.

—Precisamente um dêsses desertores poderia vê-lo aqui e denunciá-lo.

—Rossignol e eu, quando vimos, ocultamo-nos tanto dos nossos antigos companheiros como dos terraliberianos.

—Que quere dizer terraliberianos?—pregunton um dos oficiais.

—Os deportados chamam-se assim por terem dado à ilha o nome de Terra Livre.

—Não será má terra livre a que lhes daremos se deles conseguirmos lançar mão—disse outro.

—Agora—acrescentou o comandante—que hora lhe parece mais favorável para o ataque; à noite, quando todos dormem, ou de dia, quando todos trabalham?

Le Mahoudec abaixou a cabeça, perplexo.

—E' duvidoso. Durante o dia, a maior parte dos homens trabalha em pedreiras bastante longe para que, em caso de alarme, tenhamos tempo para lançarmos mão das armas antes que percorressem metade do caminho para as defenderem. Mas, por outra parte, ferreiros, oleiros, carpinteiros e pedreiros, sem contar as mulheres e as crianças, resta um contingente bastante regular. E como da vila se descobre a paisagem circunvizinha até muito longe, não permitindo os uniformes, por desgraça, confundir-nos com o traje dos deportados, há muitas probabilidades de sermos descobertos antes de os poder surpreender. Enquanto que de noite, com a condição de se chegar silenciosamente, todos os vossos homens podem deslizar perfeitamente até o armazêm e apoderar-se das armas antes de que dêem conta do ataque... Verdade é que o menor ruído pode lançar-vos toda a colónia em cima. Sem embargo, creio preferível...

—Não importa—interrompeu o comandante, dirigindo-se aos oficiais.—E' preciso acabar e castigar a insolência dêsses forçados. Não devemos suportar por mais tempo que a autoridade seja escarnecida e já que o seu descuido nolos entrega, aproveitemo-lo, ainda que me repugne utilizar a noite como um ladrão. Também julzo que com a noite teremos mais seguro o êxito.

«Quando tive que parlamentar com essa gente, indo ao seu campo, aproveitei o ensejo para examinar a situação e convenci-me de que não era possível aproximar-nos dele, sem ser vistos. Além disso, não temos de usar delicadezas com essa gente e antes de tudo devemos ter em conta a vida dos nossos homens.

Depois disse, voltando-se para Le Mahoudec:

—Fica você inteirado. Atacaremos àmanhã à noite. Advirta disso Rossignol. Um dos senhores, sem despertar atenções, virá buscar-nos ao sítio onde nos costumamos encontrar, quando não podeis vir até aqui e o outro permanecerá na vila, para ter a segurança de que até o último momento não surge contratempo algum. No caso de triunfarmos, que não haja piedade para êsses miseráveis, se chegam a despertar. Quando tivermos espingardas, nós os arranjaremos.

—Está muito bem, meu comandante—e, saùdando militarmente, Le Mahoudec, girou sôbre si mesmo, não tardando a desaparecer entre o espesso arvoredo.

Os oficiais dirigiram-se para o acampamento.

Flochard retirou-se vagarosamente do seu observatório e esteve reflectindo durante algum tempo. Por fim levantou-se, porque o sol começava a afogar-se no horisonte. Estava longe da vila e tinha que orientar-se para se não desviar do caminho.

—Quem o diria!—pensava caminhando.—Se, ao saberem as notícias que levo, não reconhecerem os companheiros que a mandria bem empregada é cousa excelente, renego o meu nome.

E pôs-se a correr, cheio de alegria e de impaciência.

XV

Já era tarde quando Flochard chegou à vila; terminára a refeição da tarde e os colonos, formando grupos na praça, falavam e passeavam esperando a hora de ir repousar.

Alguns, no entanto, na carpintaria, na forja ou na olaria, trabalhavam na fabricação de instrumentos ou objectos de seu uso pessoal, porque se acordára que cada um contribuiria com a sua parte de esfôrço para o trabalho comum que exigia tam precária situação, podendo depois do trabalho colectivo empregar individualmente o tempo e os instrumentos à vontade, conquanto não comprometessem em nada a prosperidade da colónia.

Esse convénio era provisório e só duraria até que a colónia conseguisse vencer a escassez existente, sendo pôsto de parte à medida que as condições de existência fôssem melhorando e a situação material permitisse a cada qual escolher as suas ocupações.

(Continua)

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XV

Devido à urgência das necessidades, fixara-se em oito horas diárias o trabalho para a comunidade, mas o trabalho individual era livre. Se havia quem, satisfeito com o que lhe proporcionava o trabalho comum, não sentia outra necessidade, passava o resto do tempo passeando, conversando ou trabalhando mais do que as oito horas requeridas, o que sucedia muitas vezes, quando se viam empenhados nalgum trabalho urgente; outros, cuja actividade era insaciável, empregavam-nas em trabalhos da sua imaginação, prolongando-os até que a noite os impedia de prosseguir, porque não se encontrara ainda o meio de substituir o azeite, poupando-se o que se encontrara no barco, empregando-o nas necessidades absolutamente imprescindíveis.

Alguns dos objectos construidos por certos colonos haviam inspirado a outros a ideia de possuir iguais; uns, ensaiando reproduzi-los, pedindo conselho ao inventor ou construtor; outros, julgando mais simples propôr a troca com algum produto da sua fabricação, e outros, ainda, recebendo-os como oferta, uma vez declarado o seu desejo, em virtude de amisades mais íntimas. Dêsse modo, começavam-se a formar entre os colonos embriões de associações e de grupos com a ideia de trocas, de relações ou fabricações que se desenvolviam ou complicavam cada dia mais, tendendo insensívelmente para a associação livre ideal.

A chegada de Flochard foi notada por um grupo.

—Que tal a caça?

—¿Quantos vagons será necessário engatar para a trazer?

—¿Porque não trouxeste, ao menos, uma amostra? Parece-me que trazes o saco vasio.

—Amanhã estou eu de escala para a carne fresca. Que me trarás de bom?

—A minha caça de hoje—disse Flochard—não se pode comer.

—Porquê?

—Um crocodilo, para conservar as suas lágrimas.

—Não; um tigre para servír de tapete aos pés da cama.

—Nada disso. Aposto que adivinho.

—Que é?

—Uma marmota que acordou para nos vir contar a façanha.

Este dito provocou uma risada geral, porque Flochard fôra encontrado várias vezes dormindo em qualquer recanto.

Este, porêm, continuou reservado e, vendo próximo dêle Le Mahoudec e Rossignol, contentou-se com responder com outros ditos, separando-se do grupo.

Quando a atenção dos colonos se desviou dêle, chamou Bethart, Thirion, Thiebaud e Samiae e, fazendo-os afastar um pouco do grupo, contou-lhes o que tinha visto e ouvido.

O seu primeiro pensamento foi advertir os outros colonos, apoderar-se de Le Mahoudec e Rossignol, aplicar-lhes um severo correctivo e enviá-los ao comandante com a missão de o avisar que sofreria igual tratamento se se empenhasse em continuar com o seu projecto.

Porêm, Thirion observou que a lição não seria bastante eficaz para fazer com que o comandante desistisse doutra tentativa, estando, além disso, sujeitos a um alarme contínuo.

¿Seria necessario repelir, de futuro, os desertores que viessem refugiar-se na colónia? ¿Não seria melhor deixar o comandante tentar o ataque, estando preparados para o receber e para lhe dar uma lição diante dos seus homens?

Esta última solução foi unanimemente aprovada.

Não convinha, no entanto, alarmar os espiões. Tambêm não convinha prendê-los, porque se o comandante não recebesse notícias dêles, suspenderia o ataque.

Os cinco homens resolveram advertir os seus companheiros, individualmente. Esperar-se ia a partida do espião que iria avisar o comandante para se apoderar do que ficava, impossibilitando-o de prevenir os agressores. Todos iriam para o trabalho como de costume, mas os cinco homens, com um pretexto, ficariam vigiando a vila, com os que fôssem necessários para o caso.

Depois de terem meditado e adoptado firmemente estas resoluções, os cinco homens separaram-se para se reünirem a outros grupos, a prevenir em os seus companheiros,

Precisamente quando Tiebaud se separava dos seus companheiros, ouviu chamar por êle.

—Que há?

—Vem, que te chama Randon.

—Que quere?

—Preparar uma surpresa.

—Uma surpresa?—e interrogou com o olhar o alviçareiro.

—Sim, uma surpresa, que deixaria de ser, se te dissesse em que consiste.

—Tens razão. Vamos saber, pois, do que se trata.

E Thiebaud dirigiu-se com o seu companheiro para a olaria, onde encontrou uma dezena de homens e mulheres falando próximo de Randon, que acendia mechas numa porção de candeias.

—Fazes essa iluminação em honra da tua surpresa?—preguntou Thiebaud.

O acendedor de que se servia Randon compunha-se de raminhos entrelaçados, porque os fósforos se poupavam à espera do meio de os fabricar. Na vila ardiam sempre uma meia dúzia de fogueiras, onde cada um ia buscar fogo quando precisava.

—A minha surpresa—disse Randon—é a própria iluminação. Porque não me preguntaste com que alimento as candeias?

—Com efeito, disse Thiebaud, não me recordava de que na colónia faltavam os iluminantes. E então?

—Recordas-te das sementes daquela planta, de que teimavas não se poder tirar azeite? Pois aí o tens; com o azeite extraído das tais sementes, brilha a minha iluminação.

—Vamos ter luz artificial!—exclamou Thiebaud, entusiasmado.

—Imperfeita, mas suficiente enquanto não chega a electricidade prometida—respondeu Randon.— E o meu descobrimento terá uma dupla utilidade, porque não desespero de fabricar sabão.

—Pois eu vou anunciar outra surpresa—disse Thiebaud, depois de se ter assegurado de que não estavam ali os espias. E fazendo sinal aos colonos para se aproximarem, pô-los ao corrente da tentativa projectada pelo ex-comandante de *La Aretusa*, encarregando-os de avisar os outros camaradas, sem cometer alguma indiscrição que despertasse suspeitas nos espias.

XVI

No dia seguinte, os terraliberianos dedicaram-se ao trabalho como de ordinário, sem que a sua atitude revelasse os seus pensamentos. Unicamente, sem que notassem a vigilância de que eram objecto, os dois espias não foram perdidos de vista.

Pela tarde, quando se viu que Le Mahoudec se dirigia ao ponto de encontro designado pelo comandante, os colonos rodearam Rossignol, enquanto que outros, auxiliados pelas crianças, vigiavam as avenidas da praça.

A manobra foi feita com tal habilidade que Rossignol, que seguira com os outros para a praça, ainda que compreendesse que se tratava de algo extraordinário, não suspeitou que lhe interessasse particularmente.

Berthaut foi o primeiro que elevou a voz.

—Companheiros! Que farieis se soubesseis que entre nós há um traidor que tentava entregar-nos aos nossos vencidos verdugos?

—Isso é impossivel!

—Quem será tam estúpido que, disfrutando aquí de toda a liberdade, pense em se submeter e submeter-nos a todos à tirânica autoridade do ex-comandante?

A's palavras de Berthaut, Rossignol sentiu que as suas pernas se dobravam e um estremecimento rápido percorreu o corpo. Encontrando-se naquele momento no meio da praça, tentou pôr-se atrás de um seu companheiro; mas estavam todos muito apinhados e os que rodeavam o traidor, como que inconscientemente, cortavam-lhe a passagem, tanto mais fácilmente quando êste só podia fazer tímidas tentativas. Teve, pois, de resignar-se a permanecer ali com a vaga impressão de que uma infinidade de olhares pesava sôbre êle.

(Continua)

cias.

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XVI

—Louco ou criminoso, não sei—disse Berthaut.—Porêm esses traidores existem. Eis aqui um!—e com o dedo apontou Rossignol.

O traidor sentiu-se inundado de suor frio e, sentindo que era necessário protestar, depois de um momento de silêncio, durante o qual o dedo acusador permanecia imóvel, tratou de negar.

—Quem poderia ter-vos feito acreditar nisso. Alguêm que me quer mal inventou essa mentira.

—Fala, Flochard—disse Berthaut.

Então, Flochard repetiu em assembléa o relato que em particular fizera a quási todos.

Rossignol baixou a cabeça e, temendo o castigo, olhava de soslaio, para ver como se manifestaria a indignação dos colonos.

—Escuta,—disse Berthaut—merecias que te matassem como uma alimária, porque o asqueroso ofício que aceitaste não tem desculpa. Vieste para nós como companheiro e como tal te recebemos; viveste a nossa vida enganando-nos e espiando-nos. Estamos no nosso direito desembaraçando-nos de ti; mas já que descobrimos a tua infâmia e a dos que te enviaram, a tempo suficiente para evitar as suas conseqüências, creio que os companheiros pensarão como eu e não quererão manchar as suas mãos com o sangue dum personagem tam vil como tu. Proponho que, provisóriamente, sejas impedido de avisar os teus cúmplices. Porêm, antes, tens de dizer-nos porque querias entregar-nos ao comandante.

Rossignol pensou por um momento em não responder; mas, tendo dirigido alguns tímidos olhares em volta, viu rostos ameaçadores, porque não se haviam deixado convencer de todo nas discussões que se tinham dado durante o dia e desejavam aplicar-lhe, ao menos, uma boa paulada. Por fim, decidiu-se a declarar que o comandante lhe havia proposto fazer-se passar por desertor, deixando-lhe entrever que brevemente seriam repatriados e que, então, o govêrno ratificaria as recompensas que o comandante julgasse conveniente conceder àqueles que o ajudassem a manter o prestígio da autoridade, da mesma forma que castigaria os que se haviam rebelado ou tentado subtrair á disciplina.

Como o declarante esperara sempre uma repatriação próxima, contando com a chegada de algum barco, e não contava que os terraliberianos podessem resistir ao ataque de dois ou três barcos de guerra que se enviassem se fôsse necessário para esmagá-los, tendo-lhe, além disso, prometido o comandante a quantia de cem mil francos ao pôr os pés em França, decidira aceitar a proposta.

Para justificar-se, alegou que muitas vezes havia estado a ponto de avisar os colonos dos projectos do sr. de Kerguennec, mas o medo de ser fusilado se o govêrno descobrisse a situação de *La Aretusa*, havia-o impedido de realizar aquele bom impulso, de cada vez que lhe ocorria a idea.

Pediu misericórdia, prometendo não fazer nada que pudesse ser útil ao comandante quando êste intentasse outro ataque.

—Agora—disse Berthaut—para maior segurança, ficas debaixo da vigilância de quatro companheiros. Quando chegar o momento serás amarrado e amordaçado e à menor tentativa de fuga ou de fazer um sinal qualquer tirar-te hão a vida. Compreendeste?

Rossignol deixou-se conduzir tranquilamente para uma das casas, situada num extremo da vila, por quatro terraliberianos armados com revólvers, emquanto os restantes colonos se dirigiam ao armazêm para se armarem.

Durante o dia reünira-se grande provisão de ramos delgados e resinosos, as mulheres e as crianças faziam molhos de seis, retorciam-nos e atavam-nos com fibras vegetais.

Na vila observou-se durante muito tempo uma actividade febril; porêm, ao cair da noite, estando tudo preparado, retiraram-se os colonos para as suas casas ou para as cabanas primitivas os que ainda esperavam que construissem as suas habitações.

Pouco a pouco, com a sombra se fez silêncio, e a julgar pela calma que reinava na vila, julgar-se ia que todos dormiam profundamente. Estava-se na lua nova e a obscuridade seria completa sem o fulgor das estrêlas.

* * *

O silêncio dominava, havia muito tempo, na vila. Por fim, das imediações dum grupo de árvores, desprenderam-se sombras que se dirigiam, arrastando-se cautelosamente para o povoado adormecido.

—E' incompreensível—murmurou um do grupo, que era Le Mahoudec, aproveitando uma paragem—Rossignol não aparece. Não encontro explicação a essa falta. Terá adormecido ou teria compreendido mal.

—Tudo está tranquilo na vila. Creio que se pode dizer aos outros para avançar.

—Certamente, porque se houvesse alguma coisa de extraordinário, estaria aquela gente alvoroçada.

—Taupied—disse uma daquelas sombras, que era um dos oficiais—mande dizer ao comandante que está tudo tranquio e que pode avançar.

Taupied transmitiu a ordem a uma sombra que o seguia a pequena distância e esta a outra.

—Não nos extraviemos—disse Le Mahoudec.—O armazêm está à direita. Os senhores não o vêem? Parece-me que o distingo vagamente.

O grupo de sombras continuou arrastando-se. Pouco a pouco, chegaram sem dificuldade ao sítio onde se elevava o armazêm geral dos terraliberianos.

Le Mahoudec tocou à porta.

—Está fechada—disse—será preciso arrombá-la, mas convêm que cheguem todos para não antecipar o alarme.

Os aretusianos foram chegando por grupos, que formavam na praça da vila, defronte da fachada do armazêm, perto da qual se agrupavam os oficiais.

Quando o último homem tomou o seu pôsto ao lado dos seus companheiros, um grupo que levava aos ombros um tronco grande e forte, aproximou-se para forçar a porta; mas antes de dar o primeiro golpe, soou um tiro que o éco repetiu no silêncio da noite.

Os assaltante retrocederam alguns passos e a porta do armazêm abriu-se bruscamente, dando passagem a uma onda de luz que pôs em destaque as primeiras filas de invasores, enquanto que de todos os extremos da vila apareciam terraliberianos armados, rodeados de mulheres e crianças portadores de archotes, formados pelos ramos resinosos preparados durante o dia.

Ao mesmo tempo, uma serpente de fogo se ergueu em todo o circuito da praça, acendendo umas pilhas de lenha em que os aretusianos não haviam reparado e que num momento iluminou toda a praça, deixando corridos e desanimados os invasores.

No armazêm viram-se uns vinte homens, ameaçando com as suas espingardas, e um canhão apresentava a sua boca mortífera com o seu artilheiro atrás, disposto a fazê-lo funcionar.

O ex-comandante quis impelir os seus homens a precipitarem-se sôbre os terraliberianos, fazendo menção de os acometer.

Porêm, a voz de Berthaut elevou-se ameaçadora.

—Ao menor movimento, fogo!

Ninguêm se moveu. O próprio comandante se imobilizou ao primeiro passo, mordendo os lábios de raiva.

—Pensaveis encontrar aqui homens dormindo e encheste-vos de cobardia ao verdes que ereis esperados. Senhor de Kerguennec, serviu-se da traição e da subserviência contra nós e fracassou vergonhosamente. Volte para o seu retiro. Por esta vez, permitimos-lhe que se retire. Mas tenha bem em conta esta advertência: declaramos querer viver tranquilamente; não vos queremos condenar a uma desconfiança perpétua, nem, para agrado dum maníaco autoritário, estar em agitação constante para tratar das suas loucuras, passar a melhor parte do nosso tempo a desconfiar uns dos outros e a fazer o ofício de soldados, que nos repugna sobremaneira. Se alguma vez voltarmos a descobrir um espia entre nós, ou soubermos que intenta enviar-nos algum, ou que tem na idea uma intentona como a presente, saiba que o buscaremos, que o encontraremos onde quer que se encontre e que o fusilaremos como um animal daninho que é. Queremos ser livres; tanto pior para os que não queiram ser rasoáveis. Em nome dos meus companheiros e iguais, aqui presentes: tenha o senhor entendido. Tenho dito.

Kerguennec escutou o sermão, pálido e tremendo de raiva. Quando Berthaut terminou, abriu a boca para dar alguma resposta evasiva, mas as palavras fugiam da sua consciência. Olhou em volta e viu o olhar zombeteiro dos colonos, e os seus soldados armados com paus e ferramentas, que podiam servir de armas em caso necessário, eram impotentes perante as espingardas dos terraliberianos. Alguns minutos de silêncio, que pareciam séculos, dominaram aquela scena.

Por fim, deu ordem de retirada, mas não pôde deixar de se voltar e dizer com voz rouca, mostrando o punho:

—Nós veremos!

O fracasso custou-lhe uma dezena de homens que ficaram na Terra Livre, pedindo aos colonos que permitissem que vivessem com êles.

XVII

A lição foi tremenda. Tinha-se saído bem de um grande perigo e os terraliberianos reconheciam que haviam cometido uma imprudência armazenando as armas. Devido a isso, resolveu-se que cada homem conservásse uma arma comsigo, tendo-a sempre pronta para qualquer ataque imprevisto.

¿Devia-se estabelecer um posto de vigilância durante a noite?

—Nós veremos!

(Continua)

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XVII

Por desagradável que fôsse, não podia desconhecer-se que era uma medida de prudencia que não se podia descuidar. Combinou-se que um grupo de homens, por turnos, velariam todas as noites pela tranqüilidade da colónia, ao mesmo tempo que se recomendava a todos e a cada um grande vigilância de dia e de noite.

Também entrou de novo a questão de se aceitar ou não os desertores que se apresentassem de futuro, pensando que o comandante poderia introduzir novamente espiões entre os terraliberianos. A discussão travou-se necessáriamente pela chegada de Rossignol e de Le Mahoudec, que se dera em virtude das circunstâncias seguintes:

Depois da partida do comandante, na manhã do fracasso da sua intentona, os terraliberianos deixaram Rossignol livre, ordenando-lhe que se afastasse quantos antes, o que se apressou a fazer. Mas a recepção que lhe fizeram os oficiais, não foi do seu agrado.

Os dois espias foram acusados de terem vendido aos terraliberianos os projectos do comandante. Este mandou-os prender, ordenou um inquérito e pensava em submetê-los a um conselho de guerra. O oficial encarregado da informação, deixou-se convencer pelos protestos de inocência dois dois acusados; sobre tudo de Le Mahoudec, que indiscutivelmente aceitou o papel de espião por cega obediencia às ordens do comandante e sem dúvida também pelo terror duma intervenção contra os terraliberianos, no caso de ter trabalhado de acôrdo com eles. Devido a isso, pô-los em liberdade, mas a situação era tam intolerável que resolveram fugir e apresentar-se na colónia pedindo hospitalidade.

Discutiu-se largamente o assunto: uns, a maioria, não queriam admiti-los, haviam abusado uma vez da confiança de quem os recebera como amigos e podiam abusar novamente.

Outros diziam que precisamente por terem sido desmascarados como espias não era provável que o comandante se servisse deles; além disso, não podia negar-se ajuda e assistência aos que vinham pedi-la.

Rossignol e Le Mahoudec, que davam sinais de ter sofrido muito, declararam ter fugido do cárcere que o comandante mandara construir no acampamento e onde os encerrara outra vez a pretexto dum suposto delito; que, se os terraliberianos os repelissem, se veriam obrigados a voltar ao acampamento, o que representaria uma condenação e perseguições incessantes, reduzindo-os ao silêncio, porque uma vida assim era insustentável.

Concedeu-se-lhes licença para permanecer: depois de tudo, se não fossem eles, podiam ser outros; não havia razão para aceitar uns e repelir os demais. Tinha-se que admitir ou repelir todos os desertores que se apresentassem.

Decidiu-se pela aceitação. A única precaução adoptada foi recusar-lhes o uso das armas.

Flochard estava radiante de satisfação. Gustava de contar o caso do *complot*, chegando-se ao ponto de não haver colono que não tivesse ouvido a descrição meia dúzia de vezes; mas, como cada narrativa fôsse adornada com novos incidentes, sempre havia o interêsse da novidade.

Flochard chegou mesmo a convencer-se de que desde os primeiros dias da chegada de Rossignol e de Le Mahoudec havia desconfiado dêles e que a sua sagacidade o tinha conduzido no momento propício para surpreender o plano de ataque.

Os colonos, quando Flochard se tornava massador, brincavam com êle e armavam-lhe partidas, que muitas vezes tomava a sério, ficando no ridículo.

Um dia, uns colonos convidaram Flochard para uma reünião organizada no salão duma casa onde vivia em comum um grupo e ali, depois de uma discussão burlesca, sustentada com aparente seriedade, propoz-se instituir uma condecoração para premiar Flochard. Era uma infracção aos princípios, mas era necessário fazer alguma coisa para premiar um mérito tão extraordinário.

Flochard compreendeu a partida e saiu chamando-lhes farçantes, mas a sua vaidade sempre ficava satisfeita,

Outra vez, Doré, um escultor, disse-lhe:

—Diz-me, Flochard; ¿não poderias trazer-me um bloco de mármore nas tuas correrias pela ilha?

—Veremos; procurarei. ¿Tu queres dedicar-te á escultura?

—Sim.

—E que assunto queres tratar?

Doré, pondo um dedo na boca, respondeu:

—E' um silêncio; porêm, se me prometes segrêdo, posso-te revelar.

—Podes falar; não sou falazão e sei guardar os segredos que me confiam.

—Pois trata-se de fazer a tua estátua. Só ha a dificuldade dos companheiros, para não restabelecerem a autoridade dos grandes homens, exigirem que só seja feita depois da tua morte: Trata, pois, de morrer de pressa, para teres a estátua.

Flochard retirou-se, grunhindo uma injúria, emquanto que os presentes, que ao princípio julgavam que Doré lavava a sério, estalavam com uma ruidosa gargalhada.

Entretanto proseguiam os trabalhos com actividade. Terminado havia muito tempo o arroteamento dos terrenos e feita a sementeira, a colheita prometia ser explêndida.

Como os trabalhos da agricultura só exigiam um ligeira vigilância, os excedentes entre os que a ela se dedicavam, empregavam a sua actividade noutros trabalhos, como a construção de casas, pois ainda eram necessários para alguns os albergues primitivos.

Além disso, começara-se a demolição de *La Aretusa*, com o propósito de utilizar os seus materiaes e também por precaução, porque um golpe de mar o podia enviar para o fundo.

As placas da blindagem constituiam um mimo de aço, de que muito se necessitava em terra.

Também se haviam desembarcado os canhões que armavam a torre, e como as chalupas não podiam suportrr aquele pêso, construiram-se grandes jangadas que custaram muito trabalho, compensado pela utilidade que representava aquela massa de aço.

Esperando que a escassez de material obrigasse a destruir aqueles canhões e servindo-lhes de ensinamento a fracassada tentativa do comandante, decidiu-se colocá-los em bateria, em defesa da vila, tanto do l do do mar como da terra.

O trabalho abundava na colónia, mas os colonos suportavam-no alegremente, porque a situação se aclarava, traduzindo-se cada dia num melhoramento. Estavam contentes com a sua sorte e quando nas conversas recordavam os amigos que tinham deixado no velho mundo, calculando o que lhes sucedera, teria cessado a reacção ou que novas formas adoptaria a propaganda e a luta pela emancipação do proletariado, nenhum teria trocado a vida livre da colónia para se submeter novamente ao jugo docapital. A's vezes mostravam a esperança de ter notícias de lá, mas era sempreamargurada pelo temor de se ter de lutar de novo para defender a liberdadeconquistada.

Em resumo: os terraliberianos sentiam-se ditosos.

Trabalhava-se activamente na construção de casas. Chovera mais duma vez e as chuvas sem terem molestado demasiado os habitantes dos albergues interinos fazia-lhes desejar possuir outros mais cómodos e resistentes para o caso de fortes aguaceiros.

Claro é que aqueles albergues se tinham já reparado e vários dos seus habitantes residiam interinamente na casa dos amigos que já tinham habitação fixa.

Um dia, quando todo o mundo estava trabalhando, comecou a chover; a princípio julgouse é que se tratava de um aguaceirosito como os anteriores e ninguem fez caso; porêm, como a chuva rèdobrava de intensidade e o horiente se ia cobrindo de negras e extensas nuvens, abandonou-se o trabalho executado ao ar livre e os trabalhadores puzeram-se a coberto.

Um relâmpago rasgou o firmamento, um trovão formidável, repetido pelos ecos, retumbou nas alturas. A chuva converteu-se em diluvio. O céu estava escuro como em plena noite, sem outra claridade que a dos relâmpagos que pareciam envolver a ilha numa fugaz e deslumbradora iluminação eléctrica. Os trovões sucediam-se com fragoroso estrondo.

(Continua)

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XVII

Os colonos, depois da tempestade do eu naufrágio, não haviam presenciado uracão semelhante.

Assim passaram duas horas. Por fim céu começou a recobrar a sua luz, os rovões e os relâmpagos foram-se ate-uando e diminuindo, até que acabaram or cessar; sobreveiu a bonança e o sol apareceu resplandecente.

Quando cessou a chuva, os colonos iram para a praça, interrogando-se, ara ver se a tempestade causara algum trago.

A vila resistira bem; ùnicamente os ucos albergues interinos que ainda istiam, tinham sido inundados, mas casas e armazéns permaneciam sóli-s.

Três casas que estavam em constru-o, algo separadas das outras, ficaram mpletamente destroçadas, nem dei-ndo sequer sinal.

A angústia maior dos terraliberianos consistiu naqueles momentos no temor da perda das colheitas.

¿Que teria sucedido nos campos cultivados?

Todos queriam informar-se por si próprios e a população inteira correu a visitá-los.

A primeira visita foi ao Roseiral, próximo do arroio. Afortunadamente, o campo estava resguardado por um bosque do lado donde soprara a tempestade; as plantas recemnascidas, em geral, excepto nalguns sítios, não tinham sofrido grande coisa; se nos outros campos não era maior o dano, tudo se arranjaria depressa.

No Palmeiral o desastre foi completo: a terra fôra removida e arrebatada, não ficando vestígios de vegetação. O campo, poucas horas antes verde e formoso, causava lástima vê-lo.

Nada ou quási nada escapou à tempestade. Os terraliberianos, aterrados, não podiam arrancar-se à contemplação da sua ruína e temiam dirigir-se à Costa, onde podia ser mais completa. Com o coração oprimido se dirigiram para lá e imensa foi a alegria quando viram que a tempestade passara por ali deixando poucos vestígios. Em resumo, tudo se arranjaria com pouco custo. Os dois campos que restavam, se não houvesse outra desgraça, bastariam para as necessidades da colónia.

Ao voltarem para a vila, comentando o caso, felicitaram-se pela divergência que se produzira quando da molha dos terrenos, porque se tivesse escolhido um só, e êste fôsse o Palmeiral, não se teria só perdido a colheita, mas ainda a esperança de colheitas futuras, em vista da insignificância do que se pudesse salvar.

XVIII

Advertidos por êste incidente, os terraliberianos fizeram alguns trabalhos de defesa para preservar as plantações.

Devia evitar-se que um segundo furacão destruísse o que se livrara do primeiro.

Por dois desertores que vieram unir-se aos terraliberianos, soube-se que no campo militar todas as sementeiras estavam destruídas, não se salvando sequer com que fazer uma sementeira. O comandante escolhera o campo a cultivar: teve a boa idea de destinar para êsse trabalho os soldados agricultores e até se dignou aceitar o oferecimento dum arado que lhe fizeram os terraliberianos.

O sítio não estava bem escolhido. Os soldados lavradores fizeram algumas observações, que um tenente transmitiu a um imediato, mas pelo caminho perderam toda a fôrça.

O comandante replicou que escolhera aquele terreno na proximidade do acampamento para que a vigilância fôsse mais fácil e que não se devia fazer caso do que diziam uns soldados rasos.

As sementes germinaram mal, anunciando uma colheita pobre e a tempestade completou o desastre. Sem defesa o terreno, e escolhido no interior de um círculo que parecia o fundo de um alguidar, foi completamente inundado pela afluência de água de todas as partes.

E como se estava longe de desenvolver a actividade que os terraliberianos tinham empregado, porque os soldados limitavam-se a fazer o que lhes mandavam e não podiam dispor das ferramentas fora das horas de trabalho, não podiam melhorar em nada a sua situação, ficando a caça como último recurso.

O comandante tinha feito construir alguns arcos sôbre o modêlo das dos terraliberianos, mas como a ilha não abundava em caça, uma vez esgotadas as provisões de *La Aretusa*, a fome apresentava-se ameaçadora em prazo breve, reduzindo-os a não viver senão de peixe e mariscos.

A notícia complicava a situação dos terraliberianos, porque era evidente que, se os aretusianos ficassem reduzidos à miséria, seria necessário alimentá-los ou defenderem-se contra as suas depredações.

¿Que solução seria melhor? ¿Podia deixar-se morrer de fome êsses homens que estavam tam próximo?

Esperando ver o que havia a fazer quando se apresentassem as circunstâncias e que medidas se deviam adoptar, os colonos decidiram dar uma nova batida na ilha, para recolher todas as frutas, legumes e raízes, comestíveis que se podiam conservar; buscar as plantas susceptíveis de cultivo para aumentar o que havia, economisar as provisões de reserva, a colheita próxima e dedicar a maior parte às novas sementeiras.

Ainda não tinham acabado as dificuldades. Um novo incidente veiu pouco tempo depois comover novamente os terraliberianos.

Neo tinham chefes. Cada indivíduo possuia o direito de tomar a iniciativa duma medida urgente, de propor as que lhe parecessem úteis e quando a medida proposta encontrasse suficientes adesões para executá-la por si próprios, podiam pô-la em prática ainda que não tivesse o assentimento unânime, mas com a reserva de não tocar, sem o consentimento de todos, nas provisões, armas e ferramentas, sôbre as quais repousava a salvação da colónia, enquanto não se chegassem a produzir em grandes quantidades, para então tudo se pôr livre à disposição de todos.

Porêm, como sucede em todos os agrupamentos, tinha acontecido que, quer por qualidades positivas, quer por possuirem maior habilidade, alguns tinham adquirido certa notoriedade entre os colonos; sobresaiam sobre todos os que com mais freqüência tomavam a palavra nas assembleas.

Pelo seu juízo seguro, pela clareza das suas indicações e certa faculdade de falar, Berthaut era um dêstes.

Havia também um, chamado Goujaret que, sendo capaz de falar quatro horas sem interrupção, sentia pretensões a tribuno e estava sempre disposto a solucionar as dificuldades que se apresentavam, criando em caso de necessidade novas dificuldades, só para ter o gôsto de as resolver, assim como propostas para coisas que a ninguém interessava

Pela sua prontidão e certo espírito, lograra uma pequena popularidade entre determinado grupo de admiradores e só por contradição se declarara, mais de uma vez, adversário das propostas de Berthaut.

Mas como a situação dos colonos não lhes permitia distrairem-se com questões de dialética, pois que se tratava sempre de resolver dificuldades urgentes, materiais, por meios práticos e não por argumentos, os terraliberianos, quando a discussão se prolongava demasiadamente, aderiam sempre à solução mais prática, especialmente se, depois de terem experimentado uma ou duas vezes a dialética de Goujaret, se viam obrigados a começar uma discussão em que se haviam empregado alguns dias.

Isto irritava Goujaret, que se julgava mais esperto e inteligente que os outros, declarando que, por causa da má vontade com que eram empregados os meios que êle propunha, ocorriam as dificuldades que se apresentavam.

Num dia convocou uma assemblea, crendo ter encontrado uma idea original para expor.

— Perdemos muito tempo — disse Goujaret — carecemos de organização. Cada vez que algum se lembra de fazer uma proposta, realizam-se assembleasinhas e nelas discute-se durante horas inteiras, ou, então, convocam-se reuniões gerais para coisas que não valem a pena. Isto é absurdo.

Na nossa pequena sociedade formamos já, sem darmos conta disso, grupos bem distintos: temos os lavradores, os carpinteiros, os mecânicos, os oleiros; brevemente teremos curtidores, sapateiros, cesteiros; ¿não seria melhor que cada grupo se reünisse separadamente para discutir os seus próprios assuntos e que, formando uma federação, designassem um ou dois dos seus membros, que formariam uma comissão federal, onde se discutiriam as propostas de cada grupo? Esta comissão recolheria as propostas aceitáveis e convocaria a assemblea geral se fôsse necessário. Desta maneira, proceder-se ia com ordem e não se incomodaria tôdos sem necessidade.

Muitos colonos tomaram a palavra, discutindo, emendando ou combatendo a proposta de Goujaret.

Berthaut resumiu a opinião geral:

—O que nos propões, Goujaret, é, nem mais nem menos, que o retrocesso à forma parlamentar.

«Em primeiro lugar, é absolutamente falso que percamos tempo nas nossas discussões, pois que estas se efectuam fora das horas de trabalho. Se às vezes discutimos coisas absurdas, ¿de quem é a culpa? ¿Não é mais lógico discuti-las todos juntos do que encarregarmos uns tantos de as discutirem em nosso lugar?

«Além disso, os grupos não existem tam concretos e determinados como diz Goujaret. Se entre nós há ferreiros, mecânicos, carpinteiros, agricultores, àparte uma dezena de indivíduos, ninguém pode dizer que pertence exclusivamente a um grupo.

(Continua)

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XVIII

«Uns são carpinteiros, mas também se dedicam à agricultura, à mecânica ou à olaria. Muitos há que, desde que aqui estamos, mudaram de ofício umas dôze vezes e trabalham simultaneamente em três ou quatro, sem contar os que exercem para o seu trabalho pessoal.

«Pela minha parte, ajudei a arrotear os campos e trabalhei na construção de casas; forjei ferramentas e fabriquei cristal; actualmente construo móveis e aprendo a fazer carros.

«Bayoux, que fez de lenhador ao mesmo tempo que lavrava os campos, constroe carros e dá úteis conselhos para a construção do automóvel que ainda está na oficina. Assim, podia-os citar a todos um por um. Até o próprio Goujaret, tendo ajudado a construir casas, trabalha agora por vos dotar com uma constituição.

A assemblea estalou numa gargalhada geral.

—As nossas relações—continuou Berthaut—começarão a ser menos sinceras do que parecem a Goujaret e os grupos a ser muito mais complicados do que se imagina.

«A nossa organização vai-se formando a pouco e pouco, pela fôrça das coisas, pelas necessidades de cada um. Não sejamos tam imprudentes que cortemos o caminho do futuro, criando uma organização arbitrária e artificial. Até ao presente temo-nos dado bem; continuemos assim.

E os terraliberianos, com os seus aplausos, exprimiram que se encontravam bem organizados e não sentiam a mais mínima necessidade duma nova constituição.

Goujaret perdeu um pouco do seu prestígio e foi tal o desagrado que lhe causou o fracasso, que tratou de vingar-se, insinuando que Berthaut era um ambicioso, que, dissimuladamente, pretendia dominar e dirigir a colónia.

A outros dizia que tinha visto extrair do armazém objectos de que se não podia dispor sem consentimento de todos e de que Berthaut havia participado.

Cada dia vinha com uma história nova contra o seu adversário.

Alguns lhe diziam que fizesse publicamente as suas acusações, respondia que não o acreditariam e diziam que era um invejoso.

Vários amigos contaram a Berthaut as insinuações de Goujaret; alguns aconselharam-no a responder publicamente ao seu difamador; outros excitavam-no para que lhe aplicasse um correctivo que lhe tirasse para sempre a vontade de caluniar; mas Berthaut respondia-lhes que os seus amigos o conheciam bem para que não necessitasse justificar-se dos ataques de um indivíduo que desprezava profundamente. E quanto aos outros que fôssem bastante estúpidos para acreditar no que lhes contava Goujaret, não necessitavam mais do que vir êles próprios pedir-lhe explicações.

No entanto, à fôrça de ouvir constantemente a repetição da mesma calúnia, sôbre variadas formas, Berthaut chegou a perder a paciência, e sentiu desejo de arrancar-lhe publicamente as orelhas.

Manifestou êste desejo a sua companheira, a quem amava profundamente, e cujo conselho tinha em grande aprêço por ser muito inteligente, e esta replicou-lhe que as pancadas não eram uma prova de inocência, mas, quando muito, de superioridade física; que seria dar uma satisfação a Goujaret, demonstrando-lhe assim que lhe tinha tocado num ponto sensível. Responder a palavras com pancada seria inaugurar a era da violência e o reinado dos mais fortes em musculatura. Era, pois, necessário despresar Goujaret como se fôsse um abôrto miserável.

Ainda que no seu íntimo persistisse em pensar que os homens tinham a ousadia de caluniar, porque havia outros homens honrados que usavam de excessiva tolerância e não lhes davam de uma vez para sempre a merecida correcção, Berthaut aceitou o conselho de deixar-se caluniar tranquilamente.

Por último, Goujaret, dada a atitude dos terraliberianos para com êle, acabou por compreender que as suas calúnias não produziam mais efeito do que todos os colonos o considerarem um vaidoso ridiculamente desacreditado.

XIX

Depois de todos estes incidentes houve um período de calma e repouso na colónia.

Estava quási terminada a construção das casas, e já alguns dos seus habitantes se dedicavam a adorná-las interior e exteriormente.

Porque do trabalho comum havia resultado uma obra de maneira que ficara uma habitação sã e cómoda, deixando, no entanto, a cada um o cuidado de embelezá-la a seu gôsto, o que obrigou os terraliberianos a agrupar-se segundo as suas afinidades; uns dedicando-se à ornamentação em madeira, outros exercendo a arte cerâmica.

Os jardins empenhavam-se em apresentar esplêndido aspecto. Os colonos encontraram na ilha flôres magníficas com variegado colorido, de suavíssimo perfume e originalidade de formas, e exercitaram-se em aclimatá-las em redor das suas vivendas.

Outro tanto sucedia com algumas árvores de fruto que se esperava conseguir tornar mais suculento, seguindo as lições de Shermann, que sendo um horticultor apaixonado, lhes ensinava a arte de melhorá-los.

Também se dedicava ao cuidado das hortas, e tendo encontrado entre as sementes de hortaliças algumas plantas de adôrno, que cultivava esmeradamente àparte, depressa poderia oferecer aos colonos para as suas hortas e jardins algumas plantas domésticas.

As colheitas prometiam ser magníficas, e depressa se procederia à selecção das espécies.

Os naufragos observaram que a variabilidade das estações não oferecia grande diferença, distinguindo-se o inverno do verão mais pela freqüência das chuvas do que por diferença de temperatura.

Calculou-se que se poderia obter fácilmente duas colheitas por ano; êste facto desfez todas as apreensões que o problema da alimentação causava, enchendo-se o armazém de importantes reservas.

Entre as provisões dos oficiais tinham-se encontrado excelentes uvas. Shermam encarregou os colonos de guardar as sementes, prometendo-lhes em troca soberbos cachos no prazo duma dezena de anos.

Entre os colonos encontrava-se um maniaco que empregava o tempo em percorrer os bosques, reconhecendo todas as pedras raras que encontrava, nas quais punha a etiqueta correspondente.

Nos primeiros dias acreditou-se que se tratava de um tarado; alguem lhe disse que as suas pedras não tinham aplicação na cozinha, e que em vez de organizar colecções mineralogicas valia mais que se ocupasse em fazer crescer o trigo. Mas Sigot encolhia os ombros e continuava as suas excursões, consideraram-no como um maniaco inofensivo, de quem não se devia fazer caso.

No entanto, entre as pedras que colecionára, havia algumas muito extranhas pela sua forma e sua aparência. Um dia que Thieband se entretinha em examinalas por curiosidade, viu uma que lhe chamou a atenção; examinando toda a colecção só achou outra semelhante e pô-las ambas de parte.

Preguntou ao maniaco onde as tinha recolhido, mas não conseguiu obter indicação precisa.

Thieband explicou aos companheiros presentes que a ilha devia possuir jazigos de ferro e de cobre; que era preciso explora-la para descobri-los, e mostrou os dois calhaus, que com grande dificuldade pôde obter que Sigot lhos cedesse, e que eram pyrites dêsses dois metais.

Os mecânicos conseguiram pôr em marcha o primeiro carro electrico movido pela electricidade da fabrica instalada junto à cascata.

Uma grande parte do chumbo extraído de *La Aretusa* foi empregado na fabricação de acumuladores. Ainda sobejava para fabricar outros, mas era necessário pensar na deterioração pelo uso; outro tanto acontecia com o acido sulfurico, de que se tinha encontrado escassa quantidade.

Com respeito a êste último, renasceu a esperança de possuir o necessário, mercê do descobrimento dos pyrites e do enxofre: mas a aquisição do chumbo era problematica. Também se pensava na construção de motores a alcool e esperando o produto das vinhas de Shermam, tratava-se da fermentação e destilação de algumas frutas recolhidas na ilha.

Este último era tam necessário, que se dava o caso de que uma grande parte dos fios achados no barco se haviam empregado no dinamo do carro, e provàvelmente faltaria para distribuir a luz como se tinha esperado, razão de sobejo para se dedicarem à extracção do alcool.

A actividade dos colonos desenvolvia-se admirávelmente; não lhes faltavam assuntos onde aplicá-la.

Também pensaram em organizar a educação das crianças.

Mas regularam-na de modo que em vez de ser um aumento de trabalho se converteu numa ajuda nada para desprezar.

Não podia fazer-se do ensino um ofício assalariado, mas sim uma profissão exercida pelos que tivessem gosto de ensinar. Assim constituída, era vantajosíssima, sôbre a antiga ordem das coisas, em que para cada ofício apenas se consultava o gosto e as aptidões, quási sempre subordinadas às situações e às circunstâncias, e assim os que se dedicavam ao professorado não viam mais do que um meio de ganhar a vida como outro qualquer, tratando, se eram probos, de cumprir o melhor possível, se não sempre em benefício dos alunos, pelo menos do maior número.

(*Continua*)

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XIX

Com respeito aos primeiros elementos de leitura, escrita e cálculo, porque havia crianças muito pequenas que nunca tinham freqüentado a escola, decidiu-se que seriam ensinados em casa, tratando de interessar os irmãos mais velhos, que fariam de professores. As meninas entraram com entusiasmo no plano.

E quanto ao resto do ensino, em lugar de se encerrar as crianças numa sala, as lições eram dadas ao ar livre e eram acima de tudo lições de coisas.

Um dia conduziam-nos à praia e ali se colhiam algas e mariscos, e o que os acompanhava explicava-lhes as espécies encontradas.

Os pescadores embarcavam algumas vezes com eles, e enquanto retiravam as redes referiam-se às particularidades dos peixes que pescavam.

Outras vezes iam ao interior da ilha e recolhiam plantas, frutas, sementes e raízes, contavam-lhes a vida da planta, as suas semelhanças e as suas diferenças das espécies imediatas, as suas lutas contra os obstáculos que se opunham ao seu desenvolvimento, e a ajuda que se prestava para resistir às causas de morte e de desaparição.

E dêste modo, fazendo lições agradáveis, traziam sempre grandes provisões de coisas úteis à colónia.

Convêm notar que essas diferentes excursões se realizavam simultaneamente, e as crianças podiam escolher a que mais fôsse do seu agrado.

Uns, por exemplo, em certos dias, preferiam seguir os trabalhadores da oficina, que, pela benegnidade do clima, estava sempre ao ar livre, com uma cobertura móvel para os resguardar do sol ou da chuva, segundo as necessidades.

Ali permitia-se aos pequenos dedicar-se à produção de qualquer objecto, dando-lhes as indicações necessárias para o manejo das ferramentas, e mostrando-lhes, os inconvenientes dêste ou aquele movimento, vicioso, deixando-lhes livre curso à sua imaginação; relatava-se-lhes a história do ofício, de onde derivava e davam-se-lhes algumas noções sôbre a natureza dos produtos empregados.

Convêm advertir que a perseguição que originara a deportação a que estavam condenados os passageiros de *La Aretusa*, se exercera sôbre a parte mais ilustre do proletariado, alcançando, além disso, algumas personalidades conhecidas nas artes, nas sciências e, em geral, na classe que se considerava como que a flôr do saber, que tinham tomado parte na luta contra a exploração; e, portanto, o nível intelectual da colónia era bastante elevado para suprir a falta de especialistas, ao menos provisóriamente.

Ao mesmo tempo que se instruiam, as crianças produziam muito trabalho útil à comunidade e a êles próprios, aprendendo a não dividir, porque praticavam ao mesmo tempo o trabalho e a instrução.

A sua emulação excitava-se em alto grau quando nas excursões descobriam alguma coisa útil, ou na oficina conseguiam construir um objecto que atraia a atenção dos operários; sobretudo, alguns deles indicavam o desejo de possuí-lo.

Ali manifestavam-se as diferenças de carácter; uns sentiam prazer em oferecê-lo à pessoa que mais amavam; outros tinham mais empenho em conservá-lo quanto mais admirado era, e outros prometiam construir objectos semelhantes para quem os desejasse.

A vantagem dêste ensino consistia em não estar submetido à menor imposição. Os alunos tomavam dele o que queriam, sem adoptar o carácter árido das lições, e como o trabalho nunca excedia as suas fôrças, não durava senão enquanto lhes causava satisfação; no seu pensamento o trabalho não adquiria o carácter penoso que a má organização social impunha aos seus pais.

O trabalho fica assim associado à alegria de viver e de exercer essas faculdades.

XX

Uma manhã, chamou a atenção dos colonos um poste com pretensões a coluna, que sustentava um quadro com um papel. Eis o que nele se lia:

GAZETA TERRALIBERIANA

ÓRGÃO SATÍRICO

com as novidades do mundo inteiro — Publicar-se há quinzenalmente

A redacção da Gazeta Terraliberiana *desejava enviar o seu primeiro número ao domicílio de cada um dos habitantes da nossa capital; porêm, não estando ainda organizado o serviço postal, vê-se forçada a renunciar ao seu desejo.*

Em honra da verdade, diremos que nos obrigou outro factor muito mais poderoso: a falta de papel.

A redacção, que não retrocederá perante nenhum sacrifício para satisfazer os seus numerosos leitores, pensou na possibilidade de gravar caracteres móveis de madeira para a impressão da sua interessantíssima publicação. Um dos nossos prometia-nos uma imprensa adaptada à nossa circulação,

Mas, por mais rudimentar que seja êsse meio, imposto pela situação e não pelo desejo de retroceder aos tempos primitivos, tivemos de renunciar a êle por não haver uma má fôlha de papel ou de tela para imprimir.

De todos os modos, prometemos aos nossos futuros leitores remediar êsse defeito, para o que se fizeram importantes estudos e esperamos brevemente fabricar papel para que os terraliberianos não se queixem da falta de leitura.

Esperando a aurora dêsse ditoso dia, talentos juvenis e nobres pensamentos ardem em desejos de se desenvolver e empreender o seu vôo, passando pos tradição, já que não pode ser pela arte de imprimir, às gerações futuras.

Para corresponder a essa imperiosa necessidade, a redacção da Gazeta Terraliberiana, *resolvida a não esperar mais, decidiu não fazer-se ler, mas fazer-se ouvir.*

Reunimos suficientes restos de papel de embalagem que a posteridade tome nota de tam modesto princípio) para escrever os nossos artigos, desenvolver o nosso pensamento e, em caso de necessidade, velá-lo com sinzeladas frases.

Acudam aqui os Terraliberianos depois de ámanhã, às nove horas da noite e a redacção, apesar do seu desejo de permanecer anónima, vencerá a sua modéstia, lendo os seus artigos perante a respeitavel assembléa que a venha escutar.

Na noite citada, a população de Terra Livre acotovelava-sena praça paraa ouvir a leitura da *Gazeta* e conhecer os autores daquele novo jogo, que tinham guardado o seu segredo de tal modo que ninguêm antes da leitura do cartaz, suspeitara do que se tramava contra a sua tranqüilidade.

Improvisara-se uma tribuna, na qual, quando a multidão foi bastante numerosa, tomaram assento meia dúzia de colonos que constituiam a redacção; alguns deles tinham certa notariedade na colónia, mas outros eram conhecidos por vê-los diáriamente ocupados nas tarefas em que se empregava toda a gente. Entre eles havia uma mulher.

Se a redacção não era numerosa, era variada, porque cada redactor tratava de diversas secções. Começou-se pelo programa da *Gazeta*, com a promessa de todas as reformas que havia de realizar.

Seguia o boletim político, que continha a exposição das relações diplomáticas da colónia com os Estados Vizinhos e em que se punha num estado lastimável o ex-comandante de *La Aretusa*; vinham depois notícias de diferentes partes do mundo, que se supunham recebidas por pombas mensageiras.

Alguem pediu que se mostrassem as pombas; mas os redactores, confundidos por um momento, pediram desculpa de não satisfazerem o pedido por não terem podido resistir ao desejo de as comer.

—Sim, e transformasteis em *canards* —disse um dos ouvintes.

Um dos redactores observou que, se cada um tivesse recebido um exemplar na sua casa, as reflexões desagradáveis que poderiam fazer à redacção, não iriam, como no caso presente ter irritantemente aos ouvidos desta, rogam portanto ao público, para conservar as aparências dum verdadeiro diário, que reservem só para si as suas reflexões, ao menos na presença dos redactores.

Passou-se depois às notícias do interior dos países estrangeiros e o campo do *La Aretusa* forneceu nova ocasião de serem crivados de gracejos o comandante e os seus oficiais. Também nessa secção havia referências aos Terraliberianos.

Na secção literária vinha a história de um rapaz que fazia a côrte a uma rapariga; êle era folgazão e cândido, e a joven séria e gracejadora, fingia admitir os seus obséquios de tal modo que pôs o galan em ridículo perante toda a colónia.

O caso era verídico: — tratava-se dum Rigido que sondava a filha dum colono casado. Entre as famílias dos deportados contavam-se algumas jovens de 15 a 18 anos. A joven galanteada, de acôrdo com as mulheres da colónia, e para dar-lhe uma lição, deixou-se admirar, crivando-o de gracejos, até que êle se convenceu de que era a irrisão da vila.

A história estava exposta com graça, com inúmeros detalhes cómicos, tão de maneira que foram reconhecidos os personagens, pelo que alcançou um êxito extraordinário.

Em resumo, o primeiro número da *Gazeta Terraliberiana* teve uma acolhida magnífica e durante algumas semanas formaram-se mais de cinco grupos fundadores dêsse novo género de publicações. Mas a maior parte dêsses ensaios, mal inspirados e organizados, careciam de oportunidade e graça.

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XX

Houve frenesi, chegou a ser uma ocupação predominante. Para ultrapassar o vizinho, faziam-se histórias falsas, e de crítica mais ou menos justificada passou-se ao que, sem ser calúnia, era no entanto maledicência.

Coujant foi um dos primeiros imitadores da *Gazeta* e não tendo encontrado colaboradores, fez sózinho o seu jornal e foi o primeiro que começou a dizer mal. Houve ocasião em que a leitura de alguns diários esteve a ponto de terminar em desordem e custou bastante trabalho desvanecer algumas inimizades que se começavam a manifestar. O trabalho útil resentia-se já pelo excessivo tempo que se dedicava àquele passatempo. Parecia que os iniciadores da *Gazeta* tinham tido uma inspiração predicial para a vida da colónia, introduzindo nela aquele elemento de discordia.

Os que haviam resistido à mania predominante, discorriam sôbre o modo de a refrear.

Um dia os colonos foram convidados para uma representação teatral. Intitulava-se a peça: *O que sucederá!*

O auctor punha em scena duma maneira satírica a jornalmania. A acção desenrolava-se num país imaginário e os personagens tinham nomes gregos.

Tratava-se duma povoação que vivera sempre tranquila até que um dia veiu a mania de fazer diários; começou um grupo a fazer um; em s guida surgiram grupos de todos os lados, estes sub-dividiram-se em numerosissimos sub-grupos, chegando-se ao ponto de cada indivíduo querer fazer o seu diario.

Assim, cada um teve de ser redactor, impressor, fabricante do seu papel, da sua tinta, da sua imprensa e não chegavam a entender-se porque, com trabalho tam extraordinário não podia haver leitores.

Faltaram vestidos, mas aquela gente vestiu-se com os jornais; faltaram víveres e tratou-se de guisar papel impresso, que era a única cousa que abundava no país; mas aquele alimento era tam indigesto que as colicas faziam estragos.

A comédia estava escrita e desenvolvia-se com espírito e os colonos riam á vontade, resultando do espectáculo não só não aparecerem novos jornais, mas ainda desaparecerem alguns, ficando dois ou três, que eram os mais interessantes, e cujos autores não descuidavam o trabalho, fazendo-se notar, pelo contrário, pela sua actividade.

Voltou o socego à colónia, mas o êxito de *O que sucederá* incitou novas produções scénicas, vindo então a moda de organizar representações e concertos.

XXI

No meio daquela actividade, ficava sempre um grupo de Rigidos, a quem repugnava o trabalho.

Como não estavam bem considerados, costumavam oferecer-se a algum grupo, mas tinham o cuidado de o fazer quando os seus serviços não eram necessários. E quando intencionalmente os aceitavam, o seu zelo não durava muito. Raras vezes se contava por dias.

Os pretextos não faltavam: sempre havia algum grupo que necessitava de um ou dois homens e ali iam, deixando os seus companheiros que podiam continuar bem o trabalho sem êles.

Como sucede para a divisão do trabalho, a afinidade havia-os unido sem necessidade de se procurarem e tinham chegado a ponto de, sem ser necessário combinação, quando os dominava o aborrecimento, já saberem onde encontrar almas irmãs para matar o tempo em companhia.

Com o fim de dar maior liberdade aos colonos, os víveres distribuiam-se para uns poucos de dias, sem que houvesse comissão encarregada de proceder à sua distribuição.

Para evitar qualquer engano fizera-se um inventário do existente reproduzido em vários exemplares. O armazem estava fechado, mas cada colono encarregava-se, à vez, dele, e quando saia alguma coisa, isso se fazia à vista de todos, eliminando-se no inventário o que saía do armazem.

Como se tratava dum expediente imposto pelas circunstâncias e todos compreendíam que dêle devia depender a subsistência de cada um, aceitavam-no facilmente.

Claro é que, para a saida de um pequeno lote de material, se operava sem recorrer à presença de todos.

Quando se reconhecia que um grupo determinado tinha necessidade para o seu trabalho de uma quantidade de tal ou qual produto, bastava que o grupo firmasse um recibo.

E tudo marchava bem sem muitas dificuldades.

Graças a êste sistema, os mandrjões nem sequer tinham necessidade de se apresentar à hora das refeições e costumavam desaparecer durante alguns dias, reunindo as suas provisões, cozinhando-as juntos, acrescentando o produto da sua caça quando apanhavam alguma gazela ou alguns passaros.

Até então haviam respeitado o armazem comum.

Porém, um dia que celebravam um banquete com os restos dum antílope caçado no dia anterior—os colonos tinham aprendido a fazer fogo com pederneiras e folhas sêcas—um dêles chamado Troupy, apresentou uma garrafa de aguardente, das que os colonos reservavam para necessidades que se podiam apresentar mais urgentes que a satisfação de beber sem necessidade.

—¿Como te arranjaste para meter mão a esta peça?—perguntou um dos Rígidos.

—Muito facilmente; ontem ajudei Fenand, que estava de guarda e aproveitei um descuido para subtraí-la—e passar a garrafa a um companheiro, depois de ter bebido um bom trago.

—Isto fortifica—disse o segundo bebedor, depois de beber a sua parte e passando-a a um terceiro, que a esperava com ânsia.

—Já tinha perdido a recordação do sabor—disse aquele, lambendo os beiços com grande prazer.

—O que fazemos nêste momento—disse outro—é uma pouca vergonha.

—Por um litro! Isso não arruinará a colónia!

E um bom trago desvaneceu os seus escrúpulos.

O suplemento oferecido por Troupy ao *menú* habitual das parodias, foi tam apreciado que outros o imitaram; mas procederam com tanta indescrição que o armazenista de semana notou um dia um vazio no logar destinado à aguardente e, consultando o inventário, viu que faltavam uns doze litros de aguardente. Como a sua atenção se fixara no empenho com que os Rigidos se ofereciam para o ajudar no trabalho do armazem, depressa surpreendeu um deles em flagrante.

Grande sensação causou o facto entre a colónia, provando uma grande reünião. De novo se pôz o problema da repressão ou da liberdade.

Deixar passar tais actos sem castigo era animar os delinquentes. Poder-se há fechar os olhos numa sociedade onde houvesse de tudo em abundancia, mas Terra Livre estava em condições especiais que não permitiam semelhante tolerância. Os mais moderados propunham que se desse ao ladrão uma boa pauhada para recordação; outros pediam simplesmente a sua expulsão da colónia.

E estes raciocinios eram expostos por homens que se haviam revelado na Europa contra a exploração burguesa e que não queriam que na colónia se implantasse uma nova tirânia.

A lógica dos defensores da liberdade era constante e inflexivel.

—Se estabelecermos os castigos—diziam—vamos até à reconstituição da magistratura. ¿Serão os novos juizos melhores e mais justos?

—Fala-se de castigar o delinquente, diziam outros—o castigo seria explicavel no momento de apanhar o ladrão com as mãos na massa e muitos terraliberianos não deviam ter escrúpulos em abrir-lhe a cabeça naquele momento. Mas, passado já o facto julgado e sentenciado, ¿haveria algum terraliberiano que se prestasse a desempenhar o cargo de verdugo?

Todos se calaram.

—Expulsá-lo da colónia. ¿Mas por algumas garrafas de aguardente devia-se condenar à morte um homem? E, admitindo que a colónia continuasse fornecendo-lhe víveres depois da sua expulsão, ¿não seria fazer dêle um inimigo, dando-lhe direito a fazer o que lhe ditasse a cólera? Nesse caso, acabava-se a tranquilidade; teria que se vigiar constantemente, manter um estado de perpétua desconfiança.

¿Não seria preferível recorrer aos bons sentimentos do delinquente, expôr-lhe todas as desvantagens que, para êle e para todos resultaria se o seu exemplo fôsse imitado? ¿Não valia mais a confiança recíproca e fraternal em que se tinha vivido até então, que a suspeita e o ódio que sobreviriam se êsses actos se repetissem?

Durante êstes debates os Rigidos mostraram-se envergonhados, desejariam ser invisíveis. Unicamente o ladrão se quiz fazer cinico e quando se discutia a idéa do castigo chegou a fazer um sinal provocador.

No entanto, prevaleceu a tolerância. A assemblea dissolveu-se sem que ninguem dirigisse uma palavra ao culpado. Os seus proprios cúmplices foram os primeiros a afastarem-se.

Ele permaneceu algum tempo só, antes de se decidir a abandonar o sitio. Por último, cerrou os punhos, deu um golpe no solo com o pé e afastou-se.

Passaram dois dias sem o vêr.

No terceiro dia reapareceu tranquilo e, vendo um grupo de ferreiros que preguntavam se havia quem os quizesse ajudar, apresentou-se e disse:

—Recusais-me?

(Continua)

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XXI

—Sem o menor inconveniente, vem connosco—disse um em nome dos companheiros.

E assim terminou o incidente.

Depois, de quando em quando, manifestava-se-lhe o desejo de vagabundear, mas o trabalho com os companheiros cumpria-o perfeitamente.

Ele era o protagonista da história cómica contada na primeira sessão da *Gazeta terraliberiana* e que, apesar dos traços da rapariga, sempre lhe conservou um profundo sentimento de amor.

Quando voltou ao seu posto entre os trabalhadores, procurou todas as ocasiões para ser agradável à sua amada e, como era engenhoso, presenteara-a com objectos de utilidade e gôsto, que construia.

Pouco a pouco se apagou a impressão da penosa scena passada. A jovem mostrou-se mais confiada e os terraliberianos previam que dentro em pouco teria lugar a primeira união entre um terraliberiano e uma terraliberiana.

XXII

A questão do roubo impressionou os Rigidos. Durante alguns dias não se atreveram a abandonar abertamente o trabalho e fizeram algumas aparições nas obras e oficinas.

Mas o costume de vadiar estava muito arreigado neles para se desvanecer tam depressa e quando se começou a esquecer a scena, voltaram à mesma.

Encontramo-los numa das suas vadiagens. Faltavam alguns na lista; as reuniões não são já constantes e continuadas como dantes. No entanto, ainda há sete ou oito recalcitrantes.

Justo é dizer que o dia é pesado e de calor, precisando de incitamento até os colonos mais activos e diligentes.

Os nossos homens nem sequer tomaram o costume de fingir que iam ao trabalho, encaminhando-se directa e pausadamente para o sitio da sua preferência, para onde iam jogar as cartas.

O sítio é excelente: uma clareira do bosque, coberta de branda e finissima herva, que forma uma espécie de alfombra verde; um limpido regato que deslisa murmurante; uma atmosfera fresca e perfumada que encanta e deleita, são causas poderosas para produzir a calma absoluta e atrair os doces sonhos.

Além disso, há ali uma árvore corpulenta com uma folhagem frondosa, impenetrável aos raios do sol, a cuja sombra é sobremaneira agradável dormir a sesta.

Ali estavam todos: uns estendidos no chão, outros jogando uma partida. Um dos jogadores, deu as cartas, distraído, enquanto contava uma historieta, e quando chegou ao fim do baralho equivocou-se; havia dado uma carta de mais a um e teve que recolher as cartas para dá-las de novo, o que desesperou o que tinha bom jôgo.

Dadas outra vez, disse um:

—Eu tenho uma carta a mais.

—E eu uma a menos—disse outro.

O jogador tirou o seu jôgo com nojo, dizendo:

—Só a mim sucedem estas coisas. Tinha uma quinta maior de trunfo e terça maior de espadas. Não jogo mais.

—Ouve, Caron—disse um dos jogadores—¿queres ser o meu companheiro na partida?

—O quê?—disse o interpelado, abrindo desmesuradamente a boca e estendendo-se no solo.

—E queres jogar?

—Convida-me quando o jôgo acabar—disse, fechando os olhos e voltando-se para o outro lado.

—E tu, Sambert?

—Nem sequer tenho fôrças para me mover.

—Não sois capazes de fazer um favor!

—Vai passear! Se as cartas te divertem, a mim enfastiam-me. Já te disse, deixa-me dormir.

—Como se diverte um individuo aqui!

—Porque vieste?

—Se o soubesse... Com os outros brinca-se ao menos e o tempo passa depressa.

—Pois vai trabalhar com eles.

Houve uma pausa.

—¿Quereis que demos um passeio?

—Faz muito calor.

—Para que passear? Sempre se vê o mesmo: árvores, rochas e hervas...

—Eu não posso dormir.

—Oh! Como um individuo se diverte aqui!

—Isso é o teu estribilho?

—Se soubesse tinha seguido com Flochard para a caça.

—Tem que andar muito e volta sempre extenuado.

E o Rígido que disse isto, horrorizado com a recordação de tanta actividade, deu um bocejo enorme e sonoro, espojando-se no solo à vontade.

Aquele bocejo produziu um outro simultâneo e geral na assemblea.

—Oh! Co...mo nos di...ver...ti-i-i...mos!—disse depois, bocejando o do estribilho.

—Não quereis jogar as cartas sem passear. ¿Que havemos de fazer? Eu estou farto de estar deitado e não posso dormir. Tam pouco podemos voltar à vila, porque é muito cedo e os rapazes cantariam a canção dos vagabundos e as mulheres zombariam connosco.

Outra pausa mais longa, durante a qual só se ouvia o ronquido de algum dormente, algum bocejo ou o rumor devido a mudança de posição.

Depois de outro bocejo, disse um:

—Parece-me que amanhã vou à serra, a ver se precisam dum ajudante.

—Não sabes que se vai instalar ali um moinho.

—Ocorre-me uma ideia. Eu fui moleiro e vou ver como trabalham, sendo provável que me decida a ir trabalhar, se precisam.

Depois duma nova pausa:

—Concordemos em que somos uns vadios de primeira, estando aqui emquanto os outros trabalham.

—Eu não posso remediar, vim cansado ao mundo.

—Bem, somos muito vadios; porque, apesar de tudo, faz-se o que se quere e ninguem exige pressas.

—Conforme com quem se trabalha porque há alguns que grunhem como um burguês se uma criatura não trabalha tanto como elas.

—Que importa isso! Aqui não há quem castigue ou despeça.

—Eu não gosto de trabalhar...

—Mas em que nos divertimos aqui?

—E tu sempre com a mesma cantiga.

—E' que eu julgo que é perder tempo trabalhar nesta ilha perdida. O dia menos pensado apresenta-se aqui um barco e carrega com todos nós.

—Era o que faltava; um barco poder carregar um suplemento dumas mil pessoas...

—Não. Mas levará a noticia da nossa existência e virão buscar-nos...

—Para nos enviarem à Guyana ou à A'frica. Tinha graça.

—Não, mas...

—Se nos viessem buscar só por ordem do govêrno. Não é de esperar que os burgueses abram uma subscrição para nos repatriarem, recebendo-nos em triunfo...

—Não, mas asseguro-te que uma vez livre do presídio, preferia que me rompessem a pele a levarem-me... Afortunadamente temos a artilharia da *La Aretusa* para receber quem nos venha buscar.

—A verdade é que somos maus.

—Maus! Maus! E tudo porque um descança de quando em quando.

—Se não descançam senão de quando em quando. Mas é que descançamos sempre sem nos termos cansado.

—Pela minha parte, não disse que não queriamos trabalhar. Mas é que isso toma tempo. E é tam bom estender-nos sôbre a erva, ao sol, não pensando em nada!...

—Sim, mas se todos fizessem o mesmo, não durava muito isso de se não pensar em nada.

—Não chegarás a velho se escangalhas a cabeça pensando desse modo.

O sol começava a declinar e vendo-o fugir no horisonte, os folgazões pensaram que já era hora de se aproximarem das cozinhas.

Dirijiram-se silenciosamente para a vila, dizendo ao separar-se:

—Parece-me que amanhã ficarei com os outros.

—Também tenho ganas de fazer o mesmo.

—Sim, será uma novidade.

—Pois eu não estou decidido. Amanhã veremos.

XXIII

Na colónia, quanto mais tempo passava mais gosto se encontrava no trabalho, que ia perdendo em grande parte o carácter social que adquirira, para individualisar-se cada vez mais. Como aumentavam os recursos, podia contar-se mais a com iniciativa de cada um.

Havia já bastante tempo que as habitações estavam construidas. Cada um tinha a sua e as colheitas estavam recolhidas e armazenadas.

Um moinho funcionavo sobre o arroio; construira-se um forno e a colónia tinha pão mole todos os dias.

Discutia-se se seria melhor haver uma só padaria que fizesse pão para todos ou que cada um tivesse a sua amassadeira e o seu forno em casa, onde amassasse ao seu gôsto e conveniência. Uns estavam pela padaria central, outros que cada pessoa ou grupo de vizinhos, fizesse o seu pão. Decidira-se fazer uma experiência. Para não perder tempo em trabalhos inuteis, cada um amassaria a sua massa e a levaria a cozer ao forno comum que, estando situado num sítio central, não causaria grande atraso.

Se a experiência não resultasse concludente, os que preferiam a padaria comum, entender-se-iam entre si; os que a quisessem individual ou por pequenos grupos fariam outro tanto.

(Continua)

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XXIII

Da colheita da horta tinha-se podido distribuir sementes aos que quizessem cultivar hortas e jardins. O resto fôra conservado para semear em comum, com o fim de assegurar-se uma reserva, para intentar depois a centralização, sem correr o risco da escassez.

Tinham-se encontrado minas de cobre e de ferro, e estavam em exploração, o que permitia aos terraliberianos dedicarem-se a muitos trabalhos de que dantes se viam privados por falta desses metais.

Terminadas as casas, pensou-se logo no mobiliário. Ao principio, cortava-se a madeira em pleno bosque e faziam-se mesas rusticas e assento mais ou menos cómodo; mas a sua mecânica permitiu a melhoria desse ramo de indústria.

A associação de Doré, escultor; Soubreiran, marceneiro, e Dormeuil, ferreiro, realizou um grande progresso. Doré desenhou um aparador para cada uma das famílias do grupo; Dormeuil forjou as ferragens segundo esse desenho e Soubreiran trabalhou a madeira.

Quando se terminou o primeiro móvel todos os terraliberianos correram a admirá-lo.

O oleiro ofereceu-se para fabricar a vasilha, para guarnecê-lo se a associação quisesse construir um semelhante.

Outros observaram que estavam trabalhando em coisas úteis à comunidade e desejavam em troca que lhes fizessem qualquer móvel.

Os nossos três homens, para quem era um prazer dedicarem-se a esta fabricação, organizaram um grupo, em que uns se empregavam nos bosques a cortar, secar e preparar a madeira pôsto que não houvesse reservas bastante antigas que tivessem secado naturalmente, e outros foram extrair o mineral e transformá-lo em metal.

Por sua parte, Randon lográra separar os filamentos das suas plantas, de maneira que se pudessem tecer.

Isto exigia um novo agrupamento de aptidões de que fazia parte Doré, porque descobrira a aplicação de telas no mobiliário, ao mesmo tempo que ajudava a importantíssima renovação do vestuário.

Dormenil também era do grupo que tratava da construção de teares.

Por último, tinha-se estabelecido uma alcaçaria para trabalhar as peles das gazelas caçadas, das quais se esperava tirar grande partido para a manufactura do calçado. Entretanto fabricavam-se tamancos.

Por falta de enzinhas para curtente duvidava-se que se podessem utilizar as peles, mas Randon havia descoberto nas suas excursões uma variedade de sumagre, que substituia vantajosamente a enzinha, e depressa os curtidores organizaram a sua alcaçaria para curtir peles que se tinham conservado em sal; porque escusado será dizer que desde a sua chegada à ilha os colonos haviam aproveitado algumas marinhas naturais para extrair o sal.

Alguns mecânicos haviam pôsto em marcha meia dúzia de carros automóveis movidos a alcool, que bastavam para as necessidades de transporte da colónia.

Para isso conseguira-se a distilação de vários frutos e sementes que abundavam na ilha e produziam o alcool suficiente para o uso industrial.

Como já se disse, êsses grupos profissionais não tinham nada de carácter independente, fechado às relações com as outras profissões. As relações diárias, as simpatias e as afinidades contribuiam para a sua formação, assim como os conhecimentos técnicos e o agrupamento não anulava as relações individuais, senão quando o esfôrço o exigia.

Tam absurdo seria retroceder ao estado em que cada um fabricava o que lhe era necessário, como essa excessiva especialização a que a indústria moderna reduziu o trabalhador, quem passa a sua vida fabricando mil e mil exemplares da mesma peça, sem conhecer sequer o conjunto de que há de fazer parte, e muitas vezes a fazer sòmente uma parte dessa mesma peça, sem acabá-la nunca, o que é estúpido, não só sob o ponto de vista de desenvolvimento individual, como também no que se refere ao conjunto da humanidade.

De resto, todo o indivíduo, embora de mediana inteligência, possui aptidões para variar os seus trabalhos, e essa variação é necessária; mas não é universal e não podem exercê-la todos com a mesma facilidade.

Entre os terraliberianos o trabalho organizava-se evitando êsses extremos.

Mas nenhum indivíduo se julgava obrigado a praticar exclusivamente o mesmo ofício que exercia antes da perseguição, pois todos o odiavam, porquanto havia sido para êles uma escravidão.

Por exemplo, quando os ferreiros careciam de material, se não se encontrava quem se dedicasse à extracção do mineral, eles mesmo e todos aquêles a quem interessava mais directamente o seu trabalho convertiam-se em mineiros.

Do mesmo modo, os cesteiros, quando lhes faltava tela, eles mesmo se punham a tecer; os curtidores, quando careciam de curtente, iam buscá-lo ao bosque, e assim se fazia em todas as indústrias.

Todo o indivíduo tinha algum interêsse na boa marcha de cada grupo, e, por isso, quando se necessitava de algum ajudante, nunca faltava um disposto a abandonar interinamente um trabalho pouco necessário nessa ocasião para atender outro mais urgente.

O pequeno número de individuos de que constava a colónia havia facilitado essa concórdia, mas essa mesma pequenez e as difíceis circunstâncias que atravessava, essa escassez de recursos e de meios, haviam produzido obstáculos difíceis de superar.

De todo haviam triunfado, graças ao predominante espírito de concórdia e à boa compreensão dos direitos do indivíduo, que não excluem a solidariedade com o meio e com os restantes indivíduos apezar de se haverem manifestado rivalidades e desavenças entre indivíduos e às vezes entre grupos.

Houve ocasiões em foi necessário que que interviesse a população inteira para pôr fim a zangas que, entregues a si mesmo, poderiam ter envenenado o bom acôrdo e a harmonia geral.

Era evidente que essas zangas tinham a sua origem nos restos da educação antiga e dos costumes do velho mundo, que, apezar da evolução das suas ideas, os colonos não tinham podido abandonar por completo.

Hão de passar muitas gerações antes que se desvaneçam os maus efeitos de tantos séculos de opressão, de miséria, de servidão e maus costumes.

XXIV

Tudo caminhava bem. Os nossos colonos levavam uma vida tranqüila e feliz, e se alguma vez se manifestava penosamente o sentimento de solidão, fora do mundo desprovidos de muitas coisas necessárias à vida, mas que chegaram a ser necessárias ao homem, subministradas pela sciência e pela indústria, êsse pezar era compensado pela alegria de serem livres, de desenvolver sem entraves todas as suas faculdades.

Havia-se-lhes imposto uma nova evolução, e realizavam-na conscientes e dignos.

Dispostos a não suportar cadeias, nem o isolamento da ilha estavam resignados a sofrer e já se falava na construção de um barco capaz de larga navegação que os puzesse em comunicação com o antigo mundo, com os companheiros que tivessem subrevivido à tormenta de repressão levando-lhes a força dêsse pequeno mundo que se criava para ajudar a transformação do antigo.

E já não era isto uma aspiração vaga e imprecisa porque havia já quem estudasse sériamente os planos dum barco e de uma máquina movida a alcool.

Os colonos começavam, pois, a respirar e a gosar pacíficamente os frutos do seu trabalho.

A segunda colheita que não haviam semeado imediatamente logo depois da primeira, antes de conhecer bem o clima da ilha anunciava-se soberba. O optimismo de Panglors tinha razão de existir na Terra Livre.

(Continua).

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XXIV

Congratulavam-se de ter encontrado repouso e bem-estar em lugar do presídio para onde os enviava uma burguesia a quem haviam irritado até a ferocidade pelo temor de perder os seus privilégios, quando viram um dia chegar uma dúzia de indivíduos pálidos, fracos, sujos e esfarrapados.

Eram delegados do campo de *La Aretusa*, que vinham pedir aos deportados se queriam aceitar no seu seio os marinheiros e soldados, ou prestar-lhes auxílio porque se encontravam na maior miséria.

A caça e a colheita de algumas frutas e raises permitira economisar os víveres que lhes corresponderam à divisão das provisões do barco; não se chegára aos rigores da fome absoluta mas o desastre do campo de cultura produziu o maior desalento.

De resto o comandante, firme na sua idea de saír da ilha, não prestou atenção alguma ao trabalho de bem estar e comodidade de seus homens. O seu pensamento dirigia-se exclusivamente à construção de uma barca que pudesse lançar ao mar levando provisões para algumas semanas.

Reùnira a lona de que dispunha e prometeu que quando a barca estivesse construída se tiraria à sorte entre os mais resolutos para se arriscarem a tal empreza; mas na noute anterior embarcou clandestinamente com os seus oficiais, levando para bordo da barca o resto das provisões, deixando a um contra-mestre o encargo de ler uma ordem do dia declarando que, vendo a sua auctoridade cada vez mais desrespeitada, não querendo presenciar o triunfo da rebelião, ia com a sua barca em busca dum pôrto civilisado mais próximo, para se repatriar e obter do governo ordem para chamar os rebeldes à razão.

Deixava aos soldados a liberdade de se arranjar como pudessem viver, mas esperava que se submetessem imediatamente quando voltasse.

A notícia alarmou os terraliberianos. Imediatamente se pensou em embarcar numa chalupa um número suficiente de homens armados em busca dos fugitivos; mas ao cabo de algumas horas de observação marítima sem ver em toda a extensão do horisonte mais do que o mar perfeitamente tranqüilo, sem o menor indício de vela nem de barca, abandonou-se, pois, a perseguição.

A vantagem da chalupa a vapor, que permitia ganhar em doze ou catorze horas aos fugitivos, resultava inútil por ignorar-se a direcção que haviam tomado. ¿Onde procurar naquela imensidade que envolvia a ilha?

A fuga do ex-comandante do *La Aretusa*, se êste lograva chegar a um pôrto freqüentado, era um golpe tremendo para os colonos; trazia o fim do repouso e tranqüilidade.

A circunstância de se encontrar fora de toda a rota conhecida não impediria o envio de couraçados e embora pudessem realmente organizar uma defeza, ia ser necessário passar o melhor do tempo fazendo vida militar; de trabalhadores entusiastas e progressivos tinham de se converter em sanguinários e destruidores. O melhor que podia suceder é que a frágil embarcação do ex-comandante fôsse desfeita pela tempestade antes de chegar a terras habitadas.

A tentativa creava uma situação grave para que os terraliberianos se detivessem perante sentimentalismos de qualquer espécie e se a jangada se tivesse apresentado ao alcance duma das peças que na costa prolongavam, como reptis ameaçadores, as suas bocas ameaçadoras, não teriam tido o menor escrúpulo em enviar-lhes uma mensagem de ferro e fogo.

Emquanto aos acontecimentos, convinha pôrem-se em estado de defeza e preparar as munições, prevendo o caso de ser necessário recorrer a elas; era tambem necessário renovar a vigilância abandonada havia muito tempo.

A chegada à vila dos soldados e dos marinheiros era outra complicação: dado o terror dum ataque do exterior, convinha admiti-los no meio dos colonos, ou metê-los no seu campo, auxiliando-os com os instrumentos e víveres de que precisassem até que pudessem viver por si próprios?

Depois de larga discussão, reconheceu-se que, deixando-os fora da colónia, não se desvaneceriam as desconfianças e necessitariam uma vigilância especial, o que podia provocar neles um sentimento de hostilidade; emquanto que, aceitando-os na colónia, se facilitaria a aproximação, interessando-os pela defeza.

A discussão efectuou-se defronte dos delegados e quando terminou, disseram-lhes que fossem buscar os seus companheiros, dando-lhes conta da discussão que acabavam de presencear.

Quando se apresentaram poucas horas depois, foram inteirados que eram recebidos como amigos e seriam tratados como iguais; pedindo-lhes, em troca, boa vontade e o respeito dos direitos de cada um, para que respeitassem os seus.

Se o seu comandante voltasse, podiam livremente unir-se a ele; unicamente se lhes pedia que não se esquecessem de que, tendo sido tratados como irmãos, não deviam proceder como inimigos.

Para celebrar a sua chegada, toda a colónia se reùniu em banquete. Foram alojados da melhor forma, até que, com a ajuda dos terraliberianos, se construissem albergues onde recolhessem.

O mais difícil era vesti-los, porque os vestidos eram andrajosos e na colónia não havia reservas para atender a uma necessidade tam urgente e tam grande, e foi necessário lançar mão de telas destinadas para outros usos. Felizmente, o clima não exigia grande complicação nos vestidos e a moda baseava-se principalmente na comodidade.

Fizeram-lhes ver como se tinham arranjado os terraliberianos para a habitação e convidaram-nos a discutirem se a queriam ter isolada, por grupos ou em conjunto, dizendo-lhes que as casas se fariam segundo as suas resoluções.

Os Aretusianos não sabiam como agradecer o acolhimento que lhes tinham feito e depois de passarem alguns dias entre os colonos, manifestaram a sua admiração pela maneira como dividiam o trabalho, pelo escrúpulo de cada um em cumprir a sua tarefa e porque ali o trabalho, longe de ser um castigo, como sustenta a doutrina cristã e como o organizou a sociedade capitalista, era, pelo contrário, atractivo e necessário ao executar-se livremente, sem violência e por gôsto.

Disseram que o que os impedira de seguir o exemplo dos desertores, unindo-se aos colonos, fôra que, àparte o terror de serem considerados como desertores se alguma vez fossem repatriados, o que o comandante lhes prometia sempre, os oficiais lhes contavam diáriamente que os colonos, com as suas teorias de liberdade, se deixavam governar pelos mais astutos; que só trabalhavam alguns, emquanto outros fugiam ao trabalho; que as suas discussões terminavam freqüentemente com desordens; que os desertores se empregavam nos trabalhos mais penosos e que se não voltavam ao acampamento era pelo receio de serem tratados como mereciam e também porque eram incessantemente vigiados pelos deportados.

E como lhes era proíbido passar certos limites, estando no seu interêsse não se afastarem para não serem apanhados pelos deportados, porque haviam acreditado no que lhes diziam. Se alguns tinham feito incursões ao interior da ilha, nunca se arriscaram até às terras dos colonos.

Os terraliberianos compreenderam então que tinham cometido uma grande falta em não se ocuparem mais dos soldados; porêm, a necessidade de se organizarem e o trabalho intenso que tinham desenvolvido, desculpavam-nos o ter descuidado e perdido temporáriamente as suas faculdades de proselitismo. A falta não era irreparável; não havia mais que procurar recuperar o tempo perdido.

Pois lançou-se mãos à obra; sacharam-se os terrenos de cultura e formaram-se grupos para a construção de habitações.

Soldados e marinheiros, pelos seus longos dias de ociosidade e de mandria física e intelectual, haviam perdido os hábitos dum trabalho seguido; mas a idea de que trabalhavam para si e a actividade dos terraliberianos era tam alegre, tam espontânea, tam vibrante, que involuntáriamente se sentiam activos e a mudança não lhes foi dolorosa, nem mesmo ao princípio.

A' medida que se familiarisavam com a vida da colónia, caiam de surpresa em surpresa, deplorando não se terem dedicado antes àquela vida e admirando com entusiasmo o que tinham podido fazer a actividade e a inteligência daqueles homens, a quem a autoridade e as crenças a que até então haviam estado submetidos, destinavam aos horrores da deportação.

O entusiasmo e a emulacão ia-os regenerando.

XXV

Fazia três semanas que o comandante partira, e, passado o primeiro alarme, ia-se dando menos importância ao caso. A convicção de que perecera no mar, aumentava de dia para dia, tanto mais que, depois da sua partida, se desencadeara uma horrível tempestade nas costas da vila. ¿Que probabilidades de salvação poderia oferecer uma jangada, quando bastava uma onda para varrer quantos sôbre ela se encontrassem?

Os colonos tinham-se tranquilizado; os recemchegados adaptavam-se pouco a pouco à sua nova vida, até que um dia, os que estavam em observação, porque não se descuidara a vigilância, assinalaram um navio à vista.

(Continua).

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XXV

Deram o sinal de alarme; todos os colonos suspenderam o trabalho e se agruparam nos pontos estratégicos préviamente escolhidos. Os marinheiros e soldados foram destinados aos serviços necessários.

Com os óculos de longo alcance, que os terraliberianos passavam de mão em mão, examinavam o barco e depressa viram que era de guerra, ainda que não pudessem reconhecer o pavilhão.

Tinha-se construido um semáforo e ao navio que se aproximava fez-se sinal para parar. Como não fizesse caso da advertência, avisaram-no com um tiro de pólvora sêca.

O barco continuou a sua marcha para a ilha, como se nada tivessem visto ou ouvido os que para ela se dirigiam.

Outro tiro e uma bala que passou silvando entre a mastreação caindo no mar a pouca distância, tam pouco causou impressão.

Porêm, outro que se seguiu imediatamente e lhe levou um respiradouro, fez compreender que podia ser perigoso avançar.

O barco deteve-se.

A' distância a que se encontrava, podia ver-se bem com o óculo que os marinheiros faziam preparativos de combate, ondeando sôbre o mastro o pavilhão francês.

Não havia dúvida; tratava-se do excomandante. Fez-se sinal para deitar à água uma lancha e de enviar um parlamentário.

Não tardou que se visse preparar uma lancha e que nela embarcassem seis remadores e um oficial.

Uma parte dos terraliberianos reünidos na praia, esperavam em silêncio. Quando o oficial pôs pé em terra, os que lhe foram ao encontro conduziram-no à assemblea.

Berthaut, tomando a palavra, em nome de todos, preguntou:

—¿Com que intenções vem o vosso barco? ¿Porque não parou quando fizemos sinal para isso?

O oficial respondeu com orgulho:

—Recolhemos no mar o comandante de *La Aretusa*, senhor de Kerguennec e os seus oficiais, que informaram o comandante do *Fulminante*, êste é o nome do nosso barco, dos acontecimentos que o trouxeram a esta ilhá e dos que se deram depois, a rebelião dos deportados e a pilhagem do barco, armas e provisões.

O comandante do *Fulminante*, a instâncias do sr. de Kerguennac, consentiu em desviar-se da sua rota para vir restabelecer a ordem e a disciplina entre marinheiros, soldados e deportados e assegurar o livre funcionamento da autoridade legítima desconhecida.

Não há duvida que, sendo o vosso refúgio descoberto e unidos novamente à mãe pátria, abandonareis toda a idea de luta e vos submetereis imediamente.

—¿E se não nos submetermos?

—A ilha será bombardeada.

—¿Que tratamento nos reservam se nos submetermos?

—Os promotores da rebelião serão os únicos castigados; os outros continuarão na sua situação anterior e empregar-se hão nos trabalhos que ordene o comandante, esperando a resolução do govêrno, que decidirá se hão de permanecer na ilha ou se serão conduzidos ao lugar primitivamente designado.

Berthaut, que enquanto falou o oficial se conservára de braços cruzados, esperando, com um sorriso irónico, que acabasse, respondeu:

—Senhor oficial, queira dizer ao seu comandante que, tendo encontrado a liberdade e sabido procurar a felicidade pelo nosso trabalho, estamos dispostos a tudo para a conservar e preferimos a morte a sermos outra vez tratados como presidiários.

Diga-lhe também que se nos quizer bombardear, teremos com que lhe responder. Bem viu que nos sabemos servir dos canhões que nos entregou o naufrágio de *La Aretusa*.

O oficial inclinou-se e replicou:

—Está bem; porêm, admitindo que tivesseis salvo todas as munições contidas nos seus paiois, elas não são inexgotáveis e não as podereis renovar; além disso, os recursos que contêm a ilha são muito restritos e ão podereis resistir muito tempo sem vos verdes obrigados a render-vos pela fome e pela impossibilidade de defesa. Entre vós há mulheres e crianças e deveis evitar os horrores de um bombardeamento.

—O senhor de Kerguennec enganou-vos àcêrca dos nossos recursos. E se o senhor nos quere acompanhar à nossa vila, poderá reconhecer que os nossos recursos permitem-nos defender melhor e durante mais tempo que julga.

O oficial aceitou e Berthaut conduziu-o á vila, cuja *silhuette* se esboçava ao longe, na iminência onde estava situada.

Fê-lo visitar os armazêns, as oficinas onde se fundiam os obuses, a fábrica de pólvora em plena actividade; fez-lhe ver tudo o que havia produzido a indústria dos terralíberianos e depois conduziu-o em silêncio ao local onde o aguardavam os seus homens.

O oficial parecia preocupado.

—Eu darei conta do que vi. Há aqui soldados e marinheiros. Tenho ordem de lhes prometer benevolência e que não serão alvo de qualquer repressão se quizerem submeter-se à autoridade dos seus chefes.

—Nós não impediremos de nenhuma forma os que se queiram ir embora daqui—tornou Berthaut.

E, dirigindo-se ao grupo de soldados e marinheiros que se juntara perto deles sem esperar que dissessem qualquer cousa, acrescentou:

—Já ouvisteis, companheiros; se vos quereis unir aos vossos oficiais, prometo que não vos impediremos. Os vossos oficiais perdoam-vos se vós nos abandonardes cobardemente. A colónia não têm interêsse em reter qualquer pessoa à fôrça. Os que queiram aproveitar as boas disposições dos seus amos, sigam com êles. Liberdade para todos entre nós.

Uns duzentos homens separaram-se do grupo, adeantando-se lentamente, como a pesar seu, com indecisão, alguns avançando e retrocedendo vacilantes.

—Eu não posso embarcar agora toda essa gente — disse o oficial, que já se havia despojado do seu tom altaneiro.— Volto ao barco e virá a chalupa a vapor buscar-vos.

Berthaut inclinou-se.

O oficial saüdou e dirigiu-se para a lancha que, vigorosamente impulsionada pelos remadores, voltou para o barcos

Alguns momentos depois, era lançada à água a chalupa a vapor que se dirigiu para a praia.

Os que se iam embora, aproximaram-se, acompanhados de Berthaut e alguns outros terraliberianos.

Como não podia embarcar mais que uns cincoenta indivíduos de cada vez, teve a chalupa de fazer um segundo carregamento e voltar.

Á segunda viagem, o embarque fez-se mais lentamente; soldados e marinheiros apartavam-se para deixar passar os mais apressados; os seus semblantes revelavam a luta interior dos mais opostos sentimentos.

A' terceira, alguns que já tinham posto o pé na lancha, retrocederam, como que reflectindo. A' última viagem, a chalupa só levou uns vinte homens.

Ficaram ainda uns trinta em terra depois de muita vacilação, declarando que nada os levava a voltar à Europa e que preferiam viver livremente com os seus companheiros do que vestir novamente a *libré* degradante do militar profissional.

XXVI

Os Terraliberianos não perderam tempo para assegurar a sua defeza. As peças, bem providas de munições, protegidas por terraplanagens e servidas por determinados homens, estavam dispostas para a recepção do *Fulminante*.

As mulheres e as crianças, colocadas em sítio resguardado do tiro dos assaltantes, dedicavam-se aos diferentes trabalhos acessórios necessários aos defensores.

As ferramentas, provisões e tudo cuja perda podia ser irreparável, tinha sido mudado para lugar seguro que não estivesse, como a vila, exposto ao fogo do couraçado.

Os colonos esperavam tranqüilamente os acontecimentos.

Aproximando-se a noite, pensou-se que o ataque se adiaria para o dia seguinte, mas pelo sim pelo não organizou-se uma vigilância cuidadosa, enviando as chalupas em reconhecimento para evitar uma surpreza.

O *Fulminante* varreu o mar toda a noite com os seus focos eléctricos.

Os colonos sentiram não ter pensado em estabelecer um foco eléctrico, porque sendo mais densa a obscuridade próximo da rajada de luz que enviava o couraçado, teria podido encobrir fácilmente uma surpreza.

Como as chalupas não tinham mais que um objecto de vigilância, e não era de temer que intentassem surpreender o barco, mantendo-se a grande distância, não as molestaram de qualquer modo.

Perto das lanchas chamou a atenção dos remadores uma voz que parecia saír da água. Detiveram-se e, procurando ver entre as trevas, avistaram a pequena distância a cabeça dum homem que se aproximava nadando.

— Por aqui — disse um dos remadores, estendendo-lhe o remo quando o nadador estava próximo.

—Obrigado!—disse, ao pôr o pé na chalupa—Temia não poder alcançar-vos ou que com o seu maldito projector me descubrissem e me pescassem.

Contou em seguida que, tendo sido posto a ferros por ter esbofeteado um contramestre que o insultara, soubera por um amigo seu da chegada do excomandante de *La Aretusa* e da história dos deportados.

Continua).

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

XXVI

Aproveitando a falta de vigilância produzida pela azafama do combate, o seu amigo, a instâncias suas, livrou-o dos ferros e logo, aproveitando a obscuridade, deslizou por uma corda para o mar e, nadando entre duas águas, pôde afastar-se do barco.

A chalupa conduziu-o à praia, para que pudesse mudar de fato. Assim que se viu com roupas sêcas e tranqüilo entre os terraliberianos, começou a dar notícias da Europa, porque antes de embarcar como marinheiro, havia participado activamente no movimento operário revolucionário e tinha estado sempre em comunicação com os seus companheiros.

Durante certo tempo, as medidas de repressão, dirigidas sempre contra os operários conhecidos como mais inteligentes e activos, pareciam ter detido ahá pouco, mas activos e apaixonados propaganda; porém, tudo isso era superficial e aparente, porque se haviam desaparecido os jornais operários, se todas as associações e federações estavam dissolvidas, o descontentamento e o mal estar continuavam do mesmo modo.

As greves multiplicavam-se e cada vez eram mais violentas.

Nalgumas localidades tinham-se dado motins sangrentos, com fábricas incendiadas e patrões assassinados ou espancados.

Os chefes socialistas, para conservar o seu prestígio, impulsionados pelos seus eleitores mais activos e também esperando apoderar-se do poder, haviam rompido com o govêrno, sustentantando uma campanha tam enérgica no parlamento, que muitas combinações ministeriais foram desfeitas.

Porém, uma parte dos eleitores não se contentava já com essas manobras e tinha-lhes imposto voltaram simplesmente ao programa puramente socialista:—expropriação da terra e dos instrumentos de trabalho e sua entrega a título de usufruto às corporações de produtores, abolição dos exércitos permanentes, armamento de todos os cidadãos. E isto não era já para uma época mais ou menos remota, mas sim como programa imediato, o que assustava os chefes, que esperavam sempre alcançar o poder burguês, e que, apesar de entreterem o eleitor socialista, viam a sua autoridade diminuir diàriamente e atacada por jovens aparecidos

Os elementos avançado, dispersos um momento, voltaram a juntar-se depressa e, apesar de lhes proibirem a propaganda pública, faziam-na secretamente.

A sua actividade concentrara-se nos sindicatos—reorganizados mais ou menos ostensivamente segundo as circunstâncias de tolerância ou descuido das autoridades—onde procuravam provocar e acentuar as reclamações dos trabalhadores.

Os acontecimentos favoráveis e todos os que revestiam alguma importância, assim como os resultados das greves e os actos de vingança e de rebeldia, anunciavam-se em manifestos.

Os movimentos operários, cada vez mais freqüentes, não se limitavam já a pedir a jornada de oito horas, obtida em quási todos os ofícios, nem outras melhorias análogas, dirigindo-se para a conquista, pelas organizações sindicais, dos instrumentos da produção. Nalgumas greves os operários tentaram correr com o patrão e identificar o trabalho e o capital nas pessoas dos trabalhadores. Havia capitalistas que falavam em vender as suas fábricas aos operários, mediante certos acordos que lhes permitissem, assim como aos seus descendentes, continuar a vida de parasitas.

Na Rússia, a aliança dos liberais burgueses e do czarismo não podera conter o povo nem acalmar as reclamações dos operários e camponeses. Uma explosão revolucionária deu fim ao czarismo e obrigou a burguesia a carregar com a responsabilidade das medidas coercitivas, deixando-a sem saber onde dirigir-se e vendo-se impotente para impedir que os trabalhadores da cidade e do campo lhes arrancassem pedaços do seu poder político e económico.

Na Alemanha, os velhos bonzos da social-democracia viam decaír a sua influência. Compreendendo os operários que os haviam entretido durante muito tempo, abandonavam pouco a pouco o partido para lutar no campo económico, outro grupo de social-democratas preparara-se para formar um partido republicano. O Kaiser começava a ter tanto trabalho na sua casa, que já não se metia na dos vizinhos.

O império da Austria já não existia; as diferentes pequenas nacionalidades que o compunham tinham recobrado a sua autonomia. Em algumas ensaiavam-se reformas sociais.

Em Itália, em Espanha, em Portugal, constituidos em Repúblicas, abundavam as greves e motins e até a pequena Bélgica começava a dar-se conta de que os seus chefes socialistas não eram mais que farçantes.

A Suissa, onde o partido revolucionário desaparecera há algum tempo, começava a dar novamente sinais de vida.

Inglaterra continuava passando dos conservadores para os liberais. Aquele será provavelmente o último país que chegará à liberdade perfeita.

Em resumo: em todas as partes os trabalhadores adquiriam a consciência da sua situação e apresentavam enérgicamente as suas reclamações.

Passou-se a noite escutando as novidades trazidas por Pradier, assim se chamava o marinheiro evadido, respondendo êste às perguntas que lhe dirigiam.

Por fim, começou a nascer o dia e, pouco a pouco, apareceu a massa sombria do *Fulminante*.

Quando começou a mostrar-se o sol, o couraçado começou a bordejar parando pouco depois. Um momento depois elevou-se uma leve fumarada duma das torresinhas, um silvo agudo passou sôbre os terraliberianos que estavam na praia e uma bomba foi estalar contra uma rocha a uns cincoenta metros detrás dêles, emquanto se ouvia uma detonação surda que vinha do mar.

Os terraliberianos que estavam a descoberto formaram um refúgio donde pudessem vigiar as manobras do agressor.

Outra fumarada se elevou do barco, um novo silvo e outra detonação se ouviu; mas a granada passou sem fazer efeito.

Um antigo artilheiro de *La Arcinsa*, um dos primeiros desertores que se passaram aos colonos, estava junto à peça apontando sem precipitações.

Quando julgou o momento propício, retrocedeu alguns passos inflamando o detonador, esperando o efeito do tiro.

Mas a granada devia ter passado sôbre o *Fulminante*, não se vendo cair à água. Sem dúvida tinha ido parar ao outro lado.

—Será preciso tocar abaixo da linha de flutuação—disse Parmentier—assim acabaremos mais depressa.

Mas o *Fulminante* não perdia o tempo. Uma atrás da outra, duas granadas vieram cavar a terra perto da peça de Parmentier.

Este tinha-a carregada; apontou outra vez, emquanto que uma granada enviada por outra peça dos terraliberianoa caiu sôbre a couraça da torre do couraçado.

Parmentier deu fogo á sua peça e viu-se a granada tocar a agua um pouco adeante do vapor, emquanto que êste respondia com todas as suas peças.

—Demasiado baixo—disse Parmentier, emquanto tornava a carregar a peça.

A descarga cerrada do *Fulminante* passou sem causar dano.

Parmentier fez nova e cuidadosa pontaria e fez fogo. A granada partiu; o seu silvo foi apagado pela detonação da peça, mas viu-se a agua saltar em volta do vapor.

Parmentier disse—parece-me que... Não pôde acabar a frase. Uma enorme coluna de ferro e de fogo se elevou no *Fulminante*. Em seguida ouviu-se uma enorme explosão

Quando se dissipou o fumo, o vapor apresentava o aspecto duma ruina lamentavel e viu-se que se afundava lentamente.

Os Terraliberianos, estupefactos, ficaram imoveis. Depois, correram por todos os lados para a praia e as chalupas foram lançadas imediatamente à agua para correr ao local do sinistro, salvando, se fôsse possivel, algumas das vítimas.

Mas ainda não estava percorrido metade do caminho e viu-se desaparecer o que restava do *Fulminante*, levantando uma tromba de agua que caiu irisada pelos raios de sol, e o mar ficou liso e tranqüilo, flutuando alguns restos da explosão.

Os colonos que haviam ficado na praia, viram as chalupas explorar o lugar da catástrofe, de onde voltaram sem terem podido salvar cousa alguma, só se vendo flutuar cadáveres.

¿Tocou a granada de Parmentier o paiol da polvora? Produziu-se a explosão por uma imprudncia ou por acidente? Nada ficou para aclarar a dúvida.

Reünidos na praia, os terraliberianos permaneceram durante algum tempo imoveis, horrorizados, maldizendo o que os obrigavam a taes hecatombes para a defesa da sua liberdade.

O segrêdo do seu refúgio ficava no fundo do mar.

Eram livres de continuar vivendo ignorados de todos, ou de renovar as suas relações com o velho mundo, utilizando os meios creados pela poderosa indústria inspirada no ideal de liberdade.

FIM